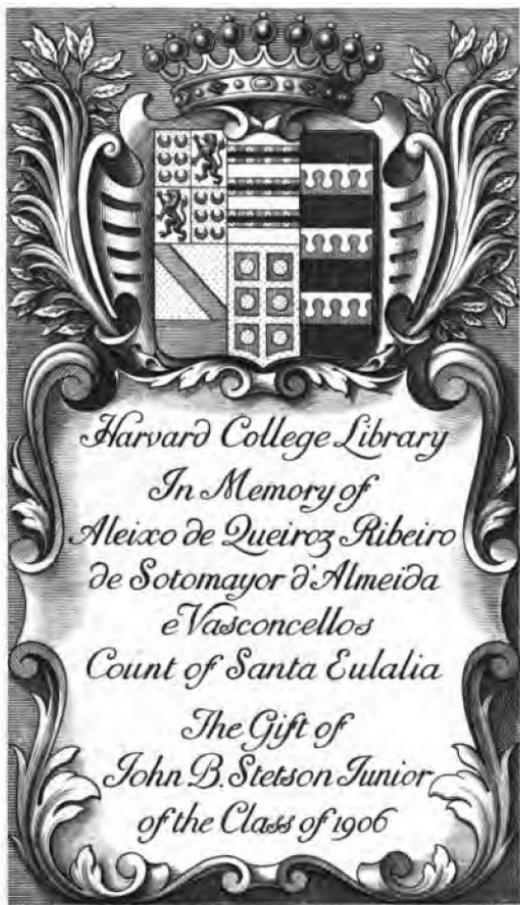
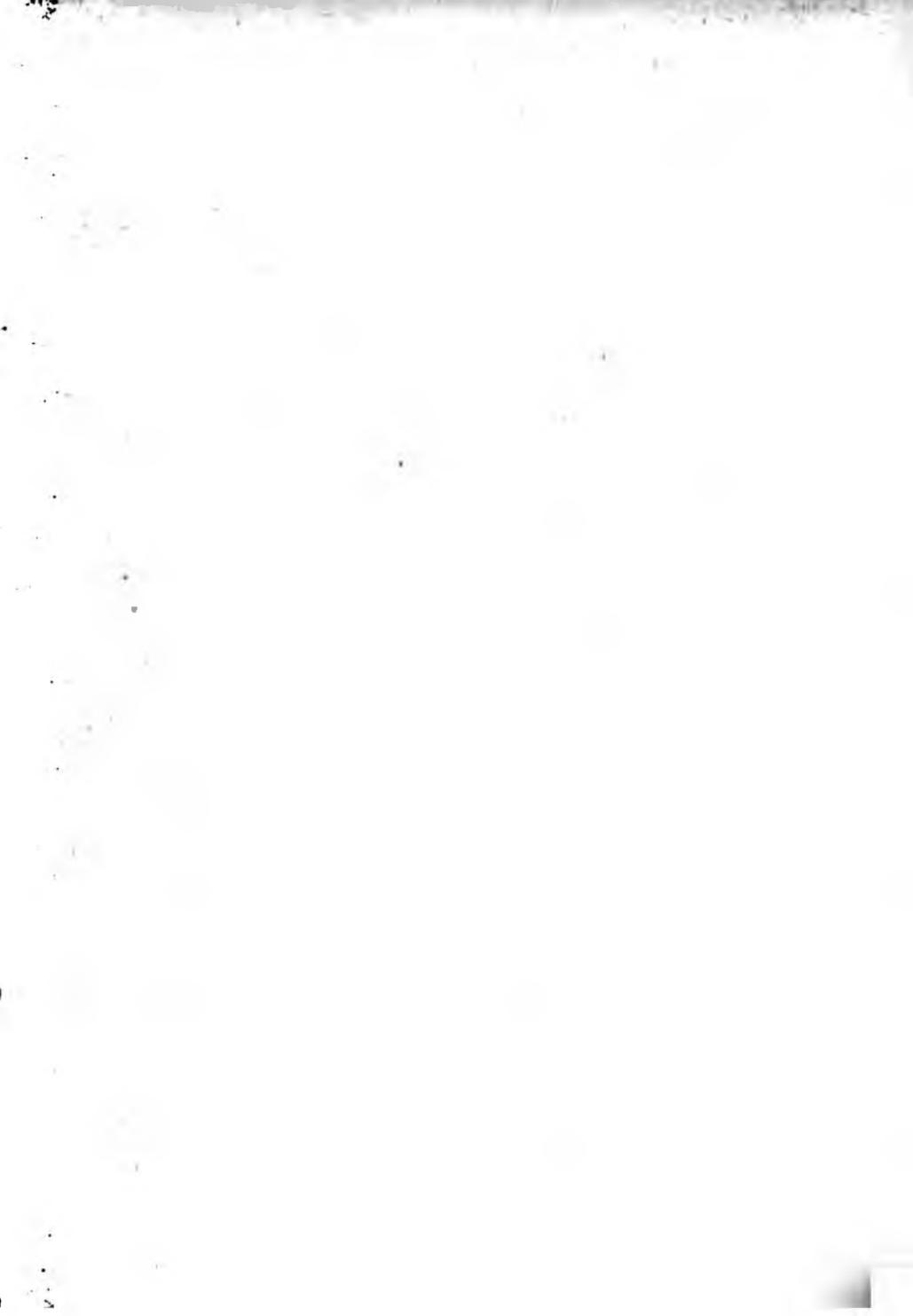




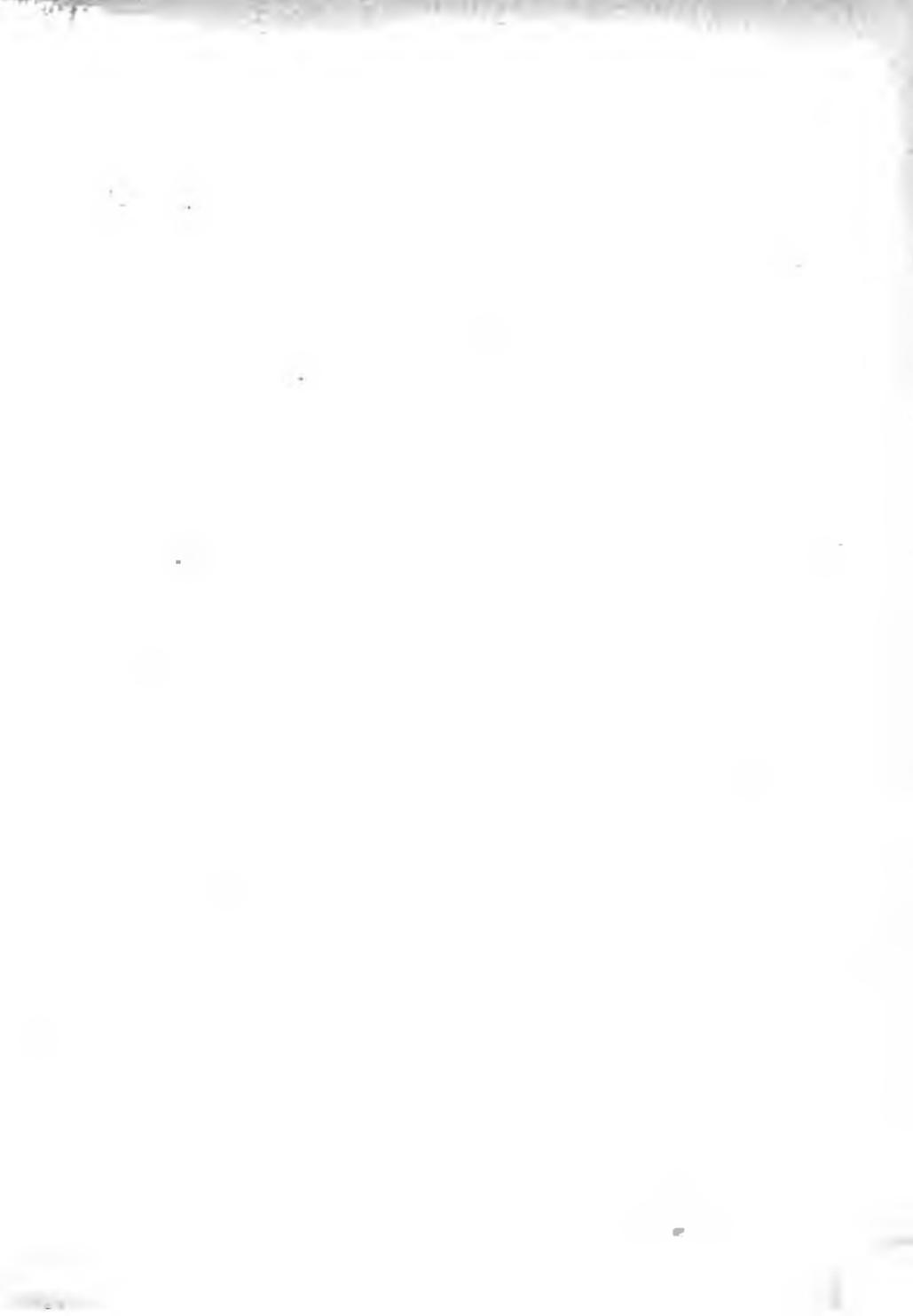
SAL 9151.86.11

5 vol.
69202















OBRAS
DO
DR. LUIZ DE CASTRO

COM UM PREFACIO
POR
LUIZ DE CASTRO, FILHO

TOMO V
POESIAS



LISBOA
TYP. DA COMPANHIA NACIONAL EDITORA
55 — LARGO DO CONDE BARÃO — 57
1891

SAL 9151.86.11

✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.

JUN 10 1924

I

POEMAS

A minha jornada de Coimbra para o Porto a 12 e 13 de novembro
de 1846

(Chamados n'este anno a Coimbra os estudantes para a abertura das aulas, foi esta, prolongando-se a guerra civil, differida de prazo em prazo, até que d'ella se desistiu de todo).

Adeus, Coimbra, malfadada terra,
Terra de monos, onde a *cabra* ¹ berra,
Onde a monotonia espalha horrores,
Onde virgens não ha, risos, amores.
Adeus, degredo meu, meu captiveiro,
Que ao Porto irei passar um anno inteiro.

Já o gordo José deu passaporte,
E a prôa eu ámanhã porei no norte.
E vá capa, batina, gorro, tudo,
Para servir lá só no bello entrudo,
Que as aulas d'esta vez serão de grillo.
Mas, diabo, que vem a ser aquillo?

¹ Sineta que chama para as aulas.

Na minha mala um livro? Já p'ra fora!
 Irra! Era mesmo o que faltava agora.
 E um Romanista então n'estas alturas,
 Livra Deus, que é signal de desventuras.

Feche-se a mala, fique tudo prompto
 P'ra as tres horas poder partir em ponto,
 E vem tu cá, leal espada minha,
 Dormir has de hoje ao menos na bainha.

Meia noite soou, vamos p'ra a cama,
 Que o somno o tempo seu tambem reclama.
 Façamos por dormir, não nos lembremos,
 Que ao nosso bello Porto em breve iremos.
 Mas vão é todo o esforço, e quanto mais
 Afasto ideias ao dormir fataes,
 Oh! tanto mais na mente ellas me fervem,
 E a desterrar-me o somno todas servem.
 Já uma, depois duas horas derão,
 E áleria os olhos meus sempre estiverão. —
 Com vivas phantasias docemente
 Se liga inteiro olvido do presente.

Do Porto geme e range a pensil ponte
 Debaixo do tropel de fero ethonte,
 E deixo a toda a brida, á desfilada,
 Uma rua após outra atravessada.
 Longa espada voando açouta o lado
 De espumante ginete acelerado.
 Verde e branco, da minha amada as côres,

Ostento p'ra signal dos meus amores,
 E adeante! adeante! hopp! hopp!
 Ávante! ávante! em rapido galope.

À direita, acolá, n'uma janella
 O verde e branco mostra uma donzella:
 «Á meia noite! Adeus!» Ávante! ávante!
 E longe o meu corcel vae n'um instante.

Por tenue corda subo uma sacada,
 E eis-me no quarto a sós co'a minha amada,
 Mil beijos lhe imprimindo e recebendo,
 Mais ditoso que um nume então me crendo.
 Co'os braços a enlacei pela cintura,
 Inda a estreitando com maior ternura,
 Sedentos labios meus collei nos seus,
 Já ia ser feliz... porém, adeus!
 Á porta alguém bateu, e lá vae tudo.

Ao som accordo do gritar agudo,
 Com que o rapaz dos burros segundava
 Horriveis encontrões, que á porta dava.

Álerta! álerta! leva arriba! álerta!
 Oh! lá, Montinho amigo, esperta! esperta!
 A pé! vamos p'ra o Porto, fora! fóra!
 Que já soou na sé a quarta hora.
 Venhão as botas, venha a espada fina,
 Minha valente espada Clementina.
 Venha aquelle chapéo. Ora accendamos
 Inda este cigarrito. Eia, partamos!

E vem Resma Pataco, e tu, calouro,
 Mais negro que noctivago besouro,
 Ambos acompanhae-nos á Sophia,
 E dissipae fatal melancholia,
 Que ha de a vossa vez chegar tambem
 De irdes ao Porto vêr o vosso bem.

Eh! vamos lá, rapazes. Oh! cuidado
 Que este bêco não está mui bem calçado.
 Adeus, oh! Fonte Nova, adeus, adeus;
 Adeus, tu, Santa Cruz, e os bosques teus.

Eis-nos já na Sophia. Oh! lá, casmurros,
 Apparelhae, trazei p'ra fora os burros.
 «Oh! mais vale esperar os mais senhores.»
 Qual demo! Tudo prompto é melhor pôres,
 Que elles grande demora já não tem.
 Ah! que frio infernal! — Elles lá vem,
 Adriano, Guilherme e Vasconcellos,
 Todos rapazes para a sucia bellos.
 Eia! lá vem segundo contingente,
 Calouros cinco ou seis, bisonha gente.

Vem os burros então? Por quem se espera?
 Agora chega a pressa? Ah! quem vos dera
 Com um bom varapau n'esse costado.
 «Aqui vem, aqui vem tudo arreado.
 «Vá n'este, Sô Doutor, que não vae mal.»
 Sim, nunca houve p'ra vós máu animal,
 E o mais estropeado, vil sendeiro

É, qu'rendo-vos ouvir, corcel ligeiro.

Eis-nos emfim montados, porém horas

Já cinco derão com as taes demoras.

Calouro e Resma, adeus. Por vós visitas

Farei do Porto ás môças mais bonitas

Em longa procissão, a um de fundo

Marchamos como a conquistar o mundo,

E tal é a algazarra, a vozaria,

Que nem que fôsse a lobos montaria.

Quem poderá ser triste ao Porto indo?

Nós vamos só cantarolando e rindo.

Lembra-se uma cabeça mais brejeira

Da modinha: «Na minha laranjeira

Cantava um rouxinol.» Com esta saem

Muitas outras á luz, que a geito caem;

E cresce tanto mais a brava troça,

Quanto o frio infernal mais nos acossa.

Porém já se não pode isto soffrer!

A pé! vamos a pé! toca a aquecer!

Com apoiado, bravo, e olaré,

É repetida a voz: vamos a pé!

E pulando depois, sem mais reserva

Redeas se lãrgão á burrical caterva —

Redeas não, que jámais virão gericos

Nem a sombra de redeas, ou mais ricos

Apparelhos, que putrido albardão,

Mostrando em partes mil um boqueirão —

Mas as cordas, que fazem de arreatas,
 Abandonão-se aos brutos, que co'as patas
 Pisando n'ellas vão, a tropeçar,
 Té que os moços lh'as vão lá enroscar
 Do pescoço ao redor conforme podem:
 Pois ao que é seu sem se chamar acodem.

Oh! lá, porque não vae, senhor Moutinho,
Ut nos pede calcante um boccadinho,
 Os pés para aquecer, ou não tem frio?
 «Oh! sim, com elle eu todo me arrepio;
 «Leve o diabo, se não bato o queixo,
 «Porém se a pé me ponho não me mexo.
 «Não vê d'estas polainas a grandeza
 «Capazes de ensaccar a redondeza?
 «E como quer que a pé lhe siga o rasto,
 «Se pelas pernas levo o mundo arrasto?!¹
 Que fazes. Adriano, home' assim caes?
 «Metti um pé n'um pôço, nada mais!»
 E por que em casa os oculos deixaste?
 Mas eisahi o sol — lá ensopaste
 O miseravel pé n'outro atoleiro:
 Ora sempre és bem fraco caminheiro.
 «Não 'stou p'ra mais asneiras, vou montar.»
 Dizes bem, vamos todos cavalgar.

Quem pilha os orelhudos! Eis o meu.

¹ Estes quatro versos são do proprio A. F. Moutinho.

Quereis vêr com que garbo o monto eu?
 Hopp, eia! um salto arriba! — Oh! pára! pára!
 Chó! chó! alto! se não quebro-te a cara.
 Maldicto burro, espera! — Adeus! adeus!
 Lá pespegou no chão co'os ossos meus.

Então vós rides da desgraça minha?
 Que leve Satanaz a tal gracinha,
 Pois ficar bem pudera esborrachado
 Debaixo do animal desenfreado.

Mas, ai! o que elle foge — oh! quem m'o pilha!
 Co'os demos todos, já lá vae a silha!
 E joga de garupa, o Brazabuh,
 Soltando ao mesmo tempo cada puh,
 Que decerto o diabo todo inteiro
 No corpo se metteu ao pannelleiro.
 Já sei que de ir terei, em quanto o caço,
 Calcurriando a pé um bom pedaço.

Mas elle corre mais do que eu — além
 Um caminhante em hora boa vem.
 Oh! lá, patrão, agarre-me o burrinho —
 Obrigado, obrigado, patrãozinho.

Safa! que estafadela eu apanhei!
 E vós rides? Ora eu tambem rirei,
 Quando fôr vossa a vez de o chão medir.

Ah! bravo, Vasconcellos, conseguir
 Pudeste do teu burro um tal andar?
 Isso é desappar'cer! — Nem a voar! —

Eh! lebres vaes correr? — Ai! desgraçado,
Lá escorrega a albarda toda a um lado,
E eis-te ahi no chão a espernegar.

Ora anda, p'ra outra vez vem caçoar. —

E tu, calouro, couces te fizerão

Pelo pescoço ir fora? Nem pudérão

As orelhas servir p'ra amparo teu?

«O burro é que cahiu, e não fui eu.»

Pois seja como fôr, levanta a ossada,

Que em Vendas Novas vamos dar entrada.

Olé! aqui já pandegos ha mais.

Bem encontrados são patuscos taes.

Em quanto frescos burros nos procurão,

Comamos, que as barrigas não aturão

Por mais tempo o jejum; porém demoras

É que não tem logar por estas horas.

Não lembras mal, calouro, e mostras tino.

Comamos o farnel, que um bom destino

Quiz que trouxesses. Bravo! Oh! lá, gallinha,

E o bello salpicão da paixão minha!

Assim o nosso tempo não gastamos

Á espera que nos fação que comamos.

Eh! Venha pão e vinho, oh! lá, patrão,

Porém olhe que seja a pinga boa.

«Melhor a não encontra em outra tasca.»

Ora provemos. — Ai! que é do que rasca.

Emfim sofframos o que o Céu destina,

Que em paga o salpicão 'stá pápa fina.

Oh! velha, tem você manteiga e chá,
Ou isso é cousa nunca vista cá?

«Pois não ha, Sô Doutor! Já lh'o aqui pranto.

«E vão vossemecês comendo em quanto

«Eu o vou arranjar, que é n'um momento.»

Pois traga, qu'remos vêr esse portento.

Bravo! as chicaras são já bons trastinhos.

Eh! bebedouros são de passarinhos.

Mas quatro tão sómente? Traga mais.

«Se eu não tenho, senhor, outras eguaes!»

Pois deseguaes que sejam, venhão ellas.

«Vossemecês então querem tigelas?»

Pois é trazel-as, que isso ha de servir.

Mas olhe o chá, se pode tambem vir.

«Eil-o aqui vem, senhor, e a pellar.»

Pois sim, a côr já é para inculcar.

É isto que você nomeia chá?

Pois de agua suja alhur não passará.

Porém toca a partir, vamos embora,

Que pode ser fatal qualquer demora.

Vamos! Que é do meu burro, oh! lá, rapaz?

«É este, Sô Doutor, e é qui capaz.»

O que? Esse miserrimo animal?

E com um albardão sem igual,

Que a pouca palha traz toda de fora?

Está bom! Contentemo'-nos, já agora.

Eia, marchemos! Toca lá p'ra a frente,
 Que vagares o tempo não consente.
 Àvante a galopar, que é plana a via.
 O meu burro é melhor do que par'cia.
 Vêde como se leva, o desalmado,
 Em galope veloz, desesperado.
 Ai! lá o meu pimpão vae de focinhos.
 Ora leve o diabo os taes burrinhos.
 Mas á terra não fui, em pé fiquei:
 Então ser cavalleiro não mostrei?

Eis-me outra vez montado, e vamos lá!
 O Moutinho porém onde estará?
 Quem sabe d'elle? Viste-o tu, rapaz?
 «Senhor, elle ficou inda lá atrás
 «Á espera de um jumento, que faltava.»
 E appareceu o burro? «Elle ficava
 «Já prompto p'ra marchar quando eu parti,
 «E muito não pod'rá tardar aqui.»
 'Stá bom, quando vier é bem chegado.

Que fazes tu, Guilherme, ahi parado?
 «Se eu não posso sahir d'este atoleiro!
 «De todo se espetou o meu sendeiro.»
 'Stás servido, encalhaste em bons logares!
 E como has de sahir sem te molhares?
 «Só se eu ás costas fôr de algum rapaz.
 «Oh! tu, de me levar serás capaz?»
 «Pode fiar-se em mim, que não tem p'riço.»

Olha bem no que vaes metter-te, amigo,
Que elle é pequeno p'ra poder contigo.

«Sou pequeno, mas rijo, venha cá,
«Que eu lhe prometto, aqui não ficará.»

A San Telmo encomenda-te primeiro,
Não queiras navegar sem padroeiro.
Ora vamos, porém muito cuidado,
Se não ficas aqui hoje enterrado. —
Tem-te, homem, tem-te! Adeus. . . lá te salvaste.
Ora anda, que não sei como escapaste.
Saquem agora o burro, e toca ávante!
Não temos que perder um só instante.

Inda bem, já não 'stá tão frio agora.
Porém vamos fazer por deitar fora
O resto de caminho, que faltar
Nos puder á pousada até chegar.

Que casas são aquellas acolá?
«É a Palhaça, que alli começa já.»
Oh! bravo! muito bem! mas toca a vêr,
Se aqui prompto haverá algum comer.

Oh! lá, da casa, alguma cousa ha feita?
«Feito nada, porém prestes se ageita
«Algum franguito. . .» Nada, qual cabaça!
Não podemos esp'rar que isso se faça.
Não tem você então nem peixe frito,
Nem fructas, ou de queijo um boccadito?
«Senhor, ha só maçãs, mas cousa boa.»

Pois traga-as, mas com vinho e trigo, ou brôa.

E do Moutinho feito que será,

Que das Vendas ninguem o viu p'ra cá?

Vae tu olhar d'alli se o vês, rapaz.

«Não o vejo, é que fica inda p'ra atraz.»

Comamos pois, e quem tarde vier

Bem poderá comer do que trazer.

Finalmente chegou. — Então que teve?

Onde se demorou, onde é que esteve?

«Ora deixe-me. Venho quasi morto,

«Nem sei se poderei chegar ao Porto.

«O tal burro moeu-me, e nem andava

«Apesar do aguilhão, que lhe espetava.

«Té com chegar aqui já não contava.»

Pois descance um boccado, e vamos lá.

Oh! quer maçãs? É tudo o que ha por cá.

Então, rapaz, os burros já trocaste,

E os que levão as malas carregaste?

«Já tudo prompto está, podemos ir.»

Pois, amigos, então toca a partir.

Que demo tem o burro? Elle se vae

Das pernitas de atraz. Ai! que elle cae.

«Não tenha medo, que isso é só em quanto

«Não aquece, depois não corre tanto

«Nenhum dos outros.» Bem, tenho entendido,

O tal gottoso deixa-me extendido.

Vamos, calouro, o teu gerico é fero,

E vêr-te galopar agora espero.
 Assim! assim! oh! bravo! então que tal?
 Anda que te sahiste menos mal.

Quem me dera em Aveiro, que enfastia
 Não pouco já a tal cavallaria.
 De mais a mais o frio inda por cima
 De novo nos ataca e desanima.
 Todos nas capas vão engurunhidos,
 E nem palavra dão, tão encolhidos!
 Pois eu não quero capa, eu vou a pé,
 Que isto para aquecer peor não é.

Eh! rapazes, alegres vos mostrae,
 Vinde a pé e vereis como isto vae.
 Pica o burro, Adriano, anda p'ra a frente,
 Ou ficamos na estrada eternamente.

Sim, senhor, isto está bem alinhado
 Com arvoredos de um e d'outro lado,
 E um passeio bem bom; isto que indica?
 «Indica que já alli Aveiro fica.

«Isto aos domingos é a *promenada*
 «Dos bons tafues d'aqui mais procurada.»

'Stá bom, muito me contas; pois então
 Vou montar p'ra metter um figurão.
 Mas ponha-se um na frente, que eu não sei
 Por aqui que caminho tomarei.

Oh! que ruas são estas tão soturnas
 Com casas, que parecem só cafurnas!

Apenas uma ou outra é melhorzinha.
Bem! não me desagrada esta prainha.
Estamos já no rio, e a estalagem
Fica então por aqui n'esta paragem?
«Aqui mesmo, senhor.» Toca a apear,
E tratemos quanto antes de cear,
Para podermos cedo inda embarcar.

Oh! lá, patrôa, arranje-nos depressa
Uma ceia p'ra dez, mas não a meça
Muito á justa, que as panças vem vazias.

Olha cá, Adriano, não dizias
Tu, que farnel na tua mala vinha?
«Sim, trago um salpicão e uma gallinha,
«Mas tudo vem por cozinhar.» Pois tu
Na mala o salpicão vaes metter crú?
O melhor é mandal-o preparar,
Que serve p'ra no barco manducar,
Ou então ámanhã para almoçar.
Dá-m'o cá, que eu vou dal-o á creada,
Que não é, como vi, mal encarada.

Oh! lá, menina, veja se agasalha
Este meu salpicão lá na fornalha,
Ou onde quer que fôr, e esta gallinha
Ha de vêr se tambem nol-a cozinha.
E traga a ceia mal 'steja comivel,
Que todos nós soffremos fome horrivel.
Vamos vêr entretanto se arranjar

Se pode quem nos leve até Ovar.
 Ora bem, eis ahi já um barqueiro
 Com cara de não ser máu marinheiro.
 Chame-se o bolsa : Oh ! lá, senhor Moutinho,
 Venha o barco ajustar, mas baratinho.
 E quando poderemos, Palinuro,
 Sulcar no teu batel o pego escuro ?
 «Eu chamo-me João, um seu creado ;
 «E lá isso em quanto ao mais é escusado,
 «Já sou taludo . . . » Olé, não percebeste :
 A que horas partiremos ? Entendeste ?
 «Antes das dez não leva o rio agua.»
 Pois isso dá-nos cá bastante magua ;
 Inda agora são seis, e que faremos,
 Nós por aqui até que ás dez chegemos ?

Mas eis a ceia ahi, vamos a ella,
 Que hoje não tomarei má fartadela.
 Quero o bandulho encher, pois não sabemos
 O tempo que na ria vagaremos.

Calouro, passa o lombo cá p'ra baixo,
 E venha em quanto é tempo, pois que eu acho
 Que devoraes mui bem, e do pratinho
 Á barriga fazeis curto caminho.

Oh ! menina, olhe cá, que não é pêta :
 Venhão os ovos molles da etiqueta.
 Ora ande, vá buscal-os, minha bella.

Veremos que taes são os ovos d'ella. —

Dá-me, cachopa, dá-me esse barril,
 Quero provar do teu, môça gentil.
 Oh! oh! oh! não 'stá máu, é bem docinho.
 Prove agora tambem, senhor Moutinho.
 «Sim, senhor, é bem bom, n'esta forrica
 «É que a tia Francisca se despica.»

O que me está apoquentando agora
 É não ter que fazer até á hora
 De nos irmos no barco encaixotar.

Qu'reis vêr o que arranjar foi o Aguiar?
 Oh! á fé de quem sou! É um baralho;
 Vem mesmo como quem lhe dá co'um malho,
 E viva o livro das quarenta folhas,
 Alma, vida e prazer nas mãos dos rolhas.

Porém ai! que sebentas ellas 'stão.
 Mas tudo serve n'esta occasião.
 P'ra todos entreter, jogue-se o monte,
 Porém de sorte tal, que ninguem conte
 Com parar de uma vez mais que um pataco,
 Pois temos por aqui muito macaco.

Então já quanto perdes, Eduardo?
 «Já perco trinta réis, vejo-me pardo.
 «Nem uma sorte dou, por mais que marro.»
 Ora sempre és uma alma de chicharro!
 Pois o que hei de eu dizer de mim então,
 Quando os meus tres vintens já me lá vão?
 Caramba! topo o monte n'esta dama.

São trinta e cinco réis, saio da lama,
 Ou de todo me espeto. — Eia, victoria,
 Ganhei, ganhei, levei o monte á gloria.

Mas deixemo-nos d'isto! Antes tratemos
 De passar os tarecos, que aqui temos,
 Já para o barco p'ra adeantar serviço.

E que o peor, amigos, não é isso.
 Como, diabo, qu'remos nós dormir
 Sem haver nada para nos cobrir?
 Com mil demonios, isto desanima!
 Co'uma esteira por baixo, outra por cima,
 De novembro uma noute andar no rio,
 É na verdade para morrer de frio.
 Porém quem me mandou por tal estrada?
 Leve o diabo o auctor d'esta maçada!
 Mas assim como fôï a vez primeira,
 Juro será tambem a derradeira.
 Dizem ser mais barata esta jornada,
 Mas eu já vejo onde ella vae fígada.
 Pois não! Quem nada come, nada gasta,
 E p'ra pagar tal cama pouco basta.

De travesseiro serve a mala bem,
 Mas aos pés é que o frio todo vem.
 O Moutinho bem vae: o tal ratão
 Soube-se encafuar lá no porão.
 Mas diga, já não caibo eu no paneiro?
 «Amigo, já cá vae outro parceiro,

«E já p'ra dois não ha muito logar.»

Pois o remedio então será penar.

Calado tudo vae, não se ouve um pio;

Só lá de um canto geme um: «Ai! que frio!»

Se eu pudesse dormir! Mas qual historia!

Ha de ficar-me a noute na memoria.

Alli já um resona: oh! que é feliz

Quem dormir pode assim! Mas eu que fiz,

Para uma noute d'estas me caber?

Inda bem que porfim me quer par'cer

Que os olhos de per si se vão cerrando.

Creio que dormirei — mas quando? .. quando?...

«Oh! lá, senhores, hão de ter paciencia,

«Porém vossemecês darão *licencia*.

«Oh! de erguer-se fará favor, Sô Castro,

«Que precisamos já içar o mastro.»

Com quantos demos ha no fogo eterno!»

Enforcados sejaes, villões do inferno!

Agora que a dormir 'stava tão bem,

É que os diabos cá tentar-me vem!

Irra! má mez p'ra vós! E sabe Deus,

Se a fechar tornarei os olhos meus.

Pois, brutos, está bom, içae o mastro.

Que vos leve o diabo o vil canastro.

«D'outras palavras, é melhor usar...»

Chitão! Caluda já, e nem piar!

Val-te seres villão, que se trajasas

Armas de cavalleiro, já provaras
Através duro arnez e rija malha
Da minha espada a tempêra sem falha.

Mas quanto andado temos do caminho?

«A metade, senhor, e um bocacinho.»

Tenho os pés, que os não sinto co'o tal frio:
Venha, venha d'ahi já o *arrepio*.

«Ahi vae, mas tambem qu'ria saber

«O que isto de *arrepio* quer dizer.»

É preciso calouro ser, ou tonto,
Para tal ignorar — mas eu t'ó conto.

Olha, ia de jornada o Zé Machado
D'alguns patuscos mais acompanhado.

Tinhão-se prevenido p'ra o caminho
De especial licor com um frasquinho.

Inda não era dia quando brada
Com piedosa voz, quasi afogada,

Um da sucia do frasco ao portador:

«Todo arrepiado vou, venha o licor.»

Não tardou que tambem arrepiasse

Logo o proprio doutor e reclamasse

O remedio em tal caso aconselhado,

E que optimo por todos foi achado.

Notou-se isto, e depois quem desejava

Empinar o frasquinho, arrepiava:

E ao remedio em rhetorica figura

O nome se foi dar do mal, que cura.

Com mil diabos, sempre está mui frio!
Mas lá vae á saude do arrepio.

Ora vamos fazer nós por dormir.

Quem dera ao menos com que os pés cobrir!
Mas já conheço que não é possível
Adormecer co'um frio tão horrivel.

Oh! quanto não dera eu por me apanhar
Por entretanto ao menos em Ovar!

Irra! Por Satanaz, se escapo d'esta,
Tão cedo me não metto em outra festa.
Ferra a unha, barqueiro, anda, trabalha,
Ou verás este páu como em ti malha!

Oh! que ventura, já me vae par'cendo
Que por alli a aurora vem rompendo.
Não me engano, é o dia! Oh! viva, viva.
Tambem nunca manhã vi tão esquiva.

Quanto falta, barqueiro, até Ovar?
«Senhor, estamos mesmo a lá chegar.»
Valha-nos isso, que o tal frio agora
Parece que refina a toda a hora.

Leva arriba, rapazes, eia, alento!
Que está para acabar nosso tormento.
Oh! que nunca passei noute igual,
E defenda-me Deus d'outra que tal.
Tomemol-a em desconto, camaradas,
D'outras, que fôrão bem de mais passadas.

«Aquellas casas vês? Já são de Ovar.»

Oh! bravo, bravo, vamos a atracar!

Juro que, se viesse da Turquia,

Não tinha terra ao vêr mais alegria.

O que ahi vae! Que bulha tão maldicta!

Todos : eu levo, eu levo essa malita.

Ora pois, péga aqui, mas olha cá,

Com geitinho e direito até acolá

Mui bem, deixem me agora ao sol andar,

Afim de vêr, se os pés posso aquentar.

Já mui cedo não é, porém busquemos

Sem mais demora cousa, que almocemos,

Para p'ra o Porto já poder marchar,

Que quero inda com dia lá entrar.

Co'os diabos! Já derão oito horas.

Não sei para que são tantas demoras,

Uma pinga de chá para arranjar,

E um bocado de pão para tostar!

Mas vamos para a mesa, que o patrão

Já ahi nos traz o chá, manteiga e pão.

Oh! e venha, Adriano, o teu chouriço :

Vae mesmo á mão, ninguem repara n'isso,

Pois os garfos são raros n'esta terra,

E a minha pança já de fome berra.

Traga mais pão, que está este acabado,

Depressa, não se faça mui rogado.

Vamos, então já as mulas se arranjarão?

«Ainda não ; os homens conspirarão

«Para fazer parede, e não as dar
 «Senão por um dinheiro de escaldar.»
 Ora venha mais essa! E que faremos?

«Por mulheres levar-nos mandaremos
 • As malas; nós á praça a pé iremos,
 «Que lá alguma cousa ha de appar'cer.»
 Vamos e nada então de se deter.

Mas não posso passar sem que vos diga,
 Que a tal estrada é boa p'ra uma figa.

Com effeito, mui longe fica a praça,
 E por caminho então, que tanto maça!
 «Não te zangues, que estamos quasi lá,
 «E é meia legua da ribeira cá».

As mulheres não querem mais andar,
 E já alli os carretos vão pousar.
 Não appar'cendo mulas, 'stamos mal;
 Não se dá, co'os demonios, cousa equal!

Olha, alli o Moutinho vem agora,
 Deitando os bofes pela bôcca fora.
 Vejamos se elle fez alguma cousa,
 Em quanto a minha espada aqui repousa.

Então que novas traz, senhor Montinho?
 «Ai! Jesus, venho mesmo do caminho
 «Já tão molle, tão moído, e tão maçado,
 «Como se o mundo houvesse rodeado.
 «E então co'estas polainas mal podendo!
 «Tive um trabalho nunca visto, horrendo.

«Quantas artes havia, em jôgo pul-as,
 «P'ra poder arranjar algumas mulas.
 «Deixem-me respirar por um momento!

«Tinha havido formal pronunciamento

«Contra o bicho escolastico matreiro,
 «E no conluio entrou quanto é vareiro.
 «No enthusiasmo seu tinha esta escoria
 «Nomeado uma junta provisoria,
 «Que a nós as leis havia de dictar,
 «Com que queria as mulas alugar;
 «Evitando que assim nossa prudencia
 «Aproveitasse a livre concorrencia.

«Comprar pois um traidor me foi forçoso.

«Logo appar'ceu quem pouco escrupuloso
 «Ao proprio o bem geral sacrificasse
 «E, inda que a custo, as mulas alugasse
 «Pelo preço commum de sete e vinte.
 «Mas o que elle salvou com todo o acinte
 «Foi o ajuste de parar na Rasa,
 «Pois sem embargos quer voltar á casa.
 «O que eu não sei é se lhe irão aos untos
 «Por a junta atraioçar d'estes bestuntos.»

Pouco se perderá que o leve a breca,
 Que elle por nosso amor não é que pecca.
 E estou que o tosarão, pilhando-o a geito.
 Mas sabe dos calouros que foi feito?

«Oh! é verdade, muito bem pergunta :

«Esses em mulas já lá vão da junta.
 «Té ao Corvo alugárão por dois pintos:
 «Não quizerão ouvir — vão para os quintos
 «É dos calouros sorte desgraçada,
 «Qu'rendo guiar-se, dar sempre patada.»
 Tem razão, Deus nos livre de tal gente.

As mulas vão tardando horrendamente.

I! co'a maleita, passa de onze horas!
 Nada me zanga como estas demoras.

Lá vem uma! É p'ra mim! Deixem-m'a ir,
 Que eu preciso p'ra a Rasa já partir,
 Para ao Porto de lá mandar buscar
 Um cavallo, no qual eu possa entrar.

Oh! patrão, chegue a mula para aqui,
 Deite-lhe em cima aquella mala alli.
 Oh! que o tal albardão fede a sardinha!
 Irra! nunca tal vi, por vida minha!
 Deite-lhe esse lençol em cima. Vamos!
 Adeus rapazes, té que nos vejamos
 No nosso bello Porto. Adeus. É! mula, avança!
 Nas tuas pernas 'stá minha esperança.
 Mal poderei chegar de dia ao Porto!
 Ora sêbo, hoje corre tudo torto!
 E então de mais a mais n'este areal
 Nem pode andar o misero animal.

O homem já me fica lá p'ra traz,
 E eu não sei o caminho — oh! lá, rapaz,

Por aqui para o Corvo irei direito ?

«Sim, senhor, vae mui bem.» Ora está feito !

Se me perdia aqui, tinha que andar.

Os calouros lá vão, quero-os pilhar.

Mexe-te, mula, ávante ! Quando não . . .

É ! calouros, vocês inda aqui vão ?

Á fé ! que sempre tendes tal finura !

Bem sabeis onde faz o coelho a lura.

Sempre sois animaes de uma tal casta !

Mas que ? Calouros sois, e tanto basta.

Qu'reis p'ra o Porto alguma cousa ? — Adeus.

É ! mula, que te quebro os ossos teus !

Passa do meio dia. — Oh ! bicha, a trote !

Não pouparei esporas nem chicote.

Oh ! lá vem a correr sôlta uma mula,

E os pinotes, que dá ! O que ella pula !

Decerto o cavalleiro foi a terra.

Lá vem calouro atraz, e o que elle berra !

Has de pilhal-a bem n'este espraído.

Se não tens quem te acuda, estás mangado.

Eu com calouros cá não me incommodo,

Não chegareis ao Porto d'esse modo.

Inda bem, que ella vae metter-se ao rio.

Oh ! pilhe-me essa mula, oh ! lá, meu tio,

Espere pelo dono, que ahi vem.

Tu chega o barco, passa-me p'ra além.

Rema, rema, depressa, vamos lá !

Passa-me agora aquelle homem p'ra cá.

Diabo, como a mula vae soada!

Não sei se aturará esta maçada.

Mas dê por onde der — anda, brutinho,

No Corvo te darei sôpas com vinho.

«Oh! lá, oh! Sô Doutor, veja o que faz,

«Que isso mata-me a mula; ella é capaz,

«Porém o Sô Doutor tem-m'a estafado.

«Ora olhe, veja, como vae o gado!

«Mais me valêra não ter alugado.

«Já cuidei que não mais o alcançaria:

«Ora sempre me vi n'uma agonia!»

Oh! homem, não se afflija, olhe que tem

Dois pintos na algibeira, andando bem.

Agora que o areal atraz deixamos,

Agora é que é andar, eh! vamos, vamos!

«Valha-me Deus, eu ando quanto posso,

«Mas devemos poupar o gado nosso,

«Que é das obras de Deus o bem que temos.»

Oh! lá, que casa é aquella, que além vemos?

«Senhor'stamos no Corvo, fica alli.»

Está bom, demoremo'-nos aqui,

Porém sómente o tempo, que bastar,

P'ra á sua mula algumas sôpas dar,

E p'ra você beber, trincar poder.

«E então vossemecê não quer comer?»

Eu por mim vou comprar umas castanhas,

Aquella môça alli, que as tem tamanhas.

Linda cachopa, deixa o fogareiro

Hoje por minha conta, que dinheiro

Terás quanto quizeres; mas consente

Que eu vá mettendo a mão honradamente.

Oh! não costumás tu ao Porto ir?

«De lá acabo ha pouco inda de vir.»

E que vaes tu levar? «O que se offrece,

«Fructas, ovos, e o mais que me parece.»

E lá onde costumás tu estar?

«Eu pelas ruas ando a apregoar.»

Não costumás passar por Cedofeita?

«Às vezes.» Pois deixa estar, minha sujeita,

Que hei de vêr, se te posso lá bispar.

«Já podemos, senhor, qu'rendo, marchar.»

Você comeu depressa. Que fazer?

Adeus, cachopa, adeus, até mais vêr.

Agora sim, que quero vêr andar,

Eh! patrão, vamos, toca a caminhar.

Oh! caspité, que peixe! Oh! lá, aquella

Parece qu'rer saltar pela janella.

Quem quer vêr, que é a tal de poupa alta

Que attráe do Porto aqui tanto paralta!

Perguntemos por ella ao meu vareiro,

Que elle cara não tem de máu brejeiro.

Patrão, você conhece aquella além?

«Olé, pois não! Conheço-a muito bem.»

«De um horror de tafues é a namorada,
 «Mas lá em quanto ao mais não toma nada.»
 Você é que parece um bom ratão.
 Mas vamos p'ra adeante, meu pimpão;
 É preciso fazer fôrça de vela,
 Que são os dias uma bagatella.
 Às cinco é noute e quero inda da Rasa
 Um cavallo mandar buscar á casa.

«Deixe estar, Sô Doutor, olhe que a bêsta
 «Anda que é mesmo um gôsto, e pouco resta
 «D'aqui á Rasa, é mesmo um boccadinho.»
 Pois então vamos lá, meu amiguinho;
 Perna têsa, e marchar, meu maganão,
 Que tambem os dois pintos certos 'stão.

«Aqui já é a Rasa, e, por favor,
 «Não vamos muito longe, pois expôr
 «Me vou a que me embarguem a mulinha.»
 Pois não iremos; mas então que tinha
 Que a mula lhe embargassem, se elles págão
 Todos os dias, que por lá lh'a trágão?
 «Pois ahi é que torce a porca o rabo.
 «No cêrco andei seis mezes, e por cabo
 «Inda hoje da paga estou á espera.»

Pois fiquemos aqui. Mas quem me dera
 Agora achar rapaz, que, bom paquete,
 Já, já me fôsse ao Porto n'um foguete.

«Aqui 'stá um, senhor, muito ligeiro.»

Muito bem! Olha cá, vae ao Carneiro,
 Co'este bilhete pede-lhe um cavallo,
 E se elle o não tiver, vae procural-o
 Logo ao Lopes, e mostra-lhe o escripto.
 Mas vae-me lá n'um pulo, que és bonito.

Passa um quarto das tres : não andei mal.
 Quem as favas pagou foi o animal.
 Enquanto espero, o tempo em que gastar ?
 Começarei aqui por me orientar.

A venda não tem lá grande apparencia,
 Mas será o remedio ter paciencia,
 Que a vendeira não tem tão máus bigodes.

Oh! cachopa gentil, dizer-me podes
 Em que alturas estou de Villa Nova ?
 «Olhe, passando alli aquella *coba*
 «'Stá-se logo no largo da cadeia.»
 Oh! sim, agora sei, nem me é alheia
 Essa casa amarella, que alli vejo.

«*Bocemecê* então não tem desejo
 «De entrar no *vatalhão* dos *arcademos?*»
 (Co'os diabos, que gente nós cá temos !)
 'Stás tôla, rapariga, antes falemos
 D'outras cousas. Então o teu paezinho
 Não está hoje em casa, meu anjinho ?
 «Sou casada, senhor, mas meu marido
 «Foi-se p'ra a guerra cá co'este partido.»
 Assim 'stás pois viuva ! Oh! tenho dó

De, sendo tão gentil, dormires só.

Lá vem os meus calouros, mas á pata.

Então como vos foi, gente insensata?

«Viemos do Corvo aqui todos a pé,

«Por não acharmos bēstas.» Ora é

Muito bem feito, p'ra não serdes tōlos,

Pois vós mostrastes bem não ter miolos.

«Então vem p'ra adeante?» Estou á espera

De um cavallo, que estar já cá pudera.

«Então, adeus.» Adeus. Oh! com effeito,

Já vae tardando muito o tal sujeito.

«Perdōe, não é assim. De quem espera,

«O dictado diz bem que desespera.»

Ora cebolas! É já quasi noute,

O que elle merecia é co'um açoute.

«É d'aqui á cidade um bom bocado,

«Nem o rapaz por si é descuidado.»

Oh! na verdade, achei um bom pelem!

Mas então querem vêr? Elle lá vem,

E sem nada. O meu gōsto era matal-o.

«Não ha lá na cidade um só cavallo:

«'Stão todos embargados p'ra o serviço.»

Oh! eu devia já contar com isso.

E' o fado ruim d'esta jornada,

Ou influxo talvez da tal estrada,

Que por mim tem de ser sempre lembrada.

Oh! e então para isto é que eu corri

Em quatro horas só de Ovar aqui?
 Tudo, louvado Deus, me tem falhado!
 Isto agoura desastre, e angustiado
 Não sei o coração que mal ad'vinha.
 E eu de Coimbra tão contente vinha!

De noute eu entrarei a pé já agora.
 E o meu sonho de entrada assim sógora?
 Dizem que vem os sonhos da barriga,
 E é fatal verdade, co'uma figa!

«O senhor quer que eu vá levar-lhe a mala?»

Oh! pois não! Deixa estar, has de leval-a.
 Esperemos que acabem de chegar
 Uns que ahi vem atraz, p'ra então marchar.

Mas é noute fechada, e elles sem vir!
 De certo os taes ratões vem a dormir.
 «Talvez não venhão hoje.» Com effeito?
 Pois hão de aqui passar por fôrça ou geito.

Lá vem uns! Quem serão? Oh! são os taes.
 Oh! lá, patuscos, bem vindos sejaes.
 Onde, diabo, um tempo tal gastastes?
 Com que aventuras então vos demorastes?
 «Necessario nos foi sobremaneira
 «Demorar-nos no Corvo.» Qual asneira
 Mais velhos pareceis do que rapazes.
 «Mas tu ainda aqui? Que demo fazes?»
 Não me veiu cavallo, e resolvi,
 P'ra não ir só, vos esperar aqui.

Agora vamos lá. «E ha por ahi
«Os nossos trastes quem queira levar?»

Ora isso nem se deve perguntar;
São todas a gritar: a mim, a mim!

Cachopas, alto lá! Não vae assim.

Aquella alli quer tudo arrepanhar;

Mas é preciso todas contentar.

Olha, anda cá, vae tu levando a minha.

Cada uma leve a sua. Aquella tinha

Tres malas já tomado á sua conta.

«Senhor, todas hão de ir, e tanto monta...»

Qual monta, ou qual montar? Quem trata agora

D'essas cousinhas. E'! vamos embora!

As mulheres que tomem a vanguarda,

E ir-lhes-hemos nós á retaguarda.

Oh! que pena, indo nós tão bem formados,

Não podermos de noute ser notados!

O rancho mulheril vae obra rica,

Uma tal guarda muito bem nos fica.

Nem que fôssemos nós de aqui fundar

Uma nova colonia p'ra além mar.

Que grasinada! Nunca cessa aquella

Um só momento de dar á t'ramela.

Cachopas, á barreira alli chegae,

E lá ao guarda o que levas mostrae.

«São estudantes os senhores, não?»

Sim, senhor. «Oh! seguir podem então

«Nós bem sabemos que não lévãõ nada.»

Pois aqui tem, por nos poupar maçada.

Vamos lá, toca a pôr em movimento,

Antes que alguma chuva traga o vento.

Tu que tens, Aguiar, então vaes triste,

Por que a môça de Aveiro não te assiste?

«Ora vac-te de ahi, vae bugiar!

«Pois quem tal cousa ouvir que ha de pensar?»

Eu bem te vi com ella andar em braza;

Mas não era prudente ao vir p'ra casa.

'Stamos na ponte. Agora p'ra evitar

Confusão de mulheres, é pagar

A bolsa, se inda tem, por quantos vãõ.

«Pois não! Inda aqui vae um dinheirão.»

Menos pesadas as barrigas 'stão.

'Stamos no Porto — idéa prazenteira! —

Onde a edade infantil correu ligeira.

No Porto, que das terras é a princeza,

Jardim celeste, templo da belleza.

E' o paiz natal das môças bellas,

Patria gentil das mais gentís donzellas,

De toda a creação esmalte e c'rôa,

Ai! onde o tempo em mil deleites vôa.

Aqui eu viverei sem dissabores

Entre risos gentís, brincos, amores;

Aqui eu passarei vida folgada,

Terei tambem por moda a minha amada,

Porém fugindo quanto fôr maçada.
Hei de me divertir, esse o meu fim:
Não foi p'ra em casa estar que ao Porto vim.
Só o presente é nosso, em quanto á sorte
Cabe o futuro, e o passado á morte.

Senhor Moutinho, adeus, chegado está!
Pois ande, agora vá vêr a mamá,
Que eu cá por mim p'ra casa irei também.

Cachopa, por aqui commigo vem.
Já vaes cançada? Pouco pesa a mala,
Nem falta muito, estás quasi a largal-a.
Somos chegados. Péga, vae-te embora.

Ora os meus velhos vamos vêr agora.
«Ólé! tu por aqui? Então que temos?
«A tua vinda agora a que devemos?»

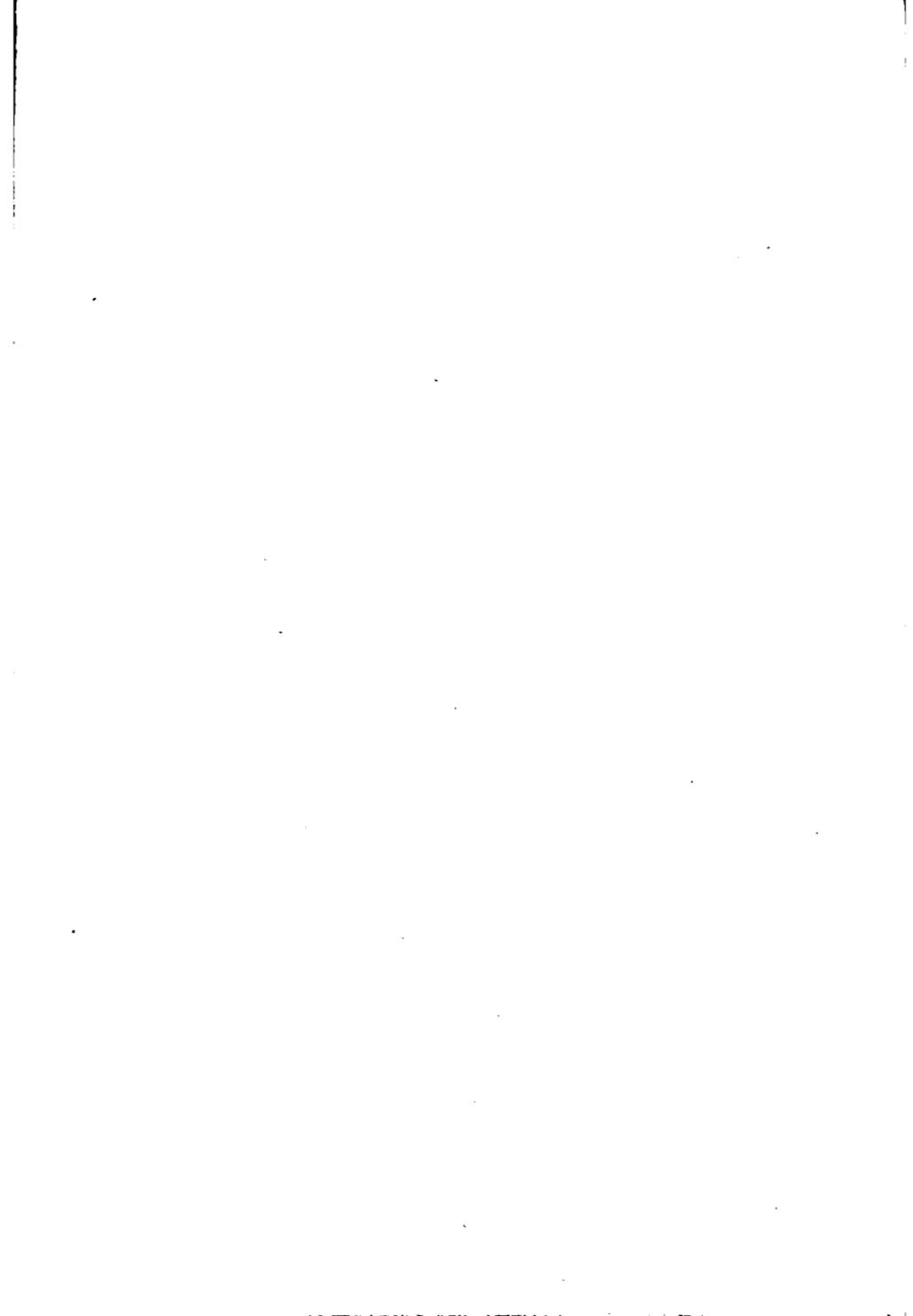
Vir mandou-me o senhor José Machado.
«Bem, e sabes que prendem p'ra soldado?
«Pois é preciso ter muito cuidado,
«E nada de sahir, nem de janella.»

Co'os diabos! Que grande embaçadela!!!

RECORDAÇÕES AMOROSAS

Oh ! mihi præteritos referat si Jupiter annos.

VIRG.



RECORDAÇÕES AMOROSAS

I

Quando nos campos que o Elba frio rega
Pequeno rapazinho inda brincava,
E no jôgo do lobo, ou na cabra cega
Um prazer infantil inda encontrava,
E a ouvir inda os sermões que o mestre préga
Dos annos o verdor me condemnava :
Já então o travesso deus vendado
Viu-me em suas fileiras alistado.

II

Mas nunca a torpe amor eu rendi culto,
Nunca esse teve entrada no meu seio ;
Mas antes quando via um lindo vulto
Só de bellezas e d'encantos cheio :

Jámais o meu amor lhe fez insulto.
Poderei d'offender pois sem receio
Dos meus amores dar ao mundo parte :
Se a tanto me ajudar engenho e arte.

III

Constança se chamava a nympha bella,
Que primeira d'amor ás leis render
Me soube o coração c'os olhos d'ella,
E inda hoje sobre mim tem tal poder
A cara imagem da gentil donzella,
Que a entre nós um mar se não metter :
Ah ! talvez que seus dons encantadores
N'um circulo fechassem meus amores.

IV

Pois tanta fôrça tem um primeiro amor,
Um amor filho só da sympathia,
Que eu sem d'ella alcançar um só favor,
Mesmo sem a ter visto mais que um dia,
E devendo adorar com mais fervor
Outras de quem affagos recebia :
São-me indifferentes já as mais beldades,
D'ella sempre me lembro com saudades.

Ir todos os domingos eu soia
A casa visitar Campos Ribeiro,
O meu correspondente, onde podia
Mais livre respirar do captiveiro
Que me impunha o collegio em que vivia.
Duas filhas tinha elle ; mas primeiro
Que eu na praia saltasse de Flotpeck
Passára a Londres uma, outra a Lubeck.

VI

Já vezes vinte a lua prateada
Mudára no horizonte o lindo rosto,
Ah! desde que eu da patria minha amada
A leguas mais de mil me via posto :
Quando ao escorpião abrija entrada
Ao mez que elle governa, ao mez de agosto,
O Campos de Lubeck a si chamou
A filha, que ao paterno lar voltou.

VII

No primeiro domingo eu a vi logo ;
Com tudo a tinha ornado a natureza
Que pode das paixões atear o fogo :
Olhos pretos, a trança com destreza

Cahindo mansamente, como a rogo ;
Mas não me captivou sua belleza
Nem no meu coração causou mudança :
Pois junto d'Isabel 'stava Constança.

VIII

Constança, a linda, a candida Constança
Tinha ido sua amiga visitar,
E em mim gerar-se subita mudunça
Senti os olhos seus ao enxergar.
Ah! da aurora o fulgor que traz bonança
Ao navegante quasi a sossobrar :
Tão formoso e gentil não pode ser
Como dos olhos seus um só volver.

IX

Mas pintar sua angelica figura
Debalde tentaria em vão intento,
Que de taes graças divinal pintura
Sabe apenas traçar o pensamento ;
Mas humano pincel tal formosura
Não sabe retratar, nem tal portento ;
O genio de Camões aqui falhara
E da natureza muito atraz ficara.

Seus cabellos côr do ouro lhe cahião
Do lindo collo sobre a neve pura ;
Seus olhos côr do céu não exprimião
Senão vivo e puro amor, senão ternura ;
Do seio de alabastro se escondião
As gracinhas gentís na grata alvura ;
O mavioso som da voz par'cia
Que languidez nas almas infundia.

XI

Os seus membros gentís lhe cobre e veste,
Tornando-a, se é possível, mais formosa,
Um vestido de claro azul celeste
Cingido por um cinto côr de rosa.
Foi assim que vencer-me, amor, soubeste,
Deixando-me lembrança tão saudosa
Que inda hoje o coração sinto pulsando
Ao vêr formosa dama assim trajando.

XII

Captivou-me ella logo a sympathia,
E ganhou um poder tal sobre mim,
Que me occupei só d'ella em todo o dia.
Com ella divagar fui no jardim

E a tanto me levou minha ousadia
Que lhe apertei a mão d'alvo marfim :
E este toque d'amor tão innocente,
As veias me filtrou com chamma ardente.

XIII

Uma ligeira côr com indizível
Graça o formoso rosto lhe córou,
E ella a vista abaixando, tão sensível,
Minha mão entre as suas apertou.
Só porém a um amante perceptível
Era o toque subtil ; ella ficou
Como quem já lhe pesa do que ha feito :
Eu porém a apertei contra o meu peito.

XIV

Oh! delicias d'amor, oh! chamma pura,
A que minha alma se entregou inteira!
Oh! céos! d'um casto amor quanta é a ventura!
Quanta a d'uma paixão desint'resseira!
D'um amor que só ama a formosura
Mais que a do corpo a d'alma, feiticeira ;
D'um amor que só pede em troca amor,
De nobres sentimentos só motor.

XV

Com as mãos me afastando brandamente,
Ella me fez ouvir leve ruido
D'um creado taful proveniente,
Que mandado a chamar-nos tinha sido,
P'ra que fôsse ao jantar em continente
Quem não quizesse achal-o arrefecido:
A sucia do jardim se reuniu,
E alegre ao salão se dirigiu.

XVI

Constança pelo braço conduzindo,
Todo ebrio d'amor e de prazer
Machinalmente os mais ia seguindo
Sem quasi mais ninguem do que ella vêr.
Seu rosto tão gentil, formoso, lindo,
Mais animado então, bem dava a lêr
O que lá dentro da alma repassava —
Ah! eu era feliz — ella me amava.

XVII

À mesa dominou só a alegria.
Bons dictos se cruzavão, e exaltada
Saudes só fazia a companhia
À formosa Isabel recémchegada:

O bom Campos na filha se revia :
Constança era porém a minha amada,
E eu inda amava então a vez primeira —
Só a ella, pois, votei minh'alma inteira.

XVIII

Mas eis alfim sou a hora fatal,
A hora triste e fatal da despedida ;
Sentiu meu coração pesar mortal,
Presentimento vago, indefinido,
Mas agoureira dôr d'incerto mal.
Proferi, como pude, em voz sumida :
«Jámais esquecerei encantos teus.»
Ella os olhos baixou, me disse — «Adeus.»

XIX

Mas que um adeus p'ra sempre, adeus eterno,
Sua bôcca tão formosa proferia,
Quem é, oh! summo Deus do céu e averno,
Quem é que, oh! justos céos, prever podia ?!
Não mais o seu olhar tão meigo, terno,
Com a d'um riso seu dôce magia,
Em a alma me cahiu, que sempre chora
O nome ao recordar, que inda lá mora.

XX

Oh! quem me dera ter uma só prenda,
Da sua linda mão que houvesse havido,
Um laço, ou uma fita, ou uma renda
Outr'ora já pregada em seu vestido;
Um só signal que fale, a que eu attenda,
Quando para ella foge o meu sentido:
Uma trança de seu cabello louro,
Para trazer commigo em arco d'ouro.

XXI

Porém qual terá sido, oh! Deus piedoso,
Qual da minha Constança o ignoto fado?
Ouviste-lhe jámais um ai saudoso?
Por ella uma só vez fui eu lembrado?
Oh! que faz ella, em quanto pesaroso,
Em minha propria patria desterrado,
De Constança co'o dôce nome eu ando
De Portugal os échos namorando?

XXII

Talvez ella co'o laço tão sagrado,
D'um hymeneu feliz já se prendesse,
E nos braços talvez d'esposo amado
De mim já para sempre s'esquecesse,

Talvez do amor d'um dia o triste fado
Um pensamento mais lhe não mer'cesse —
Embora! sê feliz! que não t'o inveja
Quem hoje já p'ra si nada deseja.

XXIII

Nem me crimines se entre as turmas gasto
Um pensamento só, que a ti não seja,
Que se olvidar par'cendo amor tão casto,
Minha bôcca infiel sorrir forceja,
É para o teu amor não ser o pasto
De profanos ruins, de baixa inveja,
Nem maculado o vêr por mancha leve:
Que um suspiro por ti só teu ser deve.

XXIV

Constança! uma só vez, uma vez mais
Que o nome teu profira, oh! me consente;
O teu nome, que tem encantos taes,
Que a deuses inspirara amor ardente;
Oh! mais uma só vez, e em mudos ais
Hei de por ti chorar depois sómente,
E este brado final teu canto finda:
Ah! Constança, eu te amei, amo-te ainda.

XXV

Mais luas seis no céo tinhão volvido
Desde que a vez primeira ambr eu vira,
E o collegio deixei pouco affligido :
Não para lá voltar, d'onde partira
Ha mezes vinte e seis bem mais sentido,
Porém sómente assim d'elle sahira
Para ir de Bahrenfeld folgar na relva,
Seus montes percorrer, e valle, e selva.

XXVI

Porém do peito no intimo gravada
Eu tinha a dóce imagem, grata, e bella
D'essa que um dia fôra minha amada,
Por quem meu coração ainda anhela ;
N'essa época porém nunca olvidada
Em mim a unica idéa era só ella,
Com que minha alma o ser manifestava,
Era vida, que a vida me espertava.

XXVII

Mas nunca mais a vi; não que deixasse
Em prática p'ra tal de tudo pôr;
Té ousei p'ra que tudo exp'rimentasse
Esperar de Isabel um tal favor,

E que ella a sua casa a convidasse
Instei, pedi, roguei com todo o ardor —
Ah! eu não conhecia ainda então
Da mulher o invejoso coração.

XXVIII

Mas talvez que outro mais escrupuloso
Fôsse, se assim se visse, desleal,
Julgasse mesmo até fastidioso
Nutrir-se d'um amor só ideal;
Era pois p'ra suppôr, quasi forçoso,
Qu'eu succumbisse á vista divinal
Da linda Leonor — que na verdade
Não teve em me vencer difficuldade.

XXIX

Tanto pode a presença sobre a ausencia!
Tão fragil coração nos deu natura!
Para esquecer fazer nos a excellencia
Do que outr'ora mer'ceu nossa ternura
Tem um só terno olhar omnipotencia,
E qu'rer-lhe resistir é só loucura
A um amor pois, que a vista me feriu,
O antigo se humilhou, cedeu, fugiu.

XXX

D'Hamburgo não distante em sitio ameno
Se ergue de Bahrenfeld a linda aldeia
Com livre, sadio ar, e céu sereno,
D'encantos naturaes, bellezas cheia;
E bem pode no seu fertil terreno
Colher o lavrador quanto semeia :
Um collegio porém d'alta grandeza
Maior valor lhe dá que a natureza.

XXXI

Doze vezes aqui encher a lua
Eu vi, e doze vezes decrescer ;
Duas vezes, Apollo, a face tua
Sobre ardente Equador eu vi pender ;
E uma vez do aldeão vi a charrua
Á terra. que o sustém, rasgar, fender,
E esses fructos, que vira aqui futuros,
Tambem os vi depois colher maduros.

XXXII

Aqui em percorrer eu me aprazia
O solitario monte. a selva escura,
Onde peneira a custo a luz do dia ;
E vinha horas passar n'esta verdura

Sentado sobre pedra rija, e fria,
A fontinha a mirar que ao pé murmura :
Ah! na patria ausente então pensava,
E n'aquella tambem que eu tanto amava.

XXXIII

Assim andava um dia eu divagando
Com vagaroso passo, andar incerto,
E, com destino vago caminhando,
No bosque deparei logar aberto :
E, a vista pelos campos alongando,
Em este d'homens só sitio deserto
Eu sobre a fresca relva me inclinei,
E a tristes pensamentos me entreguei :

XXXIV

Patria e mãe d'heroes, Lysia valente,
Berço de Viriatos, tu que ufana
Fizeste recuar cobardemente
A Aguia de Roma, a Lua Mauritana,
Tu que domar soubeste quanta gente
Debalde resistir-te ousou insana,
Tu outr'ora do mar a só rainha,
Tu és, Lysia, tambem a patria minha.

XXXV

Que é dos teus Albuquerque, Portugal?
Teus Gamas, teus Pachecos onde estão?
Onde os fortes Almeidas, e a fatal
Potente espada d'inclito varão,
Que Castro se chamou, nobre e leal,
Que da India fez tremer todo o sertão?
Os P'reiras onde estão, onde os Monizes?
Henriques, e Affonsos, e os Avizes?

XXXVI

E podem teus heroes dormir na morte,
Em quanto astuto imigo quer tragar-te?
Que? não hão de surgir com braço forte
Derribando quem tenta derribar-te?
E podem vêr na campa d'esta sorte
Que a espada lethal do luso Marte,
Que fez do Indostão coalhar os rios,
Já só em lusa malha embote os fios?

XXXVII

Que fazes, Portugal? ai, desgraçado!
Queres louco nutrir no proprio seio
A vibora dolosa, que enganado
Te traz em tenebroso e falso enleio?

Não viste? O que não pôde um mundo armado
Occulta mão o fez, e á terra veiu
O teu soberbo, o teu altivo cedro,
O teu ultimo heroe, o quarto Pedro.

XXXVIII

Ultimo não! que vejo inda luzir
Uma estrella por ti no firmamento:
Sim, um valente heroe ha de surgir,
E d'elle espera só teu salvamento,
Que elle ha de os teus imigos reduzir
Ao seu primeiro nada n'um momento:
E grande inda serás, inda feliz,
Sim, Lysia, has de vencer! um Deus m'o diz.

XXXIX

Alta ia a tarde, e o sol já desenhava
Ulmeiro, e pinho em sombra de gigante,
Cahindo mais e mais se approximava
Lá do fronteiro monte verdejante,
Tocando-lhe no cimo já mostrava
Metade só da face radiante,
E dourando o outeiro, a selva, o prado,
Ó mesmo céu tornou em mar rosado.

XL

Do outro lado em serena majestade
Latonigena deusa vem surgindo,
Dobrando mais e mais a claridade
Ao passo que o irmão a vae fugindo ;
E uma estrella a brilhar na immensidade
Solitaria no céo se vê luzindo :
Em quanto a dôce voz, canora, e bella
Modula maviosa philomela.

XLI

Melancholica, unisona cantiga
Entôa lá no lago ao pé do prado
O povo grasnador da Lycia antiga ;
E cantando parece o grillo alado
Á femea qu'rer pedir que á cova o siga ;
E terno passarinho empoleirado
N'aquelle verde ramo além da valla,
Solta um momento a voz, e já se cala.

XLII

Oh! quem nunca sentiu essa magia,
Que n'esta hora d'amor nos prende e enlaça ?
Oh! essa universal melancholia,
Que da natura dobra o encanto, e a graça ? !

Mas como definir o que eu sentia
No fundo de meu peito, em quanto escassa
Já a apollinea luz ia entregando
Á siderea deidade imperio, e mando!

XLIII

Mas ao passo que se ião apagando
As côres do universo, e confundindo,
De monte, e valle já se misturando
Os contornos, e mal se distinguindo;
Sim, ao passo que se ia combinando
Com as trevas a luz, e se esvahindo:
Assim minha alma dissolvendo-se ia
Em saudade, amor, melancholia.

XLIV

Comtudo lá do valle inteiramente
Não tinha ao monte a noute inda subido,
Quando formosa nympha de repente,
Ligeira, qual o gamo perseguido,
Correndo pressurosa levemente,
Passa deante mim, bem qual de Cnido
A deusa linda quando fugitiva
A atrevido amator foge, e se esquiva.

XLV

Seu pé leve e mimoso mal tocava
A terra, que debaixo lhe fugia,
E da flôr, que elle aqui e alli curvava,
Dirias que vaidosa o collo erguia ;
O seu cabelo mal lhe segurava
Aureo arco que a fronte lhe cingia :
E furtiva lhe cae rebelde e ousada
Madeixa côr da noute ao vento dada.

XLVI

Bem como sonho aligero, que leve
Em noute de verão nos esvoaça
Na ardente phantasia, e bem que breve
Deixa funda impressão depois que passa ;
E, se de duração momentos teve,
Com arte tal nossa alma enreda e enlaça
Que fica largo tempo retinindo
A corda, que elle só tocou fugindo :

XLVII

Assim, muito depois que esta visão
Já tinha aos olhos meus desappar'cido,
Inda, como se toda a sensação
Minha alma absorta houvera então perdido,

Deixado de pulsar meu coração,
Ainda eu lá jazia sem sentido,
Té que d'esta inacção sahi alfim,
Mas já não vi ninguem, voltando a mim.

XLVIII

Já tinha então a noute desdobrao
Dos cançados mortaes sobre as pousadas
O manto, onde com brilho desmaiado
Luzião mil estrellas engastadas :
E eu, como sem poder, desorientado,
Sensações combinar tão variadas,
A mim quiz perguntar se a apparição
Fôra realidade, ou illusão.

XLIX

Desde então começárão em meu peito
Amores a lutar dous á porfia :
Mais comtudo ao segundo já sujeito
Meu coração sem qu'rer se lhe rendia,
E o primeiro, se bem que contrafeito,
Cada vez mais e mais já lhe cedia :
Tão magico poder ás vezes tem
Um olhar que ferir-nos n'alma vem !

L

Assim a achada préza disputando
Combatem dois leões lá no Sahara :
Na lucta um sobre a rez cae s'estirando
Como se defendel-a inda tentara :
Mas o outro dobra, mais se encarniçando,
A sanha, que o triumpho exacerbara :
Té que cravando, já desfallecido,
O dente inda na rez, morre o vencido.

LI

E a imagem da gentil desconhecida
Ia apagando pouco e pouco as côres
Da que me tinha sido tão querida,
Da imagem dos primeiros meus amores :
Mas de todo do peito meu banida
Nunca a lembrança foi de encantadores
Meigos olhos azues, aurea madeixa,
Lembrança que hoje mesmo me não deixa.

LII

Porém tal impressão em mim fizera
Dos meus bosques a nympha tão formosa,
Que minha alma de tudo se esquecêra,
Para só d'ella se lembrar saudosa.

Oh! tu, divino amor, quem compr'hendêra
Essa fôrça, que tens, mysteriosa!
O poder com que vences e desarmas
Deuses, numes, mortaes! e com quaes armas?

LIII

Com a d'um lindo gesto incomprehensivel,
Omnipotente, divinal magia,
Dos olhos co'um volver irresistivel,
Que logo nos captiva a sympathia.
E ás vezes um sorrir mal perceptivel,
A d'uma branda voz dôce harmonia
Nossa alma nos sujeita n'um momento
Ao Deus, que rege a terra e o firmamento.

LIV

E dentro de meu peito me lavrava
Desejo abrazador, desejo ardente
De vêr ainda aquella que reinava
Já no meu coração inteiramente.
Tão bella aos olhos meus se afigurava!
Demais, a um rosto lindo que me tente,
Eu nunca soube oppôr peito ferino,
Nem rijo coração adamantino.

LV

Mas onde descobri-la, onde encontrá-la?
Debalde monte e selva percorria,
Debalde divagava a procurá-la
Nos campos em inútil correria,
Debalde aos sítios todos onde achá-la
Pudera presumir, mil vezes já,
Debalde, depois que tudo perscrutara,
Voltava sempre lá, onde a avistara.

LVI

E triste, sempre triste eu só passava
Ai, vida sem prazer, e só saudade,
Nem aos males d'amor socorro achava
No doce encanto teu, alma amizade!
Tudo me abhorrecia, e eu encontrava
Algum allivio só na soledade,
Suspiros misturando a sós no monte
Co' o doce murmurar d'argentea fonte.

LVII

Certo dia porém que eu tinha ido
Aos mortos entre campas invejar
Repouso, que eu no peito combatido
Por vãos desejos não podia achar:

De repente ferir-me vem o ouvido
Queixosa voz, que em dôce descantar,
Casando triste, lugubre harmonia
Ao som de branda lyra, assim dizia :

I

«Triste, só, e abandonada
E-me a terra ermo degredo :
Tu porém n'alta morada
Lêdo exultas, sempre lêdo.
Mas poderei crer
No Lethes poder
Para te obrigar
A me deslembrar ?

II

«Eras tu p'ra mim na vida
Meu prazer, minha alegria :
Hoje só me resta fida
Minha dôr, minha agonia.
Mas poderei crer
No Lethes poder
Para te obrigar
A me deslembrar ?

III

«Quem me dera vêr commigo
Dividida a tua sorte:
Qu'eu perdi tambem comtigo
Medo vão, receio á morte.

Mas poderei crer
No Lethéo poder
Para te obrigar
A me deslembrar?

IV

«Podes tu no mesmo céo
Lá viver sem ter saudade?
Podes tu no empyréo
Olvidar nossa amizade?

E poderei crer
No Letheo poder
Para te obrigar
A me deslembrar?

V

«Esquecer nosso brincar,
Nosso amor, nossa ternura?
Não, oh! não! que tanto amar
Vae além da sepultura.

Oh! nem posso crer
No Letheo poder
Para te obrigar
A me deslembrar.

VI

«Meu penar cruel, profundo
Só cessára no jazigo,
S'eu deixar pudera o mundo,
Ir no céu viver contigo.

Mas entretanto
Corre o meu pranto,
E na soledade
Oh! geme a saudade.»

LVIII

E com suave, angelica doçura
A voz no fundo d'alma me feriu,
E no intimo do peito com brandura
Não sei que occulta corda retiniu;
Secreta affinidade, santa e pura,
Meu coração com ella ter sentiu,
E estes sons me par'cião conhecidos
Se bem que até então jámais ouvidos.

LIX

Depois que de soar tinha cessado
Da maviosa voz o dôce accento,
Com subtís, leves passos, o copado
Arvoredo passei, que impedimento
Me era de vêr quem tinha assim cantado :
E simples campa vi, sem ornamento ;
Mas sobre aquelle tumulo inclinada
Chorava uma deidade — a minha amada.

LX

Bem qual sobre o sepulcro do Senhor
O archanjo da Luz foi visto outr'ora,
Assim eu a avistei, e branda dôr,
Certa resignação consoladora
No rosto se lhe lia encantador,
È ella os olhos p'ra o céo, como se fôra
P'ra n'elle procurar quem tanto qu'ria,
Com expressão suave dirigia.

LXI

Oh! e quando ella assim o céo olhava
D'outra vida a esperança me par'cia,
Que menos funda a cova aos homens cava,
Adoçando-lhes a ultima agonia.

E o mortal, que perdeu quem mais amava
Oh! quem do desespero o salvaria,
A esperança a não ser de reencontrar
Seu amor para mais o não deixar?!

LXII

Oh! e quando ella os olhos abaixando
A fronte brandamente reclinava
Sobre a alva, linda mão, como pensando
Em quanto aquelle tumulto encerrava,
E do cabello escuro o sôlto bando
O rôsto quasi todo lhe occultava :
Oh! a melancholia ella era então,
A queda a prantear d'um anjo bom.

LXIII

E o sol lá no horisonte ao despedir
Seus raios derradeiros reflectia
Sobre a formosa virgem, e partir
Forçado e contrafeito parecia :
Querendo, mas de balde, resistir
À lei, que imperiosa o constrangia
A ir vêr outro mundo, onde buscara
Em vão belleza qual n'este deixara.

LXIV

Quem era esse porém que ella chorava?
Oh! teria elle sido o seu amante?
E quando esta lembrança me cruzava
Na ardente phantasia, oh! n'esse instante
O mais negro ciume devorava
Meu triste coração, e delirante
Eu invejava ao morto a sua sorte,
Por chorado inda ser depois da morte.

LXV

Vi junto d'ella a lyra, onde cantara
Como para adoçar as suas dôres,
E espargidas por mão decerto cara
Sobre a campa jazião frescas flôres:
Oh! e quem taes lembranças consagrara
Aos manes a não ser dos seus amores?
Sim, decerto era amor, e muito amor
A causa unica e só da sua dôr.

LXVI

Ávante um passo dei — ella me viu,
E, córando depois, mas levemente,
Os olhos abaixou, e não fugiu,
Porém ao lindo rôsto de repente

Não sei que sentimento lhe subiu,
 Sem revelar comtudo a sua mente :
 E por poder occulto eu arrastado
 Para ella me cheguei, lhe disse ousado :

LXVII

«Senhora, perdoae se interromper
 «Ouso uma dôr, que respeitar devêra :
 «Mas se digno de tal podeis-me crêr
 «Ter parte em vossas penas bem quizera :
 «E esse por quem tal pranto eu vi correr
 «Oh! de certo mui caro elle vos era. —»
 Mas a palavra *caro* ao proferir
 Senti a voz nos labios me fugir.

LXVIII

«Sim, caro e muito caro elle me era,
 «Meu coração lhe pertencia inteiro :
 «Pois muito caro ser-me não devêra
 «Da tenra infancia minha o companheiro ?
 «Áquelle junto a quem sempre vivêra .
 «Até ao seu momento derradeiro ?
 «Oh! ninguem pode encher no coração
 «A falta, que lá deixa um qu'rido irmão »

LXIX

«Teu irmão!» lhe disse eu, e delirado
 A seus pés me prostrei, beijei-lhe a mão,
 E louco de prazer, extasiado:
 «Oh! teu irmão, e teu amante não?
 «Ah! e posso-te amar sem ser culpado,
 «Contra este morto aqui, d'alta traição?
 «Sim, meu anjo, uma vez eu já te vi,
 «E logo mais que amor por ti senti.»

LXX

E com uma innocencia só do céo
 Sem retirar a mão, que elle prendia,
 A donzella gentil me respondeu:
 «E eu onde mal sabeis, tambem vos via»
 Disse: e a mão entre as minhas lhe tremeu.
 Ella os olhos baixou, astros do dia,
 E dos jasmims do rôsto com a alvura
 Ligeira côr de rosa se mistura.

LXXI

«Tu já me viste? oh! Deus! e tão ditoso
 «Pude ser que por ti fôsse notado?
 «E a eternidade, céos! dera gostoso
 «Para um momento ser por ti amado!»

«Que paraíso, e céu contra tal gôso
 «Não pesão mais que espuma em mar irado.
 «Oh! se d'amor puderas ser movida
 «Quem mais amante te votara a vida?!»

LXXII

«E se eu o fôra?» diz quasi sorrindo
 A donzella e a voz dôce, argentina
 Como invita dos labios seus fugindo
 Meiga soou, angelica, divina.
 «Se o fôras? tu o és, e amor infindo
 «Nossa estrella será, farol e sina!»
 Assim disse, e d'amor já transportado
 Contra o peito apertei o objecto amado.

LXXIII

Bem como o filho simples da natura,
 Que deixa lêr no rôsto quanto sente,
 Segue com natural alma, candura,
 A voz do coração abertamente:
 Assim sem occultar sua ternura
 Ella se me entregou franca, innocente:
 Não como as falsas virgens da cidade
 Que affectão só na forma a castidade.

LXXIV

E a hora era tão dôce, tão amena!
O ar estava tão embalsamado!
A tarde, a noite estava tão serena!
Tão puro o céo, tão socegado!
E brilhava da candida Selena
Tão placido o clarão co'um astro ao lado!
E o terno rouxinol entre os verdores
Tão meigo descantava os seus amores!

LXXV

E nossas almas, como então cedendo
Á magia universal da natureza,
N'uma só ambas se ião dissolvendo,
Quaes duas chammes n'uma chamma accesa.
Oh! tão linda ella estava então, e eu vendo
No rôsto seu de magica belleza
Co'ó desejo d'amor lutar o pejo —
Não pude resistir — furtei-lhe um beijo.

LXXVI

Um d'esses beijos longos, devorantes,
Que apenas sabe dar a mocidade,
Em que concentração fervidos amantes
Alma, vida, amor, felicidade.

Oh! beijos, cujos fogos flammejantes
 As veias com fugaz velocidade
 Electricos percorrem n'um momento,
 E apenas dão logar a um sentimento:

LXXVII

Um sentimento só, porém immenso,
 Que approxima o mortal da divindade:
 De curta duração, mas tão intenso,
 Que abrange n'um momento a eternidade:
 Mais profundo que o mar, e mais extenso
 Que dos céos a ignota immensidade:
 Um delirio será, será demencia,
 Mas vale mais que eterna uma existencia.

LXXVIII

E sobre a mesma campa, onde jazia
 O despojo mortal d'um ente qu'rido
 (Altar sagrado a ella, e a mim, que havia
 Meu ser com o seu ser já confundido),
 Por testemunhas tendo a Cynthia Dia,
 E o céo, de quem perjurio é mais punido,
 Que então por olhos mil me estava vendo,
 Jurei de a não deixar senão morrendo.

LXXIX

E fiel fui-lhe sempre até á morte,
Senão até á minha, até á d'ella,
Té que da dura Parca o injusto corte
A vida lhe roubou tão nova e bella.
Tal foi do nosso amor a triste sorte :
Presidindo fatal, infausta estrella,
Foi junto d'um sepulcro começado,
Passados mezes seis n'outro encerrado.

LXXX

Oh! tu, que aureos soes, e astros pisando
Vaes d'estrella em estrella, e entre o fulgor
De Seraphins e Cherubins louvando
O summo, e unico Deus, teu creador,
Celeste, eterna a gloria estás gosando,
Oh! tu, anjo no céo, oh! Leonor,
Perdôa áquelle, que te amou, e tanto,
Se vencer-se deixou por outro encanto.

LXXXI

Oh! su tu vêr puderas quão formosa
A dama é, que me fez ser desleal :
Como no rôsto seu jasmim e rosa
Em harmonia se unem divinal,

E a chamma do olhar voluptuosa
No pejo se dissolve virginal :
Oh! se a pudesses vêr, então dirias
Se vêl-a, e não a amar tu poderias.

LXXXII

Porém onde me levas delirante,
Lembrança do presente meu amor ?
Oh! deixa-me esquecer por um instante
Para pensar poder em Leonor,
Em Leonor outr'ora a minha amante,
E hoje talvez meu anjo guardador,
Leonor, qu'eu amei com pura chamma,
Que amei como no céo se adora e ama.

LXXXIII

E junto lá do mesmo monumento
Com ella muitas tardes fui passar.
Entregues ao mais puro sentimento
Viviamos sem dôr, e sem pesar :
Duas almas, sómente um pensamento,
Dois ternos corações, e um só pulsar.
Nos olhos seus eu lia, ella nos meus,
Quando um beijo sellava um curto adeus.

LXXXIV

Com ella pelos campos divagava,
E mais verdes os prados me par'cião :
Com ella junto á fonte me sentava,
Suas aguas mais limpidas corrião :
Com ella para o céo saudoso olhava,
Mais ternas as estrellas me luzião :
Que dos seus lindos labios um sorriso
Um ermo me trocara em paraíso.

LXXXV

Mas qual cadente estrella, que no estio
A noute atravessando, deu apenas
Logar a vista ser, e se sumiu :
Assim as do prazer horas amenas
Um ponto são sómente, que fulgiu
Um momento através d'um mar de penas :
Depois no coração resta sómente
Saudade, e acerba dôr inutilmente.

LXXXVI

Tres mezes, curtos mezes me voárão
Em dôce embriaguez ao lado d'ella,
Porém, oh ! quão depressa se trocarão
Os dias de prazer em dôr ! e aquella,

Ao pé de quem ligeiros me passarão
Momentos só de paz serena, e bella,
Aquella, que eu amava tanto, oh! tanto,
Deixou me submergido em ais, e pranto.

LXXXVII

Foi triste a despedida, e foi penosa :
Dos seus formosos olhos lhe corria
Por uma e outra face tão formosa
O pranto, que a saudade lhe extrahia.
Porém mais que uma gôtta preciosa
Na sua mesma fonte eu lhe bebia :
Em quanto o meu soffrer calado e vivo
Das lagrimas nem acha o lenitivo.

LXXXVIII

Partir com sua mãe ella devia
P'ra Lubeck sem demora, onde as chamava
Com ternos rogos mil edosa tia,
Que entre braços amigos desejava
Os dias acabar, que inda teria
Depois que o morto esposo a abandonara.
Alfim ella partiu, e pranto, e lucto
Foi de tão dôce amor o unico fructo.

LXXXIX

Dois mezes, longos mezes se passarão
Em triste suspirar d'ella distante :
Ou recordando tempos, que voarão,
Ou n'um futuro crendo verdejante,
Com dias, quaes outr'ora me encantarão.
Té que, tendo buscado ir o restante
Em Lubeck proseguir do meu estudo,
Por linhas de través obtive tudo.

XC

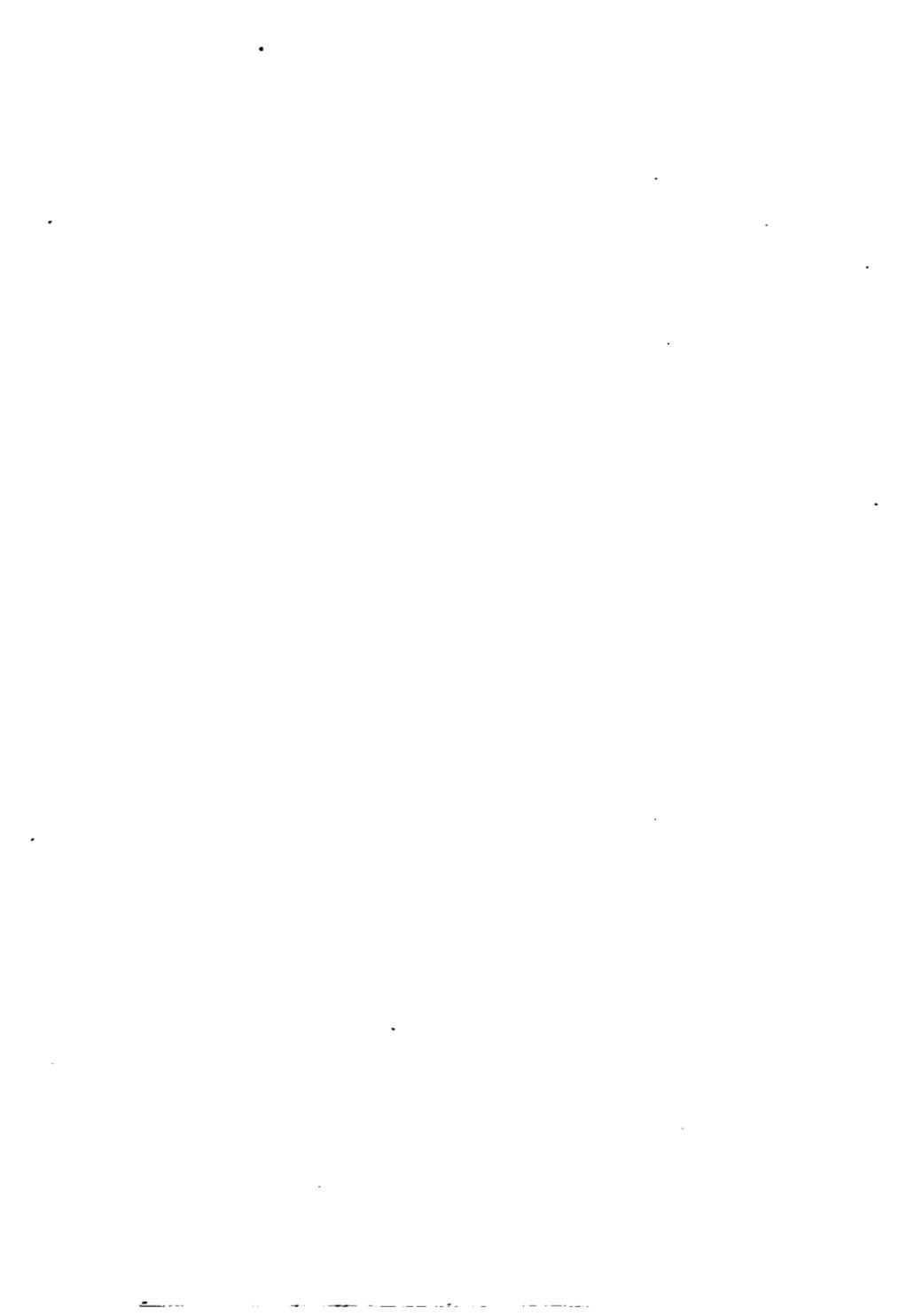
Eis que a manhã raiou tão desejada,
Em que eu partir podia p'ra o logar,
Onde habitava então a minha amada.
Parti — e o meu corcel, quasi a voar,
Em rabido galope á desfilada
Vallada, e monte atraz deixa a galgar:
E torres vi surgir ao longe, até que —
Mais um momento só — e eis-me em Lubeck.

FIM DO CANTO PRIMEIRO ¹

¹ Ignoro se a continuação d'este poema foi escripta; em todo o caso não me foi possível encontrar-a. (L. C.)



A DESPEDIDA



A DESPEDIDA

Sobre planície, e monte, e selva, e prado
Em profundo silencio impera a noute.
No céo as nuvens fugitivas correm :
Por entre ellas aqui e alli somente
Engastada em azul luze uma estrella.
Detraz aquella nuvem, que aurea brilha,
Com o proprio clarão se tráe a lua :
Mas o vento desfaz-lhe o véo não denso,
E ella os raios estende até os montes,
Que as margens bórdão do formoso Cávado.
De lá mais longe pela encosta abaixo,
Té que d'elles feridas brilhão subito
As brancas armas de novel guerreiro.
Brilha a couraça, e o brunido elmo,

E a ferrea cotta, que o corcel defende.
Tambem cavalga após o cavalleiro,
Levando lança, e escudo, um pagem d'armas.
Já chegão ambos do outeiro ás fraldas,
E um campo paixão de viçosa relva.
Vêm por entre a ramagem junto ao rio
Trémula a lua se espelhar nas aguas,
E logo o pagem, se apeando prestes,
O estribo vae suster ao cavalleiro.
Este a guarda lhe incumbe dos cavallo,
E sem demora demandando o rio,
Entre a folhagem busca um leve barco,
Que amigo occulto alli lhe preparara.

No cavo lenho um pé põe o guerreiro
E — escuta! — longe, longe um bronze trôa.
A pausada, sonora voz d'um sino,
Cortando a noute, pelo rio acima
De rochedo, em rochedo echôa e corre,
Té que perdida já na immensidade
Em mal distincto murmurar expira.
E logo outræ, e outra após lhe segue a esteira.
Doze conta o nocturno viandante.
«É tempo», diz: n'um tronco a vara firma,
E só d'um arremêso atira o barco
Ao meio logo das ceruleas ondas.
Do vigoroso braço ao forte impulso
As aguas fende o fluctuante esquite,

E n'um momento vae cravar a prôa
Com rijo choque na fronteira praia.
Á ferrea argola o prende o cavalleiro,
E subindo uns degráus na pedra abertos,
Em frondoso jardim se encontra logo.
Compridas alas de copados álamos
Notar mal deixão ao clarão da lua
Negras ameias de feudal castello.

Um passo deu ávante o cavalleiro,
E d'entre as sombras agoureiro mocho
Piou tres vezes á sinistra parte.
Depois co'as negras azas bate os ares,
Forma tres circulos girando ao longe,
Um grito solta gemedor, agudo,
E entre as trevas se sumiu da noute.
Mas do guerreiro o coração valente
Despreza agouros, desconhece o medo

Elle ao longo d'uma ala a vista estende,
Bem como quando alguém se aguarda ancioso :

- «Ligeira foge a noute, e a hora aprazada
- «Já na torre soou sem que ella venha.
- «Entre esp'rança e temor meu peito anceia.
- «Potestades do céo, anjos, e guardas,
- «Trazei-me aos braços meus a minha amada.
- «Oh! sobre ella velae na ausencia minha :
- «Ou conduzi m'a aqui, que então responde
- «Este braço por ella, e esta espada. —

- «Dos seus vestidos o ranger já ouço.
«Oh! vem, meu anjo, vem, nada receies? —
«Ai! enganei-me, era o soprar dos ventos
«Nas sêccas folhas do carvalho annoso.
«Qual será, qual, oh! céos, a fôrça injusta,
«Que assim longe de mim ousa retel-a?
«Talvez enquanto aqui fico ocioso
«Ella se expõe para mim a mil perigos,
«Dos quaes livral-a me não seja dado.
«Funesta idéa, que me abate, e humilha. —
«Mas não! Já vejo branquejar-lhe as roupas
«No fim d'esta ala, d'entre aquelles ramos.
«Mais não posso esperal-a um só momento,
«Oh! ao encontro seu eu corro, eu vôo!
«Quanto me tarda já unil-a ao peito! —
«Detem-te! Pára! Que illusão é tudo.
«Foi só a lua, que através das nuvens
«Os brancos muros foi ferir do parque —
 «Que estranha agitação eu sinto na alma!
«Nem mesmo sei se deva crêr que tremo.
«Oh! eu que posso ouvir zunir a setta
«Da frente duas linhas não distante
«Sem que sequer em mim se altere o sangue:
«Eu que sei aparar no forte escudo
«A lança, que me traz no ferro a morte,
«E sem um passo recuar ante ella:
«Eu agora nem mesmo sei se tremo.

«Mas acaso será só de cobarde
 «Pelo objecto tremer, que nós amamos,
 «Se nada d'elle a prol fazer podemos?
 «Oh! sim, mas quando expôr nos resta a vida,
 «Então inda tremer fôra cobarde. —
 «A que ella venha obstar só pode a fôrça,
 «Que Eldina de bom grado não poderá
 «O ultimo adeus negar ao seu amante,
 «Que ella talvez a vêr no céo só torne.
 «Mas se a retem a fôrça hei de livral-a!
 «A prisão sua franquearei co'a espada,
 «Senão na empresa morrerei ufano.
 «Sim, ao castello eu corro. . . » «— Imprudente —!»
 Junto d'elle uma voz bradou tão dôce,
 Que ao ouvil-a sentiu o cavalleiro
 Bater-lhe o coração com fôrça extrema.
 E entre os ramos em mal distinctas formas
 Eis que uma imagem apparece apenas,
 Bem como um anjo se nos mostra em sonhos.
 Mal ousa inda o guerreiro crêr seus olhos,
 E com trémula voz, quasi anciosa:
 «Eldina!» brada, «Eldina!» e corre a ella.
 Mas a donzella então, que livremente
 Alli viera ao ajustado encontro,
 Como ferida por temor occulto
 Quasi tentou fugir, e irresoluta
 Baixou os olhos, e mostrou nas faces

Côr purpurina, que o pallor da lua
Cobria co' o verniz do fulvo ouro.
No alto cume assim do S. Bernardo,
Já posto o sol ha muito, a virgem neve
Mesclada inda se mostra d'ouro e rosas.

E deante a donzella o cavalleiro
Com um joelho em terra assim lhe fala :
«Minha Eldina, ante ti dobro um joelho
«Até aqui no estribo só curvado,
«Um joelho, que tem tocado a terra
«Sómente ante os altar's do Deus da vida.
«Eis a homenagem, que a monarchas nego,
«E com tanto amor te retribuo.»
«— Eu acceito, e serás meu cavalleiro,»
Já mais segura lhe tornou a virgem,
«Dar-te-hei a trazer as minhas côres,
«Sua fama unirei á gloria tua.
«Toma esta charpa, que hei p'ra ti bordado :
«Onde mais crua se travar a guerra
«Seja ella vista entre pendões imigos.»

E sobre o hombro direito ao cavalleiro
Lança uma banda de velludo e prata :
Verde era o fundo, e com argenteos fios
Tecêra n'elle primorosa silva
Mão, que pudera competir com Pallas.
E sobre o lado, que cobria o peito
Formando um semiarco, e em lettras d'ouro

Se lê: *constancia, amor, fidelidade.*

Logo por baixo unidas se entrelação,
Tambem tecidas do metal que fulge,
As nobres armas das familias ambas,
Do joven cavalleiro, e da donzella.

E em tórno ás armas inteirando o circulo
Estão dois nomes igualmente d'ouro :

Eldina e . . . mas a lua occultão nuvens,
Que o mundo todo envolvendo em sombras,
Não deixão lêr os caracteres a outro.

«— Esta prenda, responde o cavalleiro,
«Do teu sagrado amor será guardada
«Em quanto um sôpro me restar de vida.
«Meu talisman será, e meu palladio,
«Ella me inflammará no ardor da pugna,
«E com ella coberto, de meu peito
«Dardos resvalarão, settas e lanças :
«E debaixo da sua guarda á noute
«De vil traição descançarei seguro.
«Sim, esta charpa me dará esfôrço
«P'ra mouros esquadrões romper ovante.
«Mas se queres tornar mais formidavel
«Teu guerreiro leal, sagra esta espada.»
(E já despido lhe apresenta o ferro).
«C'os puros labios teus toca esta lamina
«Aqui, onde gravei de Eldina o nome.
«Quando d'hostes innúmeras cercado,

«Já prostrado o corcel, rôta a armadura,
 «Não sentir fôrças no cançado braço :
 «A espada beijarei no proprio sitio,
 «Onde teus labios imprimirão vida,
 «E logo recobrando alento, e fôrças,
 «Por todo o campo guiarei a morte.»

Nas delicadas mãos toma a donzella
 Logo o pesado ferro, e o chega aos labios.
 Depois restituindo-o ao cavalleiro :

«Retoma a espada, e á bainha a entrega.
 «Oh! possa ella brilhar somente nua
 «Contra o mais forte defendendo o fraco,
 «Ou pelejando pelo amor da patria.»

O guerreiro acceitando-a bem quizera
 Beijar a folha, onde a beijara a virgem;
 Mas julgando que só na hora do p'rito
 Seria relevada esta ousadia,
 Se contentando com unil-a ao peito,
 Em que lhe pese na bainha a encerra.

Co'um gesto cheio de nobreza e graça
 A mão estende a dama ao seu amante,
 Para que se erga, e este, lh'a tomando,
 Assim lhe diz : «Permittirás, Eldina,
 «Que beije a mão, que eu disputar ousara
 «Em liça e campo aberto ao mundo inteiro?»
 Nada responde a virgem, mas das faces
 O rosado tornou-se em côr mais viva :

À paixão então, cede o cavalleiro,
 E imprime os labios em signaes de fogo
 Na mão que a dama lhe abandona a custo.
 Oh! que seu coração bate apressado!
 Através da couraça ouvir-se pode.
 Metal fervente lhe atravessa as veias,
 O sangue todo já lhe sobe ás fontes,
 Tremem-lhe as mãos, a vista erra no espaço,
 Frenetico delirio o tolda, e cega,
 Mas, chamando em auxilio o esforço todo,
 Solta o guerreiro a mão tão tentadora,
 Rapido se ergue, e vae seguindo a dama. —

Verde tapete de mimosa relva
 Do Cávado guarnece aqui a margem.
 Sobre ella de raizes construido
 Pequeno pavilhão off'rece asylo
 Impenetravel ao ardor de Phebo.
 Frondosos olmos em redor o cercão,
 Excepto ao lado, que p'ra o rio olha.
 Pela banda de dentro cae do tecto
 De pedrinha em pedrinha, e em varios tanques
 Pequeno arroio do crystal mais puro,
 Do qual as gôttas espargidas brilhão
 Ao pallido luar, quaes do estio
 Em quente noute alados pyrilampos
 No ar se cruzão, e de espaço a espaço
 A myst'riosa luz se accende, e apaga.

Em assentos aqui de musgo, e d'era
 Os dois amantes veem sentar-se juntos.
 No céo a lua já sem nuvens brilha,
 Que para o sul as açoutara o vento.
 A par da grande alampada scintillão
 Com brilho desmaiado as estrellinhas,
 E á combinada luz se descortina
 A esquerda margem, que fecunda o Cávado.
 Mas quasi uma só côr a cobre toda.
 Ligeiros assombrados mal distinguem
 A culta terra da que jaz inculta.
 Escuros pontos os pinhaes indicão.
 A choça do aldeão de tôsca pedra
 Pela alvejante cal não descórada
 Mal se deixa adivinhar por entre as sombras.
 Longa fileira de collinas, montes
 Sempre mais altos quanto mais distantes,
 Fechando o horisontè bem semelhão
 Gigantescos degrãos da summa abobada. —

Está junto á donzella o cavalleiro,
 D'ella as mimosas mãos 'stão entre as d'elle.
 Do guerreiro mancebo os sentimentos
 Mal cabem todos no amoroso peito.
 Co'ó mais feliz amor assoberbado
 Crê se elle sobranceiro aos homens todos,
 Em regiões ethereas se imagina,
 Quanto o rodeia tudo é sombra, é nada :

Perde de vista a pequenina terra,
Tendo nos braços seus a sua amada,
Já pisa os astros. e demanda o empyreo.

Tambem da sua parte a virgem candida
Às doçuras de amar se entrega toda.

Ambos 'stão inda na ditosa idade,
Em que a alma ardente d'illusões se nutre :
É venturosa porque pode crêl-o ;
E sempre descuidada ella então julga
Tudo o presente, e o futuro nada.

No rosto da donzella ainda brincão
As graças todas, com que a infancia encanta.
É um botão, que não aberto ainda,
Já da futura flôr revela o esmalte.
Do seu corpo gentil o airoso talhe
Da faia vence o aprumado tronco.
Esbeltas formas, delicados membros,
Mais finas proporções que as da gazella
Um todo fórmão divinal, perfeito.
Em anneis soltos de lustroso ébano
Cáe-lhe o cabello sobre o niveo collo,
E por inquedo zephyro agitado
Semelha as ondas a brincar nas pedras.
A alta fronte, a arcada sobranceira
Não deixão duvidar do nobre orgulho.
Que em consciencia de merito se funda.
Na linda bôcca pequenina brinca

Mal perceptível um sorrir travesso.
Os rubros labios em frescura vencem
A flôr de Paphos, ou da Idalia selva,
Quando inda ostenta as lagrimas da aurora.
Da assetinada tez mitiga o branco
Subtil tintura de esvahida rosa
Mais viva, e rubra nas mimosas faces.
Delicadas feições exprimem francas
De ingenuo coração toda a candura.
Inda a severa expressão do desengano
Seu amargo character não lhes dera :
Quando a donzella não fôra inda trahida
Por impia mão nas affeições mais caras :
Não vira ainda o ente mais querido,
Rompendo os laços da união mais santa,
Renegando a amizade, o amor e o sangue,
Vendel-a, abandonal-a ao vil int'resse :
Não conhecêra ainda quão hypocrita
É o genero humano em seus carinhos,
Com fel no coração, e mel nos labios,
Assim nos olhos inda lhe scintilla
O vivo fogo, audaz do entusiasmo,
Constante excitador de heroicos feitos :
Aquella nobre devoção sublime,
Que activa sacrifica mais que a vida,
Quando a voz brada do dever, e honra ;
Aquella fé illimitada, e cega,

Que os homens todos verdadeiros pinta,
Crê sem reserva na palavra d'outrem,
Nem ousa duvidar sua inteireza.
O guerreiro é de Eldina amado, e qu'rido.
E mais d'elle dizer nem posso ou quero.
«Eldina sou feliz! a ambição minha
Do teu amor na posse expira e morre.
Porém um cavalleiro só no nome,
Que ainda em guerra não serviu a patria,
Sem feitos d'armas nem colhidos louros
Ser amado por ti como merece?
Oh! não terás mais tempo ignoto amante.
Longe nos areaes da Africa adusta
Servindo a patria irei ganhar tropheos
Que aos pés de Eldina deporei ufano.
Quando o real Sebastião magnanimo
Calcando thronos vencedor, terrivel
À frente dos exercitos, que rege
A fronte me c'rôar de eternos louros,
A tua mão virei pedir de esposa,
Em vez de ouro, e vassallos offertando
Mil estandartes de descridos mouros
À custa de meu sangue conquistados.»
Ao cavalleiro assim responde a dama:
«Sim, vae! que a patria, e o dever te chamão
Ai! se um dia a voz sua agonisante
A ouvido Portuguez soar debalde!!

Acompanha o teu rei, que arde insoffrido
Por inda dilatar a fé, e o reino,
Mer'cendo mais subida gloria, e nome
Que seus grandes, reaes progenitores.
Vae! nem o meu amor deve reter-te:
Mas antes infammar, dobrar teus brios
Para acções de virtude, e heroicos feitos,
Jámais abandonando a recta estrada
De leal, e galhardo cavalleiro.
Vae! que depois de p'rigos e fadigas
Virás gozar na patria, que serviste
Sobre teus louros um descanso honroso
Do teu aror nos carinhosos braços:
Pois no meu coração fica a saudade,
Aqui tu viverás eternamente,
Aqui eu guardarei intacta, illesa
A fé que te jurei p'ra todo o sempre.
E se morreres — nem a propria morte
Me póde desligar das minhas juras;
E resignada aguardarei na terra
Que da vida o senhor me livre d'ella
Depois no céo irei contigo unir-me,
Lá no seio de Deus, de amor principio,
Por toda a eternidade amar-nos-hemos.»
«Oh! meu anjo,» lhe torna o cavalleiro,
Estranho, activo fogo em mim accendes.
Mal posso já conter desejo ardente

De ir á fôrça de p'rigos arrostados
Mer'cer do teu amor o premio qu'rido.
Oh! merecel-o não, que inda que o mundo
Com braço omnipotente eu sustentara,
Inda com isso nenhum jus houvera
Àquella, cujo preço excede muito
D'este universo as maravilhas todas.
Mas já que um Deus me dá ventura tanta,
Quero quanto puder d'ella ser digno.
Teu nome invocarei no ardor da pugna,
O meu grito será: Por Deus, e Eldina,
E á minha espada ligarei a morte.
E se a mourisco alfange concedido
A vida me cortar fôr pelo fado,
Com o teu nome morrerei nos labios,
E onde a Deus aprouver hei de aguardar-te.
Oh! que importa o logar onde habitamos,
Se n'elle unidos existir podermos!
O nosso amor nos dá delicias tantas
Que a nossas almas sensação não resta
Para as glorias do céo gosar ainda.
É o meu paraíso onde te vejo,
Onde tu não estás é lá o inferno.»
«Não blasphemes,» o atalha a virgem pura,
«Que só no summo céo, mansão dos justos,
Pode existir amor, divina essencia.
Não ha no inferno amor, lá reina o odio,

Que um coração malvado amar não sabe.
Pode sim conceber torpe desejo
Como a alma maldicta impuro, ignobil :
Mas esse affecto majestoso, grande,
Que dois amantes virtuosos sentem
Quando um no outro somente existe, e vive
Sem pena, ou gôso, que communs não sejam :
Oh ! em um réprobo esse amor não cabe.»
«Eldina, o meu amor mais pode ainda.
E se eu pelos meus crimes condemnado
Fôra por Deus á maldicção eterna,
Nem do inferno as labaredas todas
Consumirão o amor, que por ti sinto.»
«Tua paixão te cega,» diz a virgem.
«Quão bella a noute está, e quão serena !
Nem se agitão as folhas, e o silencio
Apenas interrompe murmurando
Das aguas o cahir no assude em baixo.
No immenso azul dos céos pállidas brilhão
Trémulas, frouxas as estrellas poucas,
Que ainda a par de si consente a lua.
Oh ! quantas noutes passaremos juntos
Quando eu te der de esposo o dôce nome,
Depois que á patria qu'rida tu voltares.
Brincando em tórno a nós nossos filhinhos,
Nos olhos nós leremos um do outro
Do mais ditoso amor toda a ventura

E olharemos o céu. Dize, não sentes
Uma doce saudade, inexprimível
Quando no espaço azul os olhos fixas?
Como se n'esta terra peregrinos
Tiveramos a patria verdadeira
Das estrellas além no céu supremo?»
«Eldina, oh! sim,» responde o cavalleiro,
Como d'um sonho horrendo despertando,
«Só n'essa patria viveremos juntos,
Mas n'esta terra não, não torno a ver-te.
Não sei que pêso o coração me opprime!
Não é presentimento incerto, e vago,
Mas uma voz, que brada aqui no peito
Com fôrça extrema, e distincção horrivel
Que nunca em vida tornarei a vêr-te.»
«Que dizes? louco,» o interrompe a dama.
«Não é loucura, Eldina, antes o fôra!
Mau grado meu distinctamente o sinto.
Será este o momento derradeiro,
Que passo junto a ti cá n'este mundo.
Adeus, risonhos campos, onde a infancia
Em brincos innocentes me fugiu,
Oh! nunca, nunca tornarei a vêr-vos.
Adeus, outeiros, escavados montes,
Onde a caça veloz eu perseguia,
Oh! nunca, nunca tornarei a vêr-vos.
Adeus, formoso rio, em cujas aguas

Eu vinha mitigar estiva calma,
Oh! nunca, nunca tornarei a vêr-te!
Adeus, velho castello, que soberbo
Dominas esse monte lá ao longe,
Adeus, de meus avós jazigo, e berço,
Oh! nunca, nunca tornarei a vêr-te.
Adeus, logares, onde inda bem moço
Os jogos apprendi de cavalleiro,
Onde quebrei audaz primeira lança,
Oh! nunca, nunca tornarei a vêr-vos.
E vós, gratos jardins, amenos bosques,
Que á minha amada só deveis o encanto,
Onde com ella tantas vezes junto
Vinha ainda rapaz brincar tão ledo,
Oh! nunca, nunca tornarei a vêr-vos.
Adeus, arvores, onde eu me aprazia
Em vezes mil gravar de Eldina o nome,
Crescei em paz, protejão-vos as dryades
Q'eu nunca, nunca tornarei a vêr-vos.
Adeus, vós échos, que me repetieis
O nome do meu bem na ausencia d'elle,
Oh! nunca, nunca tornarei a ouvir-vos.
E tu, oh! gruta solitaria, amena,
Aonde eu vinha praticar de amores
Com quem minha alma me sujeita, e exalta;
Onde ella proferiu a vez primeira
Com voz incerta, tremulante, extincta

As palavras de encanto: «amo-te muito;»
Palavras, cujo som harmonioso
Em mim retinirá em quanto á alma
Restar de sensação um só vislumbre:
Onde com ella vinha vêr o occaso
Do monarcha da luz, do sol brilhante,
Quando a natura inteira nos sorria,
E do nosso futuro o horisonte
Mostrava as galas, que a ventura traja:
Onde pendente de seus olhos ternos
Sonhava ditas, que hoje o céo me inveja:
Oh! gruta, acceita o meu adeus saudoso,
Jámais, jámais, oh! tornarei a vêr-te.
Adeus, adeus, Eldina, minha amada,
Sê constante, e fiel, leal me guarda
O teu jurado amor eternamente.
Mais uma vez — adeus — até á morte...
Mas não posso partir, poder mais alto
Ao pé de ti me prende, anniquilando
O meu esfôrço, e a vontade minha.
Eu ser-te-hei leal, de novo o juro
Á face aqui do céo, da terra, e inferno,
Na presença de um Deus, que vê-me e escuta.
Se eu puder perjurar, caiba-me em sorte
No outro mundo maldicção eterna,
E n'esta terra só deshonra, e opprobrio.
Seja quebrado e rôto o brazão d'armas,

Que herdei de meus avós, hõnrado e nobre,
Minha armadura, meu broquel e elmo
Expostos na golilha á vil canalha,
Que no meu rosto cuspirá impune.
Seja o cadaver meu pasto de corvos,
Os meus ossos a cinzas reduzidos,
E espalhados depois aos quatro ventos.
Desmantelado o meu castello antigo,
Banido o nome meu de sobre a terra,
Sejão de meus avós os restos caros,
Ao sepulcro pacifico arrancados,
De esfomeados cães ludibrio e escarneo:
Do neto paguem a traição cobarde.
Mas tambem quero da constancia tua
Levar penhor, nem poderás negal-o
Ao teu amante, que caminha á morte.
O que nunca pedi, peço-te agora :
Do nosso amor em nome — Eldina — um beijo. »
E um braço em roda da cintura esbelta
Á sua amada o cavalleiro passa,
Com a sinistra mão lhe toma as d'ella,
Contra si cinge a quasi aerea forma.
Já da donzella o delicado seio
Contra a couraça do guerreiro pulsa,
E já os labios se approximão — tocão.
Do cavalleiro as falas escutara
Sem que o interrompesse a virgem bella.

Ou no seu coração ella sentia
Presentimento igual ao do guerreiro :
Ou por suas palavras fascinada
Cheias de convicção intima, ardente,
E dos seus olhos pela expressão sinistra :
Ella não pôde oppor a razão fria
Do seu amante á phantasia ardida
Assim co'os olhos n'um só ponto fixos,
Como em profundo meditar absorta.
Aos sentimentos todos se entregava,
Que em suas falas exprimia o joven
Assim quando com voz, onde tremião
O resignado esforço e a desp'rança,
Seu amante lhe disse um adeus da alma
Das intimas entranhas arrancado,
Ella julgou já vêr fugir p'ra sempre
Do seu mimoso amor o objecto caro
E se ella ousasse então n'esse momento
Seguir do coração primeiro impulso,
Lançara ao collo do extremoso amante
Como para retel-o os braços meigos ;
Mas quando um beijo ousou elle pedir-lhe,
E antes que recusal-o ella pudesse,
Os labios lhe tocou nunca tocados
Por labios d'homens, e dos quaes nem mesmo
Outros jámais se approximárão tanto
Que confundir-se o halito pudesse.

Então ella ao sentir o beijo ardente
Primeiro a custo, mas depois cedendo
À fôrça da paixão irresistivel,
Às delicias d'amor o peito abre.
Então ella provou o sentimento
Incompr'hensivel, grande, immensuravel,
Que as faculdades da alma absorve todas,
E em que uma vida se resume inteira :
O sentimento de ventura extrema
Que uma só vez na vida exp'rimntamos
Quando depois de requestada muito
Aquella que adoramos nos concede
Dôce premio d'amor, primeiro beijo,
Assim o coração sentiu Eldina
No peito lhe bater com fôrça extranha,
Activo fogo lhe coar nas veias,
Em todo o ser agitação convulsa
E o corpo lhe tremer como se houvera
Subito choque electrico soffrido.
Oh! céos, aos olhos seus n'esse momento
Do universo lhe fugiu o resto,
E ella só via, só sentia e qu'ria
Aquelle, a quem de amado o nome dava.
Oh! vida e morte e céu e eternidade,
Inferno e paraiso o amor n'essa hora
N'um beijo resolveu, que foi para ella
Primeiro e derradeiro, pois na escada

Que leva ao rio retumbou com fôrça
De pesada armadura o som de ferro.
Bem qual a corsa timida, que encanta
Repousa em cama de folhage' e musgo,
Do caçador o grito ouvindo ao longe,
Rapida se ergue, attentamente escuta,
Em tôrno os olhos volve, o ouvido apura :
Ao impulso primeiro assim cedendo
Como para fugir a dama se ergue.
Com presteza igual o assento deixa
Tambem o cavalleiro, e a dextra leva
Á cruz da espada, a sinistra cinge,
Prestes a defendel-a, a virgem cara.
Mas antes que de obrar o tempo tenha,
Ouve estas falas, que elle attento escuta.
«Eis-nos chegados! tu aqui me aguarda
Co' o prompto barco em quanto eu ao castello
A empresa vou tentar a todo o risco.»
Porém uma outra voz assim lhe torna :
«Não, senhor conde, não! Deus não permitta
Que em quanto a vida vossa arriscar ides,
Vosso servo leal em ocio fique.
Onde vós pereceis tambem eu morra :
Em quanto eu vivo fôr hei de seguir-vos.

CONDE

Nada receies, que eu tambem não temo

Não julgues minha vida em risco grave,
Que eu tudo preveni, segurei tudo.

O OUTRO

Embora! não vos deixo. Não quizestes
Meus conselhos ouvir leaes, prudentes,
Mas impedir-me não haveis ao menos
Que os p'rigos todos, que correrdes, corra.

CONDE

Insolente! Ordeno-te que fiques.
Resistir ousarás ás ordens minhas?

O OUTRO

Sim, senhor conde, a resistir me atrevo.
Este peito, que a vosso pae outr'ora,
E a vós não menos em batalhas tantas
Contra golpes mortaes serviu de escudo,
Eil-o! Feri! Eu indefeso o off'reço.
Porém que um juramento eu traia, ou quebre,
Jámais vereis.

Sabeis que eu fui somente,
Com gloria o digo, quem cerrou os olhos
Ao conde vosso pae, quando mal frido
Por dardo Tunquinez, abandonado

Foi pelos nossos no perdido campo.
N'esse instante solemne e derradeiro
Elle me fez jurar que logo ao reinó
Eu voltaria do seu filho ao lado:
Que seu guarda seria e companheiro,
Com elle os p'rigos dividindo todos.
Julgae agora, se eu sem ser perjuro
Expôr a vida poderei deixar-vos
Sem ao ferro inimigo oppôr primeiro
O peito, que votei á casa vossa.

CONDE

Qual a razão porém, por que tu julgas
Que de tão grande risco a empresa seja?

O OUTRO

Que é feito, senhor conde, da prudencia
Que em campos como chefe haveis mostrado?
Acaso vos cegou o amor a ponto
Que não vejaes que embora vos franqueie
Comprado servo do castello a entrada,
Tendes mil p'rigos a correr ainda?
Que brilhar podem ao motim mais leve
Espadas cem, que não embote o ouro?
Do precipicio sobre a borda ainda

Outra vez rogo: desisti da empresa
 Louca, imprudente, temeraria, inutil.
 Mas se não qu'reis ouvir-me, hei de seguir-vos,
 E sempre ao lado vosso haveis de vêr-me.

CONDE

Perdôa, meu Gusmão, que hei sido injusto.
 Mysterios te fazer nunca eu devêra,
 Nem ter segredos, que saber não possas.
 Pois tu és-me leal como no p'rigo
 Leal á minha mão é esta espada.
 Nada te occultarei; ouve portanto:
 Do castello não é, nem d'entre as armas
 De servidores fieis, valentes guardas
 Que eu pretendo arrancar a bella Eldina;
 Mas do jardim e d'entre os braços débeis
 De imberbe moço, do meu ferro indigno.»
 (Do mancebo, que ouvia, a mão convulsa
 Com mais fôrça apertou da espada o punho.)
 «Ja por uma aia, que comprou meu ouro,
 Eu sei ha muito que a soberba Eldina,
 Que a minha c'rôa desprezou de conde,
 Tão altiva e feroz não é p'ra todos.
 E a mesma, que desdens p'ra mim só tinha,
 Ousa sem pejo ir entregar-se toda
 Aos braços d'um mancebo ambicioso,

Sem nome, ou fama, desvalido, pobre,
Que n'ella vê sómente a rica herdeira,
Cujos dominios lhe darão valia.
Ora esta noute os dois leaes amantes
N'este jardim mesmo encontrar-se devem.
Da sua casta, virtuosa dama
O paladino heroe quer despedir-se
Antes que siga d'Africa a jornada,
E receber talvez do seu affecto
Romantico e fiel alguma prenda
Que no elmo possa alardear soberbo.
Morte e inferno! Verão se eu nada possa.
Seu nome — eu não serei quem o profira.
Basta dizer-te, que mais facil fôra
O atrevido falcão voltar com vida
Do vôo audaz, que contra a aguia empr'hende,
Que esse mancebo, que eu desprezo e odeio,
Se da bálnha conjurar meu ferro,
Vêl-o outra vez voltar ao fôrro estreito.
Fica pois sem receio, e só me deixa
A esses loucos provar que não se zomba
Do conde de Lanhoso impunemente.

GUSMÃO

Mau grado meu vos obedeço n'isto :
Não sei que mal o coração me agoura.
Visto o ordenardes ficarei embora.»

Subindo a escada, no terreiro assoma
Logo o orgulhoso conde. D'onde estavam
Os dois amantes o notar podião.
Gigantesco era o talhe e a estatura,
E do seu capacete a altiva pluma
Sempre entre os combatentes costumava
Se elevar tanto na travada p'leja
Quanto entre arbustos a soberba faia.
Seus membros colossaes cobria agora
Negra armadura de dobradas laminas,
Onde da lua embaciando os raios
Não revibravão longe a luz traidora.
Escudo não trazia, confiando
No aço provado da loriga e cotta.
Nem signal ou divisa elle ostentava,
Que desse a conhecer quem o guerreiro;
Apenas no morrião negro pennacho,
Que voando entre as trevas semelhava
Em céu escuro azul riscada nuvem.
Tambem do esquerdo lado lhe pendia
Pond'rosa espada de lavor extranho.
O punho d'ouro e pedras não formava
A cruz christã de cavalleiro luso,
Mas copos ricos de mourisco talhe
Nas forjas de Damasco trabalhados.
D'esta espada dizer soia o conde
Que inda um de seus avós acompanhando

O conde D. Henrique á Palestina
Ao proprio Saladino a conquistara
Ante os muros d'Arcão em um recontro,
Onde o aprisionara se não fôra
De Turcos por um bando resgatado,
Que mal com vida ainda o libertárão,
Nas mãos do vencedor deixando a espada.
Agora o neto ufano a traz pendente
De comprida corrente, que de encontro
Contra o dobrado arnez deu som de ferro
Quando elle demandando o parque umbroso
Por entre os troncos se perdeu ligeiro,
Qual dita de mortal se esvae nas trevas.

Mas que detinha então de Eldina o amante,
Que em sangue de rival lavar não ia
Da sua amada a affronta, e a injuria propria?
Seria acaso o medo? Oh! não, porcerto.
Co'as supplicantes mãos detem-n'o a virgem.
•Eldina, oh! não, não posso. A propria vida,
Ou cem, tivera-as eu, sacrificara
Por teu mimoso amor — mas nunca a honra.
Esse soberbo desdenhoso conde
Poder julgou no seu orgulho insano
Ambos nos infamar impunemente,
E aos pés calcar-me qual reptil inerme;
Mas esta espada provará seu erro.
Que contra as fôrças suas de gigante

Não poderei lutar mancebo ainda,
Em vão me dizes, pois faltando fôrças,
Supprem os brios, que me sobram na alma.
E succeda o peor, prefiro embora
Morrer mil vezes a viver sem honra.
Os entes de mais mansa natureza
Tornão se feras, indomaveis, bravas,
Do seu amor na defensão sagrado,
Morte arrostando inevitavel, certa.
Assim a rôla timida no ninho,
Vendo-se approximar mão agressora,
Agita as azas, e ouriçando as plumas,
Co'as fôrças todas do rosado bico
Mimos do seu amor defende impavida,
Rasga co'o bico o pelicano o seio
P'ra com seu sangue alimentar os filhos:
E eu então Portuguez e cavalleiro,
Que visto as armas que guerreiros trajão,
Cobarde abandonando a minha amada,
Não ousarei oppôr a quem m'a rouba
O braço armado com inutil ferro?
Oh! não, do sangue de meus paes emquanto
Uma só gôtta me girar nas veias,
Pela honra a verterei de cavalleiro.
Como queres que em Africa eu combata
Emquanto em Portugal te deixo exposta
Do conde á furia sem poder valer-te?

Oh! os demonios seus vomite o abysmo,
Arme-os de fogo, infernaes coriscos.
Contra meu peito quebrarão seus raios,
E as filas suas correrei sem susto
Primeiro que t'e deixe, oh! minha Eldina,
Por leve risco ameaçada apenas.»

Então a virgem renascer-lhe na alma
Sentiu os brios em seu peito innatos.
Que ella não descendia dos que temem
A inevitavel morte olhar no rôsto,
Um momento porém do amante o p'rgo
Da alma o vigor lhe anniquilara, e as fôrças.
Mas prestes recobrando o esfôrço heroico,
Nas faces um rubor mostrou mais vivo,
Dos olhos dardejou subito fogo,
Co'um movimento rapido ao mancebo
O lindo punhal do cinto arranca,
E assim lhe diz: «Ingrato, que não queres
Os meus ais escutar, ouvir meus rogos,
Nem te lembras que vaes deixar morrendo
A tua esposa entregue e abandonada
Aos insultos crueis do brutal conde,
Ao opprobrio e deshonra... oh! mas não temas,
Pois quem sabe morrer é sempre livre.
Se aos golpes inimigos succumbires
A ingrata terra deixaremos ambos,
E este punhal me livrará de affronta.»

«Eldina, anjo do céo, deixa-me o ferro,
 Que vêl-o em tuas mãos me desanima.
 De cavalleiro a honra não consente
 Que cobarde uma injuria impune deixe,
 E de cumpril-o não me aterra a morte :
 Mas duas vidas se a arriscar me obrigas,
 Co'a minha a tua juntamente expondo
 Á rija folha do valente imigo,
 Talvez que então no decisivo transe
 A mão me trema, e me fraqueie o animo.
 Cede a meus rogos, meus pedidos ouve :
 Seguro abrigo no castello busca,
 Que até ganhal-o defender-te posso,
 E só me deixa decidir affouto
 Co'o meu rival contenda sanguinosa.»

Então a dama altiva a frente eleva,
 E conscia do que vale assim responde :

«Dos meus antepassados vê na historia
 Se podes encontrar varão, ou dama,
 Que na hora do perigo abandonasse
 Cobarde o seu amigo ou seu amante.
 Eldina não será pois a primeira,
 Que o sangüe negue, que nas veias sente.
 Se eu não queria que em duello fôsses
 Uma vida arriscar que á patria debes,
 Não julgues, não, que eu propria a morte tema ;
 E se o teu ferro um Deus abandonando,

Ao conde te entregar, quero provar-te
Se sou tão fraca, que o morrer me assuste.
Segue-me!» — Disse, e o ferro sustentando,
Com firme passo no jardim se interna ;
Victima voluntaria busca mesma
Para o seu sacrificio altar cruento.
O moço cavalleiro, não podendo
A donzella reter, de perto a segue,
A espada nua na valenta dextra
Ao pallido luar luzir deixando. —

«Por entre as murtas vês aquelle vulto ?

O conde, o teu rival, eil-o, combate-o.»

Mas o mancebo quiz dobrar ainda
Da extremosa amante o intento fixo :

«Do conde não me assusta o poder todo,
Mas tremo em tuas mãos emquanto vejo
Esse ferro homicida ameaçando
O teu mimoso peito. . . . Em vão rogava,
Que o seu fero inimigo já avistara
Elmo e luzido arnez brilhar á lua.
Viu o a donzella demandar o sitio
Onde ella estava, e estremecer sentiu
No peito o coração. «Já fomos vistos,
E de voltar atraz já não é tempo.
Porém seja o que fôr, ao menos nunca,
Oh ! nunca, nunca nos separaremos.
A mesma morte deve unir-nos ambos,

Que é mais facil dizer adeus á vida,
Que a ti dizer adeus, meu bem amado.»

Responder-lhe quizera inda o amante,
Porém ante elle com olhar sinistro
'Stava do conde a gigantesca forma.

«Moço imberbe, que se has de ir apprendendo
A usar a espada e cavalgar ginetes,
Vens só fazer de seductor de damas,
Minha graça aproveita emquanto é tempo :
Retira-te, e agradece á tua estrella,
Se sem te castigar partir te deixo.»

Mas o mancebo de negar mui longe
Nobre valor, que de seus paes herdara,
Co'a affronta sente redobrar seu brio,
E de raivoso a côr lhe sobe ao rôsto.
Ao orgulhoso conde assim responde :

«Taes bravatas desprezo. Se preciso
Apprender inda a manejar a espada,
Em proprio damno teu já vaes sabel-o.
O nome vil de seductor rejeito,
E ás tuas barbas arremesso um *mentes*.
Queres lançar-me em rôsto em que me occupo,
Tu, que só cuidas em saráus e festas,
Em logar de seguir o chamamento
De teu rei e senhor, que te convida
A deixar esvoaçar aos ventos d'Africa
O estandarte, que sobre o teu castello

Em ocio ignobil, vil, tremula apenas?»

Ou com obliquo raio então a lua
Do conde a face com pallor cobriu,
Ou livida tornou-lh'a intensa colera.
Azues os labios se mostrando e rôxos,
Saltar os olhos da orbita ameação.
Cérrão-se as mãos por convulsivo impulso,
E se o vento não foi, que a bandeirola
Nas ameias fez rodar, rangérão dentes.
Mas o ingente furor calmando um pouco:

«Atrevido rapaz, embora segue
Teu fanatico rei, louco, imprudente,
Que quer á fôrça sepultar seu reino
Nos vastos areaes da Mauritania:
Segue-o embora, mas em paz me deixa.
Á parida leôa vae sem armas
Os filhos arrancar, que ella amamenta:
Vae temerario despertar c'o braço
Do somno leve o esfomeado tigre;
Mas, insensato, m'irritar não busques,
Nem da bainha provocar meu ferro.»

Mas o moço guerreiro assim lhe torna:
«Morre o cobarde vezes mil, sem conto,
Porém uma só vez morre o valente.
Nunca a morte temi: para obrigar-te
A desnudar a espada preguiçosa
Eu já em rosto te lancei um *mentes*;

Se isto não basta, toma — e com a espada
O negro elmo lhe tocou de prancha.
Era mais que soffrer podia o conde.
Bem qual a fera indomita, sedenta,
Por inexperto caçador ferida,
Com redobrada sanha, e só d'um salto
Sobre o provocador se precipita ;
Ou qual o bufalo que a garrocha sente,
Espicaçado, as pontas abaixando
Cego de furia seu contrario assalta ;
Tal o conde, arrancando a cimitarra,
Que meio palmo de largura abrange,
E um circulo de luz no ar descreve,
Sobre o audaz mancebo se arremessa.
E com a raiva as leis de cavalleiro
Cego esquecendo, sem mandar primeiro
O adversario incauto pôr-se em guarda,
Tal golpe lhe atirou, que se o apanhasse
Outro porcerto já mister não fôra.
Mas o mancebo, que previu o p'rigo,
Para cobrir-se lhe faltando o escudo,
A espada prestes lhe off'receu deante.
Porém do conde a Damasquinha folha
Té quasi ao meio a penetrou fendendo,
E sem reter sequer signal ou mozza,
Tão fina a tempera, e tão rijo o ferro.
Conheceu o mancebo desde logo

Nas armas e nas fôrças desvantagem,
Mas nem por isso fraqueou-lhe o brio,
Que deante elle, e por detraz do conde,
(Seria para animal-o?) estava Eldina.
Arde o combate, trava-se a peleja,
Lume as espadas, se chocando, ferem.
Na solidão da noite o embate d'armas
Vae d'écho em écho ribombar ao longe.
Bem como a onda derribar intenta
Rochedo ingente, que deante encontra,
Mas pela rocha inabalavel, firme
Rechaçada uma vez, de novo, e sempre
Com maior furia ao combate volta :
Tal o mancebo contra o conde pugna.
Baldado esforço. D'este a larga espada
Desfaz-lhe malha e arnez peça por peça.
Do moço a folha ainda que valente
Do colossal, feroz imigo arranca
Das negras armas o verniz apenas.
Para d'um golpe terminar a lucta,
Com as mãos ambas segurando a espada,
Eis que alto, alto no ar a vibra o conde.
Do proprio impulso a desmedida furia,
Ou algum genio protector (quem sabe?)
A lamina fatal voltou na queda,
E sobre o elmo do infeliz mancebo,
Virado o córte, a fez cahir de chapa.

Mas assim mesmo da pranchada a fôrça
Sobre os joelhos atirou o joven.

«Levanta-te, se podes, pede a vida.»

«Quem? eu pedir a vida? eis a resposta.»

E subito se erguendo, a espada agita,
E um golpe ao conde no semblante assenta
Mesmo por baixo da vizeira erguida.
O sangue corre, lhe offuscando a vista.
Ah! prestes, prestes, mais um golpe d'esses
Em quanto os olhos não alimpa o conde,
E vences, vences, esforçado moço. —
Mas que? vacillas, ouras, cáes por terra?
Ai! desgraçado, que alcançou-te a morte.
Qu'rendo o golpe apanhar, que lhe atirara
O contrario, vibrara o conde um outro,
Porém desencontrada a larga folha
Toda esconder-se foi no dextro lado,
Que desguardado lhe offrecia o moço.
Curto o triumpho do soberbo conde.
Onde a couraça deixa livre o collo,
Fino punhal lh'o penetrou profundo:
Nem mais um ai, nem um gemido se ouve.
Assim o altivo cedro das montanhas
Cortado pelo pé, se balanceia
Um só momento, e cáe. Tocando a terra
Ao longe as bronzeas armas estrugirão.
E esse, que ha pouco c'o valente braço

O céo, o mar, a terra ameaçava,
E a cujo ferro nada era impossivel,
Hi jaz inerte, inanimada massa.
Duas poll'gadas de metal, do mesmo,
Que temido o fizera, forte e grande,
Co'a terra, que elle opprime, o nivelarão.
Todo o poder, com que elle dominava
Castellos sete, innumerados vassallos,
Não pode ao menos o livrar que seja
Pasto de vermes, de reptis nojentos.

Mas quem prostrou assim um tal guerreiro?
D'uma fraca donzella o debil braço.
Vira ella vacillar, cahir o amante,
Ante ella o matador, na mão o ferro,
E da vingança a acção rapida e prompta
Té quasi precedeu o pensamento.
Mas voltou este, satisfeita aquella,
E a mesma mão, que abrira a letal f'rida
Não pôde d'ella já arrancar o ferro.
Tremeu Eldina ao vêr cahir sem vida
Aquelle, que ao amante ella immolara.
Mas para a reflexão não é este o tempo:
Pois esse, a cujo amor ella votara
Uma alma inteira até aqui sem crime,
Jaz moribundo sobre a relva fria.
Co'a propria charpa, que ao mancebo dera,
Procura Eldina em vão vedar-lhe o sangue,

Que aos jorros corre cada vez mais negros,
E nos joelhos lhe sustenta a fronte.

«Baldado é teu intento, oh! minha amada,
Que sinto ao coração chegar-me a morte.
Assim não me enganou o sentimento
Qu'eu hoje um longo adeus dizer-te havia
P'ra nunca em vida mais tornar a vêr-te.
N'esta hora porém, que vou deixar-te
Um só favor te peço, oh! não m'o negues.»

Mal a donzella murmurar-lhe pôde:

«Dize, que eu ouço.» O cavalleiro torna:

«Além do tumulto ha, n'este momento
O sinto na alma com dobrada fôrça,
Um outro mundo, e mais ditosa vida.
Lá poderemos nós viver unidos,
E esta esperança só me adoça a morte.
Mas não a torneç vã, não te rebelles
Contra Aquelle, que é só senhor da vida,
Não vás com impia mão romper os laços,
Com que Elle á existencia quiz ligar-te.
Respeita um Deus, seu chamamento aguarda,
Oh! pois o unico crime n'este mundo,
P'ra que perdão não ha, pois não conhece
Indo o arrependimento — é o suicidio.»

Então a virgem como se estivera
Ella propria a dizer adeus ao mundo,
Com trémula, abafada voz, e quasi

Sem os labios mover, assim responde :

«Oh! sim, morrer por ti era mui pouco,
Pois viverei por ti.»

— Por entre os freixos

Eis que uma tocha resplandece — e duas —
E quatro — e seis — e cem — e mil, sem conta.
Outras tantas espadas junto d'ellas
Ao trémulo clarão scintillão nuas. —
Nos muros do castello a sentinella,
Ouvindo o tinir d'armas, dera alarme.
Logo o edoso barão salta do leito,
Põe presto o morrião, veste a couraça,
Os seus guerreiros junta, e á sua frente
Vae açodado já explorar de prompto
Quem no recinto de feudal castello
Faz armas retumbar áquellas horas.
Ao sitio chegão da recente lucta,
Porém que avistas, castellão soberbo?
Aqui jaz morto de Lanhoso o conde,
Teu fiel alliado, e caro amigo.
Sobre elle chora o servo, que em despeito
Do seu expresso prohibir seguira
De perto o amo, mas em vão quizera
Suster o golpe, que o prostrou sem vida.
Sobre um guerreiro, que parece extincto
Não vês que uma donzella alli se inclina?
Mas ella quem será? É tua filha.

Viu-se Eldina exposta a tantos olhos,
Que talvez não julgassem mui benignos
Sua nocturna estada entre guerreiros:
Mas que lhe importa a fama, o nome e a honra,
Se entre os braços lhe está morrendo o amante?
Esse p'ra quem vivia, a cujos olhos
Pura, sem mancha parecer só qu'ria.
Ella ouvindo o motim, voltou o rosto,
Sem conhecer um só olhou-os todos,
Porém logo de novo a vista volve
Sobre o mancebo sem mostrar surpresa:
Que a dôr, que sente então no intimo da alma,
N'um sentimento só resolve todos. —
«Que te trouxe, Eldina, minha filha,
A estes sitios aqui, a taes deshoras?
Segue me, que esse joven cavalleiro
Todo o auxilio terá, e será salvo
Se o puderem salvar humanas fôrças.»

È os braços quiz lançar-lhe, mas a virgem
O olhar lhe volve tão gelado e frio,
Com mudo, mais que humano soffrimento,
Que até deixava duvidar ainda
Se ella seu proprio pae reconhecêra:
Porém ao menos revelava ás claras
Que a vida lhe arrancar era mais facil,
Que desvial-a então d'aquelle sitio.
De pae o coração bater sentiu

O orgulhoso barão, feroz soldado :
 Inda um sinistro olhar lançou ao moço
 (Que este lhe sustentou sereno e placido,
 Temor, ou odio sem mostrar, como ente
 Às terrenas paixões já sobranceiro),
 Depois que a f'rida examinar-lhe fôsse
 D'entre o seu sequito ordenou a um velho.
 De curar na arte conhecia este
 Das plantas todas as virtudes e os succos.
 No Horeb, Uraes, no Libano, Lupata,
 Nos Alpes, Apenninos, no Himalaia,
 No Chimborazo, Mimbres, Apalaches,
 Das hervas todas recolhido havia
 Beneficos principios e nocivos,
 Os venenos, e antidotos potentes.
 O povo murmurou que elle sabia
 Bebidas preparar, cuja virtude
 Podia só porvir de sciencia occulta,
 De arte vedada, e de nocturnos pactos
 Com genios infernaes, malignos entes :
 Mas antes quero eu duvidar tal crença.

Estes co'os olhos a letal ferida
 Agora explora, mal de leve a toca,
 E depois ao barão assim responde :
 «É dos homens aqui baldado o auxilio.
 Em paz morrer deixae o, que tocar-lhe
 Servir só pode de apressar-lhe a morte.» —

Rareião pouco e pouco alvas estrellas,
Mais claro e vivo azul o céo assome.
Ao oriente vão ganhando as nuvens
Dourada franja a rosas esmaltada.
Logo os montes de purpura se c'rôão,
Sobre os ramos accorda o passarinho,
Bate as azas, gorgeia, alegre salta:
Nas laranjeiras assobia o melro;
E nos ares perdida a cotovia
O seu hymno ao Senhor entôa d'alto.
Nas orlas orientaes do céo um facho
De vivo fogo e variadas tintas,
De perola, rubi, côr de laranja
Largo se estende, interrompido apenas
Por estreitos listrões de negras nuvens
D'um carro de batalha como a roda
De luzentas espadas guarnecida,
Já tinta em sangue d'esmagados corpos,
Assim no céo desponta o rei dos astros
Pouco e pouco em soberba majestade
O immenso disco surge, e já parece
Auréola formar sobre a montanha,
Já, perdido o rubor, e a côr sanguenta,
No azul espaço balançar-se livre.
Mostrão os prados mil diffrentes verdes.
Cada gôtta de orvalho as côres d'Iris.
Na natureza inteira é tudo vida,

Tudo vigor e mocidade e viço,
Tudo sorri, bem como escarnecendo
As pequenas miserias dos humanos.

Já do f'rido guerreiro o ultimo sangue
Às golfadas não corre, mas em gôttas.
Oh! não menos fataes se esvae a vida.
Elle sentindo então a sêde ardente
De quantos morrem de soldado a morte,
Pediú aos homens que o cercavão, agua.
A um dos vassallos o barão accena.
Vae n'um regato encher aquelle o elmo,
E aos sêccos labios do guerreiro o chega.
A longos tragos o licôr da vida
O mancebo bebeu, mostrou nos olhos
Luz fugitiva, passageiro lustre,
Bem como a lampada a extinguir-se prestes
Inda revive em momentaneo brilho.
Co'as poucas fôrças, que lhe restão inda
De Eldina a mão o cavalleiro toma,
E a leva ao coração, que mal agitação
Mais e mais frouxas pulsações perdidas.
Depois co'os olhos os da virgem busca,
E mais com elles que co'os labios diz-lhe:
«A vida é nada, e o morrer não custa.
Nossa separação não dura sempre.»
Cruz, que sustenta o Redemptor do mundo,
Um velho lhe apresenta, e elle a beija:

E olhando o céu em matutinas galas,
 Murmura inda : «Meu Deus, misericórdia.»
 Té que se some em 'scuridade tudo,
 E fixa, baça se lhe torna a vista.
 Tal o crystal do espelho com um sôpro
 O lustre perde todo, e nada pinta.
 Mais uma convulsão — e passou tudo.
 Hirtos os membros sem acção, nem vida.
 Retem os labios do mancebo ainda
 A rosea côr, porém do rôsto as linhas
 Sem expressão alguma, assaz denotão
 Que já no corpo não habita a alma.

Em mudo, inconscio olhar perdida Eldina
 Sobre o rosto do amante vigiava
 Da morte pállida o progresso lento.
 Já da vida fugira o ultimo sôpro,
 E inda ella olhava, a olhar continuaria,
 Se o afflicto pae, nos braços a tomando,
 De vista tão fatal não a afastasse.
 Deixou-se ella levar sem resistencia
 Co'os olhos sempre no mancebo fitos :
 Quando porém não pôde mais já vê-lo
 Orou, cahiu em terra inanimada.

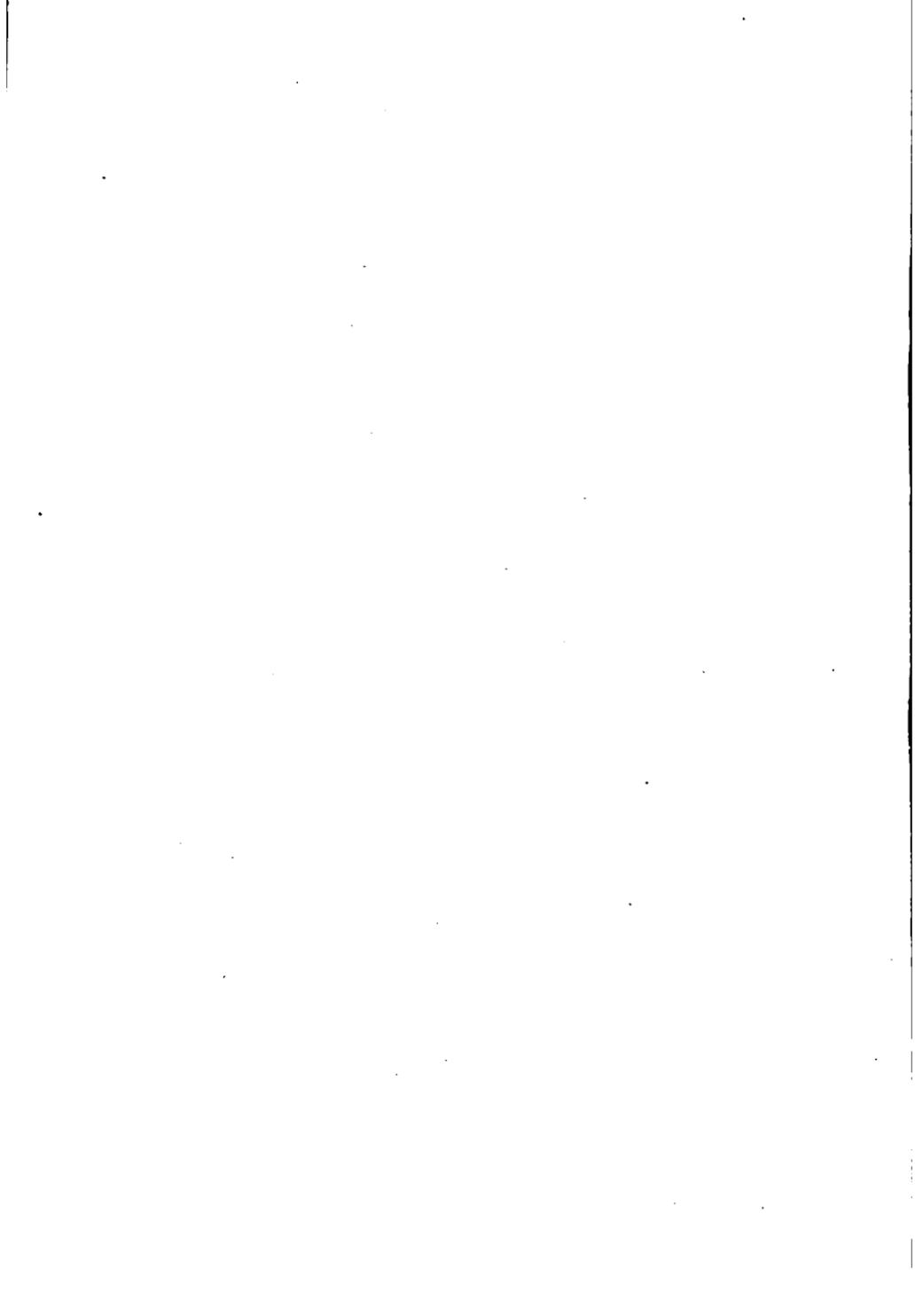
Fôrças para a reter não teve a morte.
 Reviveu inda, mas a viver da alma
 Em si se concentrou. Um novo mundo
 Ella creou só seu, o povoando

Com vivas, encantadas phantasias,
 Com ficções lindas e brilhantes entes
 De côres mais bellas, que não teem na vida.
 Homens, que este viver não compr'hendião,
 Chamárão-no loucura, mas das almas
 É a loucura variada muito.
 Nunca mais desde então responde a virgem
 Pergunta de mortal, baldado, inutil
 O falar-lhe é, porém se acaso ella ouve
 O qu'rido nome do perdido amante
 Attenta escuta, mas sem dar resposta.
 Comtudo ás vezes dirigir parece
 A genios invisiveis suas falas,
 Respostas escutar, que ninguem ouve :
 Porém ella ouve, vê, percebe e sente ;
 Extende os braços, e nos meigos olhos
 (Onde não reina a estupidez dos loucos,
 Mas melancholica expressão, celeste)
 Mostra indizível languidez, suave.

Desde a noute fatal dous annos pássão,
 E no castello do barão os sinos
 Dóbrão, redóbrão, um finado chórão.
 'Stá aberto o jazigo, onde repousão
 Dos membros da familia as cinzas todas :
 A capella se vê ornada a prata,
 E negros pannos em funerea pompa.

Da nave em meio, em redor cem tochas,
Rico atháude está, e jaz sobre elle
Donzella, que belleza ostenta ainda.
Alvas as vestes são, e a fronte lhe orna
De brancas rosas virginal corôa.
Da donzella gentil nas faces pállidas
Inda alguns aldeões, que alli vierão,
Conhecer querem as feições de Eldina.

APOSTROPHE À MUSA



APOSTROPHE Á MUSA

All cannot gain renown «by field and flood»
Let those shed ink, who cannot wade in blood.

THE MORAWKS.

I

Sênsivel musa, que incessante choras,
Máguas d'amor, só lagrimas devoras,
Grossas gôttas, saudavel alimento,
Que infeliz *bardo* verte em seu tormento.
Talvez por isso assim myrrhada e sêcca
'Stás, que de certo te levara a breca,
Se não fôra teu dote a eternidade.
Li n'um tal escriptor da nossa edade
(O nome me escapou — se elles são tantos,
Que entulham por ahi todos os cantos!)
Que não provinha, como outr'ora eu cria,
De muita agua beber, a hydropesia,
E em ti, oh! musa, confirmado o vejo.
Sempre em agua afogaste o teu desejo:
Ou de Hippocrene outr'ora na alma fonte

À grata sombra do Appollineo monte,
 Ou n'agua morna dos jornaes agora,
 Que t'a ministrão hoje a toda a hora
 (À tendencia geral sempre fieis),
 Em banhos, em bebidas e em clysteis.
 Comtudo, em vez d'hydropica, pareces
 Que sómente de phthisica padeces ;
 Tão chupada andas sempre e transparente,
 Que deixas vêr a todos claramente,
 Que nada tens em ti — nem uma idéa.
 Qual menina porém, que a custo alteia
 Com engommadas saias e chumaços,
 Perdidos peitos e quadrís escassos,
 Assim trajas tambem largo vestido
 D'ignoto phraseado sem sentido,
 Que sabes estofar de palavrões,
Fibras e vozes d'alma, inspirações,
 Inda arrastando, como por appenso,
 Cauda longa de epithetos em senso :
 E levas por ornatos e brinquinhos
 Admirações e riscos e pontinhos.

Chorona musa, que sem fim lamentas
 Desastres, que talvez tu mesma inventas :
 Saudade, ausencias e desdens das bellas
 (Por certo são bem desdenhosas ellas!),
 Angustias, solidão e caramunhas,
 Que no verso encaixou fôrça de cunhas :

Musa, já que é chorar ordem do dia,
Ou erros do governo em prosa fria,
Ou rigores do fado a descantar,
Choremos nós também de os vêr chorar.
Ai! pobre musa, sim, chorar bem podes,
Vendo-te contrafeita em tantas odes,
E em archanjo por fim até mudada.
Mas archanjo de forma extenuada,
Rachitico, pygmeu, que vae sem dôr
Pousar na lyra d'ouro ao trovador.

Mas nada de paixões — não podes rir-te?
Vem passear commigo, e distrahir-te.
Verás por essas ruas espaçosas
Ao dar das tristes cousas curiosas,
Se da cidade as filhas queres vêr,
Esta hora sempre debes escolher,
E bem podes contar que então vem ellas
A costura trocar pelas janellas.
Em quanto vae a mãe dar volta á casa,
Anda servendo a filha n'uma braza,
Buscando occasião de vir á 'scada
Uma carta acceitar almiscarada,
Papel de côr, e coração na obreia,
Que, depois de gastar semana e meia
Em passar, hora certa, á porta sua,
Gentil paralta lhe off'receu da rua.

Ai! chora, musa, a nossa mocidade :

Correm *elles* as ruas da cidade
Com olhos fitos sempre nas janellas,
E ellas lhes pagam logo as olhadelas.
Sem mais prefacio eis um namôro atado :
Nunca se tinham visto, nem falado,
Não se conhecem, nem sequer de leve —
Mas não se perca tempo — a vida é breve,
E cumpre namorar, seja quem fôr.
Ah! desgraçados, crêdes isso amor ?
Ou que se cifra em cartas, bilhetinhos,
Perder tardes, fazer rir os vizinhos?
E quem namoras, infeliz poeta ?
Não sabes porventura que indiscreta
A bôcca, que tão facil te sorriu,
Com cem outros o mesmo repartiu ?
E que esses labios, que te off'recem beijos,
Mataram a outros já eguaes desejos ?
Ou que essa mão, que apertas tão querida,
Por outros toques já foi polluida ?
Porém zêlos não tens do que é passado ?
Oh! o gôso d'amor mais elevado
Sentir não sabes, nem o que é pureza.
N'um ponto a encerraria a natureza ?
Que quererás então dizer d'aquella
Intacta, em tudo virginal donzella,
Que nem co'os olhos inda amor falou,
Nem d'homem pela mão tocar deixou

Mesmo a orla sequer do seu vestido?
 Que só dar ao feliz seu escolhido
 Tudo quer uma vez e eternamente,
 Quer sem reserva dar, mas a um sómente?
 Que nunca separar quiz o menor
 Do que reputam o favor maior?

Mas, se o passado para ti é nada,
 No presente supões que a tua amada
 Aos outros todos nega o que te dá?
 Pobre coitado! louco, olha, vem cá,
 Quem é tão pouco em *succeder* custosa
 Será no *ao mesmo tempo* escrupulosa?
 Quem, sem n'isso encontrar dificuldade,
 Passa d'este p'ra aquelle sem saudade,
 Qual estalagem tendo o coração,
 Onde entram uns depois que os outros vão,
 Só deverá julgar pouco decente
 Escutar dous, ou tres conjuntamente?
 Digo no mesmo dia, muito embora
 Seja, como convém, diversa a hora.

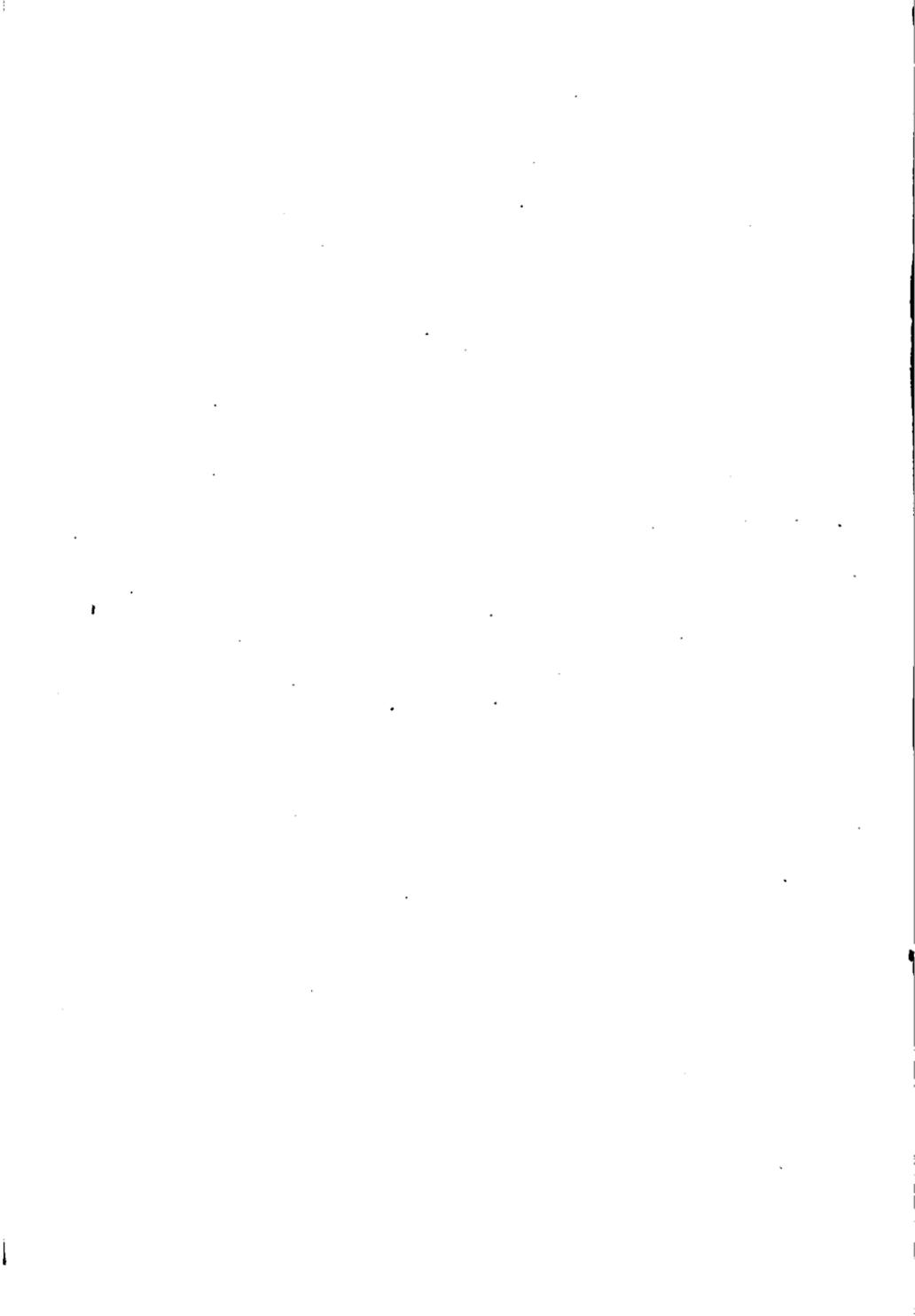
Mas que mais queres, se não mais mereces?
 Se todo o sentimento desconheces,
 Se é namorar p'ra ti mero brinquedo,
 De que te cançarás, ou tarde, ou cedo?
 Se de amor os mysterios profanando,
 Dos amigos á chusma vaes mostrando
 Da, que amar dizes, os escriptos varios,

Fazendo até notar com commentarios
A orthographia um pouco sibyllina,
Que sincera sonhou pobre menina?
Se é quanto alcanças logo apregoado,
E nem sabes sequer gosar calado?
Triste a que terna o coração te abrisse,
E um verdadeiro amor por ti sentisse.
Trahir cumpre hoje, p'ra não ser trahido;
Ai de quem dêr a amor outro sentido.

Oh! perdão, musa, se. por conversar
Com este amigo, te deixei ficar:
Muito bem sabes, que te sou devoto,
E que a ti vezes mil por proprio moto
Incenso queimo sem algum int'resse:
Sem exigir uma faisca d'esse
Estro, com que te fazes tão rogada;
Nada devo, antes tu me és obrigada,
Pois para gloria tua é tão sómente
Que, lucros desprezando altivamente,
De instancias a poder de muito amigo
Com custo assignaturas eu mendigo,
Para *os meus versos* entregar ao prélo.
Lê o meu *a quem lêr*, se quer's sabel-o.
Embora os versos desconheçam lima,
Sejam ruim *prosa disfarçada em rima*,
Chamo-me affouto, d'isso sou senhor,
Menestrel, bardo, vate e trovador.

E tantos hoje se intitulam taes,
Que excedem muito, muito os provençaes.
Se quizermos julgar pelo que lêmos,
Sem duvida devemos crêr, que temos
Ainda muito cavalleiro Arthur
Suivant la gloire, brûlant d'amour.

Ha esta noute um baile. Se desejas,
Querida musa, ir lá, e não te pejas
De te deixares vêr bem decotada,
rás commigo, como apresentada.



Ás tuas ordens, musa, aqui 'stou prompto :
Ja vês que exacto sou, são dez em ponto.
E quão formosa estás! Só me parece
Que mal dos hombros nús se compadece
A patente magreza, o descarnado
Co' o cheio, voluptuoso arredondado
D'occultas formas, que desenha a seda.
É forçoso que tudo hoje te ceda,
Vaes tudo deslumbrar co'a pedraria,
Que talvez não suporte a luz do dia.
Mas sou de parecer que os sapatinhos
De setim branco mettas nos bolsinhos,
Por que iremos a pé — sege não tenho.
Mandei-a procurar com todo o empenho ;
Disse o alquilador que a não havia,

Mas quer-me parecer que o mal viria
Antes de eu não ter pago inda uma conta
(Já nem sequer sei bem a quanto monta!)
Que elle por vezes mil me tem mandado.
Mas um homem de bem, que é obrigado
Dos seus eguaes a frequentar a roda,
Theatros, botequins, andar á moda,
Fazer que deve, se não tem dinheiro,
E precisa mostrar que é *cavalheiro*?
(Gosto d'esta palavra, só por vêr
Que é balda de gazeta, e sem saber
Com segurança onde ella a origem tem,
Co'o bom Faria quero crêr que vem
D'algum *cavalho* da fiel nação,
Que nos veiu valer na intervenção.)
Como dizia, o homem collocado
Em *certa posição* vê-se forçado
A ir ás assembléas, aos salões,
Ás partidas, pikniks, reuniões.
A todo o preço de jogar carece,
Depois então, dizel-o mal parece,
Pagar á vista não se pode tudo.
Mas ninguem quer fazer papel d'entrudo,
Por isso em conta carregar eu mando
Aquillo que preciso, pois pagando
Nem compraria, acreditar-me podes,
Cêra mustacha para os meus bigodes.

Não queres reparar que vista mette
O luzir dos botões do meu collete?
Valem sem hesitar um dinheirão.
Que brilho as pedras tem! — são do Mourão.

Eis o meu braço, vamos a caminho,
Que temos até lá um boccadinho. —
Por detraz d'esta esquina olha, não vês
Da rua em meio alli posto um freguez?
E na janella em cima, e escutando,
Um vulto feminil se debruçando?
O caso passa a mais, se não me engano,
P'ra a 'scalada prepara-se o magano.
Temos que vêr! D'aquelle canto sáe
Vulto, que sobre o outro irado cáe.
Lá fervem entre os dois valentes murros,
Lá soão roucos, abafados urros.
É sem duvida o irmão da rapariga,
Zelando a honra sua, que assim p'riga.
Á lança, espada e ao punhal d'outr'ora,
Mudão-se os tempos, succedeu agora
O sôcco agarotado, o pugilato
Menos p'rigoso, um pouco caricato.
Tudo isto d'acólá vendo a patrulha,
Nem se mexe apesar de tanta bulha:
Bem sabe ella, por isso não se cança,
Que é tudo creancice e guerra mansa.
Os dois gallispos campeões deixemos,

Nosso caminho por aqui tomemos.
 Somos chegados: os sapatos muda,
 E entretanto permite que sacuda
 Eu das botas o pó com este lenço.
 Podemos ora entrar. Segundo penso,
 Esse senhor ahi, que vae subindo,
 Mui conhecido teu será do Pindo.
 Como que deves estimal-o assento,
 Aqui na 'scada mesmo eu t'ó apresento:
 Eis o vate, que a todos leva a palma,
 Escreve versos com o *sangue da alma*.

Da casa á dona feita a vénia usada,
 De ceremonias mais 'stás dispensada,
 E podemos, se quer's, ir começando
 Por essa valsa, que se está tocando.
 N'esta dança não sei tão innocente
 De máo que viu um Byron maldizente.
 Bem se esfalfa o Inglez, mas pregue embora,
 Que já nossos costumes não melhora.
 Em vez de monopolio e despotismo
 'Stá felizmente em voga o communismo,
 E o bello sexo ha muito busca geitos
 De emancipar-se com eguaes direitos.
 Oh! que prazer, passar-te com ternura
 Todo este braço em volta da cintura,
 Esta mão contra o peito meu pousando,
 Teu halito inda quente respirando,

Livre gosar á vista d'olhos mil
 O jús d'amante em hora pastoril!
 Cumpre seguir o mundo e aproveitá-lo,
 Que é louca a pretensão de reformá-lo.
 Eu cá por mim confesso ingenuamente,
 Antes quizera um só amor ardente,
 Mas, se ninguem m'o dá qual eu desejo,
 Pilho um abraço aqui, e allí um beijo.
 Nada do que me dão ingrato enjeito,
 Dêem mais, se pode ser, que eu mais acceito.
 Qualquer taful, que por ahi casquilha,
 Sabe mui bem de cór esta cartilha.

'Stá bom, musa gentil, basta por ora ;
 Vamos sentar-nos um bôccado agora,
 E, cavalleiro teu, sempre a teu lado
 Esta noute serei. Oh! tem cuidado
 A essa dama de te não chegares,
 Pois p'rigo correrás de lhe esmagares
 Talvez os dôces, que terá lampeira
 Mettido ás escondidas na algibeira.
 Mas se ella tem em casa uma filhinha,
 Que está já no costume, coitadinha!
 De lhe levar a mãe, sempre que sáe,
 Qualquer cousa da parte aonde vae!

Olha allí de ti mesma um predilecto,
 Um poeta fidalgo mui discreto,
 Que ora nos conta em suas poesias

Quantos em casa tem tios e tias,
 Ora relata em lamentosa rima
 A dura morte da int'ressante prima,
 Ora improvisa aos annos das sobrinhas
 Sonetos, por que tem quatorze linhas.
 E inda estes versos *de familia* o povo
 Ha de pagar-lhe co'um cruzado novo!

E não pasmas de vêr tão galhofeiro,
 De cabeça tão leve, e pé ligeiro
 Aqui tanto *poeta agonisante* —
Amador infeliz — *Sá caducante?*
 Tanto vate funereo, que só chora
 A *dór acerba, infinda*, que o devora?
 Que, p'ra viver *dos homens isolado*,
 A este sitio vem despovoado?
 Que ter no rôsto diz a todo o mundo
 Do seu *longo penar sulco profundo?*
 Que só lamenta o seu *soffrer intenso*,
Sua descrença e padecer immenso?
 (*Immenso* porque *immenso* e *magô* é tudo :
 É *immenso* o *pungir d'espinho agudo*,
Magos olhos, sorrisos, carmes temos
 E inda *magos archanjos* nós veremos).
 E não extranhas vêr tão perfumado
 Correr as damas tanto desgraçado,
 Que apenas vive *dias cruciantes*,
 Que apenas ama *as briças ciciantes?*

Que *d'amarguras dédalo* através
 Dos seus versos conduz os frouxos pés,
 E semeando *fel, prantos e ermos*
 Entre altos, turgidos, guindados termos,
 Emquanto (é dicto do mordaz Francez)
 Co'a saude melhor come por tres,
 Por methaphora morre em cada verso?
 Não te parece que em logar diverso
 Devérão 'star agora estes chorões?
 Mas qual historia! Olha-os mui pimpões
 De cima abaixo a sala passeando,
 O corpo a retorcer-se peneirando,
 Calça esguia, casaca ao escapar,
 Arcando os braços, co'o chapéo a dar.

Vês n'esse canto aquella desgraçada,
 Que toda a noute tem 'stado sentada?
 Coitada! Embora morra por dansar,
 Só á falta de gente agarra par.
 Ella, como bem vês, não é formosa,
 Em extremo porém é virtuosa,
 Pois, sendo tambem pobre, abraça a seita,
 Que p'ra o céo guarda quanto o mundo enjeita.
 De perto conheci, por meus peccados,
 Uma *que tal* de figados damnados.
 Emilia se chamava essa ruindade,
 Um monstro de virtude e - fealdade,
 Que uma furia peor, ou que um dragão,

Copiado do pae fiel carão.
O corpo tinha d'ídolo hottentote —
Um cepo mesmo — nem sequer barrote !
Dizia então que não cedia a nada,
Creio porém que nunca foi tentada.
Contra as irmãs, que amara a natureza,
Era ella um argos de brutal fereza.
Eu então, que uma d'estas pretendia,
Obsequios mil ao Satanaz rendia.
Dei-lhe d'optimo dôce uma caixinha,
Mas o tempo perdi co'a tal bestinha :
Que ella apenas pescou, desfeito o encanto,
Que era só pedra, e differente o santo,
Depois de ter dos dôces dado cabo,
Guerra, guerra mortal fez-me o diabo.

III

Esta quadrilha dansarás commigo,
Que ninguem, musa, quer dansar comtigo.
Já vês que estás um pouco antiquada :
Bons tempos fôrão, quando eras amada,
Quando ainda se ornava a poesia
Co'o brilhante matiz da phantasia.
De sentimento o homem trasbordando,
O ia em tórno a si communicando :
Uma nympha velava em cada fonte,
E oreades tinha cada monte ;
Dos rios engrossavão o thesouro
As naiades gentís com taças d'ouro ;
Em cada arvore a dryade sentia
O bem, ou o mal, que o homem lhe fazia.
Tudo amava ; do zephyro amorosa

Ternos affagos aceitava a rosa ;
 Deixando ouvir a voz canora e bella,
 Trinava brandas queixas Philomela.
 Habitava um Tritão entre escarceos,
 Na branda viração falava um deus ;
 Povoado era então o firmamento,
 E do seu scintillante, ethereo assento
 De virgens e d'heroes almas brilhantes
 Guiavão pela noute os navegantes.

O que tinha alma e vida já não sente,
 É hoje morto, ou bruto tão sómente.
 Tudo morreu, tudo hoje ás mãos d'algozes,
 Theoclastas fanaticos, ferozes,
 Vandalos de casacas e espartilho,
 Espanca-numes os chamou Castilho.

Tanto assassínio que nos ha rendido ?
 Um plagiato misero, enxabido.
 Da poesia pelo deus brilhante
 Um archanjo nos dão extravagante,
 De que na Biblia não achei indício ;
 E a deusa, que no carro a amor propicio
 Corria o céo d'estrellas rodeada,
 Tornão em *alampada* azeitada.
 Inverter termos a invenção eis sua,
 E *sol das noutes* vão chamando a lua,
 Porém, porque não hei de, não percebo,
Lua dos dias eu chamar a Phebo ?

Tudo era crença então, prazer e canto:
 Hoje é tudo descrença e desencanto,
 E só temos por aguas d'Hippocrene
Choros d'Armia e lagrimas d'Irene;
 No verso só se vê cançado *amor*
 Por fas ou nefas a rimar com *dôr*:
 E tanto o apurão, que ninguem duvida
 Que elle p'ra as rimas emigrou da vida.
 Té as damas em cantos maviosos
 Publicão já segredos amorosos,
 Contando ao povo em sonoro verso
 Tristes amores seus com um *perverso*.

P'ra versejar descrêr cumpre hoje em dia,
 Té que eu tambem descri — da poesia.
 E tanto a antiga musa á d'hoje excede,
 Oh! quanto em prégas graciosas cede
 E em bellas formas ao trajar d'outr'ora
 Um albornoz, ou um chapéo d'agora.

Não vês que *vis à vis* tão escovado,
 Pelo dono da casa me foi dado!
 Quem é, perguntas? Mal dizer-t'ó posso,
 Sem que me trema a carne até ao osso.
 É um açoute dos que tu amimas,
 Autocratico julgador de rimas,
 Um lobishomem, um incendiario,
 É, ai! que medo, um critico litt'riario.
 Ainda ha pouco que este espadachim

D'uma gazeta fez no folhetim
Ante a sua magnanima excellencia
Todo o vate passar em continencia.
Nem as damas sequer o rigorista
Ao menos dispensar quiz da revista,
O que ninguem dirá ser mui cortez.
Depois a cada qual por sua vez
O responso foi lendo, e lhe intimando
O que tinha a fazer, foi-lhe assentando
De quando em quando sua catanada.
Em linguagem ou frouxa e arrastada,
Ou sem dó torturada horriavelmente,
P'ra o sublime tocar baldadamente,
No dogmatico tom, que competia
A profundo doutor em poesia,
Foi lendo este Aristarcho inexoravel
A cada qual sentença inappellavel.
Na parte doutrinal como modêlo
Nos disseca um poeta ao escarpello.
A este juiz de nervos delicados,
Que por máus versos são incommodados,
Arripião-se as carnes e o cabello,
Rangem os ossos, não me custa a crêl-o,
Ouvindo um asno, que cantar pretende,
E o melindroso tympano lhe offende.
Por isso em conclusão sem piedade
De seu pleno poder e auctoridade

Poetas vinte e dois elle condemna
 A perpetua ult'rior mudez, sub pena —
 De as suas proprias *trovas* lhe soffrerem,
 De escutarem, sem nada lhe dizerem,
Contar e recontar sua alma triste
N'um riso (aqui ao riso quem resiste?)
Os mysterios sem fim *da sua dôr*;
 E seu *cadaver*, sem *falar d'amor*,
 Enfeixar versos, e insultar Lobato;
 De aturarem com 'spirito pacato,
 Que elle nos mande *VER-lhe FRIA a face*,
 E com *echos*, *que escutão*, mais nos mace.
 Quando a sentença vi, que dava cabo
 Assim de tanto misero diabo,
 Notei que se esquecêra o valentão
 Que *é fraqueza entre ovelhas ser leão*.

C'est fini. Falta em passo moderado
 A sala passear de braço dado,
 Que vem a ser, segundo a nova usança,
 Uma especie d'appenso á contradansa.
 Do jôgo a sala, e o que estiver aberto,
 Vamos vêr, 'stá o corredor deserto.
 Ou antes p'ra depois deixemos isso,
 Que ahi vem os creados co'o serviço.
 Postando-nos no vão d'esta janella
 (Não tens que recear apalpadela),
 Podemos desfructar a bel-prazer

O que na sala toda houver que vêr.

Não te farei notar os namoricos,
 Que por hi trazem esses mafarricos,
 Os apertos de mão, risos amaveis,
 E eterno cochichar d'inseparaveis:
 Tanto porque seria impertinente
 Inda qu'rer apontar-te o que é patente,
 E porque com razão caso não fazes
 Que raparigas gostem de rapazes,
 Como por 'star eu mesmo frido na aza,
 E temer que tambem me entrem em casa.
 Em honra te confesso da verdade,
 Que, se estivera aqui minha *deidade*,
 Que par tivesses pouco me importara,
 Nem eu contigo tanto me occupara.

Repara, vês aquelle formigueiro
 Em volta alli d'aquelle tableiro,
 O quer que é, uns os outros empurrando,
 Á fôrça, ás rebatinhas disputando,
 E atropelando até pobres creados?
 Sabes aquillo o que é? São rebuçados.
 Estes senhores meus das suas *prendas*
 Recebem sempre d'estas encommendas,
 E — «traze-me do baile um rebuçado» —
 É rifão em taes casos costumado,
 Que já por vezes tem cabido a mim.
 Eu a todas então digo que sim,

Porém vou no outro dia antes comprar,
O que não quero andar a agafanhar.

Vê agora o damismo, cousa rica!

Uma viuva ao lado aqui nos fica,
Que, embora para tal tudo se torça,
As filhas quer casar á fina fôrça.
Protege *rendez-vous* aos namorados,
E estes em casa até são tolerados,
Promettendo casar sem mais instancias
Mal possuem *permitted-o as circumstancias*.

É viuva tambem aquella alli,

Essa porém só quer casar-se a si.

Com outros inda ha pouco em casa d'ella

Uma noute passando a dar á trela,

Por acaso pesquei, quando sahia,

Que um gêbo que alli 'steve, mas havia

Meia hora já se tinha despedido,

Ficava d'uma porta atraz 'scondido,

Que parecia ser d'uma casinha.

Que era elle sei, porque de fora tinha

Da cinzenta quinzena inda um bocado,

Mas vidas d'outros não me dão cuidado.

Assim dizem d'aquella casadinha,

Que demais gosta d'uma tal fardinha,

Mas o marido traz a frente leve;

E d'aquella, que vae casar em breve,

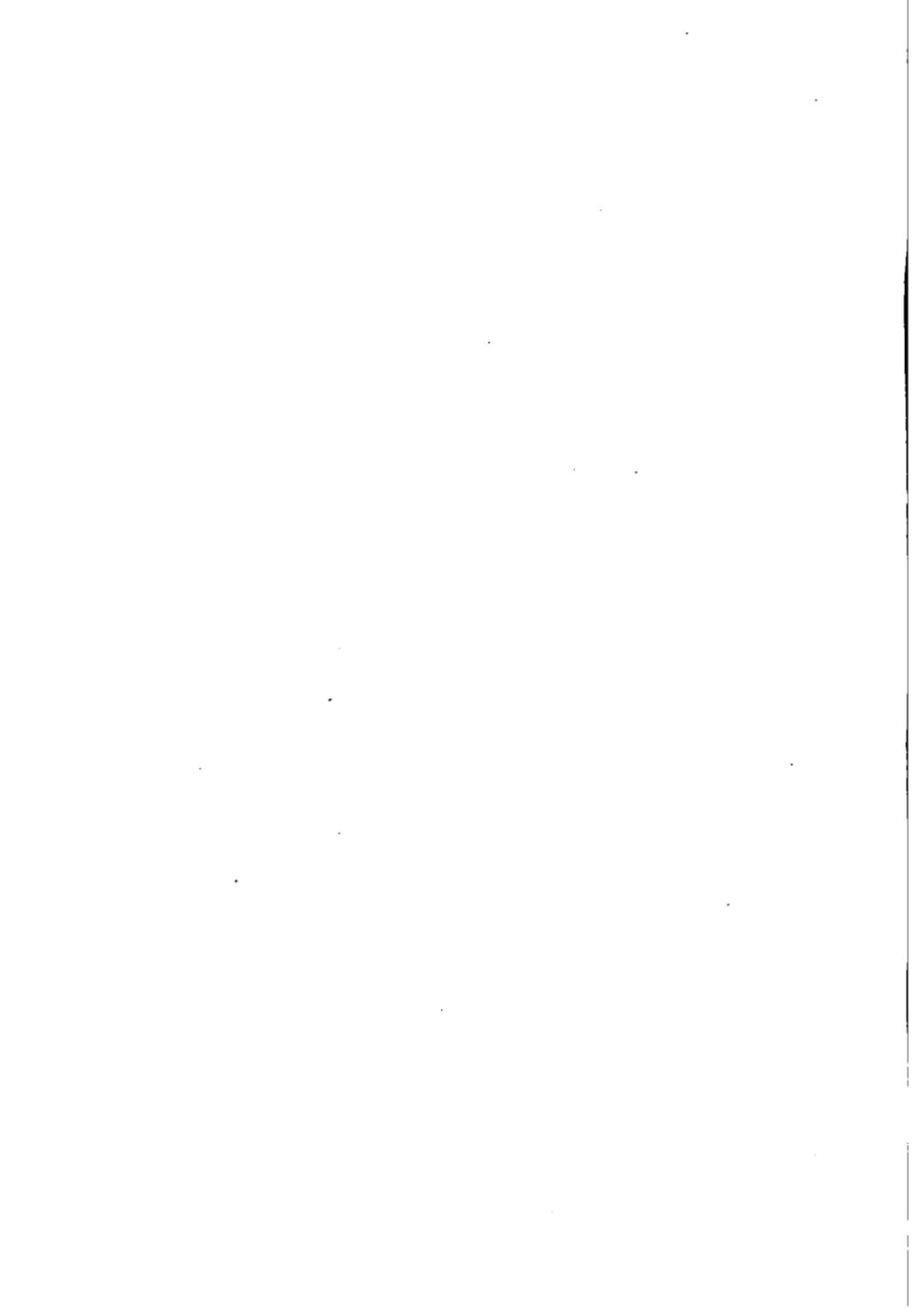
Que não deixou p'ra então muitos mysterios.

Estes pontos porém são muito sérios,
E eu hei de as linguas más sempre odiar.
Aquella, que alli vês tão grave estar,
Na sua terra foi a Sera Anninhas,
Do que nunca passou entre as vizinhas :
Hoje por timbre ella um pinheiro tem,
E senhora se crê muito de bem,
Porque a tratão de dom por caridade
Na bôcca sempre traz — capacidade —
Por terceira palavra ao conversar.

Para a polka por fim pilhaste par,
E, se todos aqui são titulares,
Que titulo elle tem, para lh'o dares,
Quer's saber? Eu por mim quem é não sei,
Porém um bom conselho te darei.
Quando o nome não sei a uma mulher,
Chamo-a Maria, dê por onde der.
É um jôgo, é verdade, mas em summa
Entre mil vezes errarei só uma :
D'esta sorte o teu par, seja quem fôr,
Por minha conta chamarás doutor.

Vae, vae, que emquanto o pé na dança agitas,
N'esse girar em voltas tão bonitas,
N'esta varanda suspirando intento
Pensar n'aquella, que no pensamento
Que as outras vale mais todas gosadas.
O Douro susta as ondas prateadas

Soberbo de espelhar na face liza
Linda imagem gentil da minha Elisa.
Suas nymphas esquece, e qual rafeiro
As plantas beija á dama, a quem inteiro
Um coração votei, que por divisa
O seu nome quer só. Elisa, Elisa,
Alma, vida, desejos, em que anceio —
Sobre as azas do amor eu t'os envio.



IV

Musa, anda cá, sahiste-te mui bem !
E ainda quererá dizer alguém
Que, depois de passados tantos annos,
Te afferras só a Gregos e Romanos ?
Creio que em tórno á classica Acidalia,
Em volta d'Aganippe e de Castalia,
Do Erymantho nas fraldas tão viçosas,
Do Cephiso nas margens deleitosas
Virgens d'Argos, depois escravas turcas,
Não dansavão nem polkas, nem mazurcas.
Nem de pião em voltas desabridas.
Quaes loucas da tarantula mordidas,
Giravão n'esse eterno rodopio,
Que o norte valsador nos impingiu.
Nem formavão das Cyclades as filhas
Insulsas, frouxas, commodas quadrilhas.

Olha, já sei por fim teu par quem era :
 O medico é da casa, que quizera
 Bem antes que as visitas lhe pagassem,
 Do que para funcções que o convidassem.
 Um d'estes inda ha pouco amargamente
 Se queixou da miseria d'esta gente,
 Que um Crasso em fausto envergonhar parece,
 E a quem occupa de pagar se esquece.
 A toda a hora o medico é chamado,
 E nem um tem por fim «muito obrigado»,
 Soffrendo tempos máus, chuvas e frios
 Por quem lhe os bolsos deixará vazios ;
 Por quem anda em selim, *cabriolet*,
 Vendo o pobre credor marchar a pé.
 Mas ao senhor não lembrem, que elle amúa,
Op'rarius dignus est mercede sua

Agora escuta, temos que aturar,
 Que a filhinha da casa vae cantar.
 Aqui nunca dispensão as visitas
 De gabarem por árias mui bonitas
 Uns destemp'rados guinchos assassinos :
 Todos são tôlos com os seus meninos.

Debaixo d'esse lustre, que semelha
 Lamparina em cubiculo de velha
 (Do simile não quero honras d'auctor,
 Pois que fui simplesmente imitador :
 Vendo porém poetisar a lua,

Comparando-a, talvez p'ra gloria sua,
Com um lustre pendente n'um salão,
Quiz guardar, quanto pude, a proporção);
Debaixo pois d'aquella lamparina
Vê que reunião luzida e fina
D'habitos, de commendas, medalhões,
Conselheiros, viscondes e barões!
Pobres d'avós, porém ricos em feitos
Todos honrados são, valentes peitos,
E ao mesmo tempo de modestia tanta,
Que toda a gente com razão se espanta
De serem elles os que mais se esquecem
Dos serviços, que as honras lhes merecem,
Té nem gostando, que lhes falem n'isso.
Mas para o mundo, que se lembra d'isso,
Cada um traz no brazão a gentileza,
Que lhe pôde valer gráu de nobreza.
Olha esse ahi, a quem por ter virado
A casaca, que mal tinha estreado,
A inveja quiz chamar cara de pau,
Traz em campo d'azeite um bacalhau,
Com a quebra porém de bastardia.
Aquelle outro em signal de fidalguia
Um corpo de ginete em duplicado
Por frente de ministro rematado,
E *sic itur ad astra* em letra d'ouro.
Este por baixo de turbante mouro

Um braço de judeu, tremenda lista
D'agios pousando em banca de cambista.
Aquelle em fundo verde uma aduela
Envôlta em pó d'arroz e de cannela.
Este por longo rabo atravessada
Uma c'rôa de conde em mão nevada.
 Àquelle lado então mui soberbão
Vê do seu nome o septimo barão.
É de linhagem nobre e estirpe antiga,
E embora a fome ás vezes o persiga,
Não trocara os seus rôtos pergaminhos
P'lo cacáo de cem novos barõesinhos.
Nunca fez elle cousa, que se visse,
Nem por ora constou p'ra o que servisse
O nobre rebentão de fina raça,
Excepto p'ra beber, andar á caça,
Jogar pouco do seu, muito do alheio,
Suppôr que n'um fidalgo nada é feio,
E, sem dar, nem pagar nada a ninguem,
Nem assim mesmo professar vintem.
Has de vel-o fugir qualquer mistura
Co'o sangue sempre vil da plebe impura ;
O que nobre não é chamar gentalha,
Todo o mundo tratar como canalha ;
Já de padres cercar-se mui devoto,
Já na archiconfraria formar voto ;
E do seu *rei legitimo* em abôno

Dizer-se defensor d'altar e throno :
 Não podendo imitar nos nobres feitos
 Os seus avós, excede-os nos defeitos.

Mas cada louco tem sua mania :

Alli aquelle gasta todo o dia
 Em certas lojas a falar d'amor,
 Das luveiras heroe conquistador.
 Co'o modo de rendel-as sempre acerta,
 Faz lhes publica côrte á porta aberta :
 Porém para quebrar longos jejuns
Com muita esp'rança os fructos são nenhuns.
 Á Porta do Olival nem as louceiras,
 Nem na feira lhe escápão as fructeiras.

Acolá olha todo paparreta
 Mais teso, mais direito que um corneta,
 Ou que um alferes, que p'la vez primeira
 Sâe co'o novo casaco da fileira,
 Um que a padraсто de Minerva cheira !
 Dos estudantes costumado e affeito
 Ás barretadas, que, se não respeito,
 Ao menos provão aos seus RR medo,
 Elle logo se creu de muito cedo
Totum continens de saber profundo,
E non plus ultra oraculo do mundo.
 Vivendo sempre em terra pequenita
 Entre intrigas formou-se jesuita :
 P'ra os collegas sorri, para o reitor

Curva-se humilde e comprimentador,
E a quem julga inferior mostra tyranno.
Apenas um desprezo soberano,
Deslembrando que, sendo um pobretão,
Dos seus discip'los engordou co'o pão,
Vendendo á fôrça cheios d'historietas
Compendios dez com suas cadernetas.
Comtudo confessar é razoavel
Que p'ra dar um aspecto respeitavel
Ao que, a ser commettido na Azambuja,
Roubar diriam uma garatuja
Se forma, que se diz congregação,
Para o preço taxar, que custarão
As obras, que hão de ter curso forçado;
Diz o vulgo porém desconfiado
Que d'um jôgo ridiculo não passa
Armada a alheios pintos esta caça;
Pois quantos vão lá com legaes maneiras
Fintar para outros extranhas algibeiras,
Nas mesmas circumstancias tambem 'spérão
Do servido o favor, que lhe fizerão.
Ajuda-se o collega, que valer-nos
Bem pode por seu turno e socorrer-nos.
Ora este amigo com o tal joguinho
Tem arranjado já bem bom bolsinho.
Foi uma mina, com que o homem deu,
Tendo antes como mestre do Lyceu

Com outros d'egual laia conloiado
 Em todos os exames traficado.
 Mas caso d'elle aqui não faz ninguém :
 Dão-lhe a importancia só que lhe convem
 Como a insolente, insipido pedante,
 Soberbo, malcreado, intolerante.

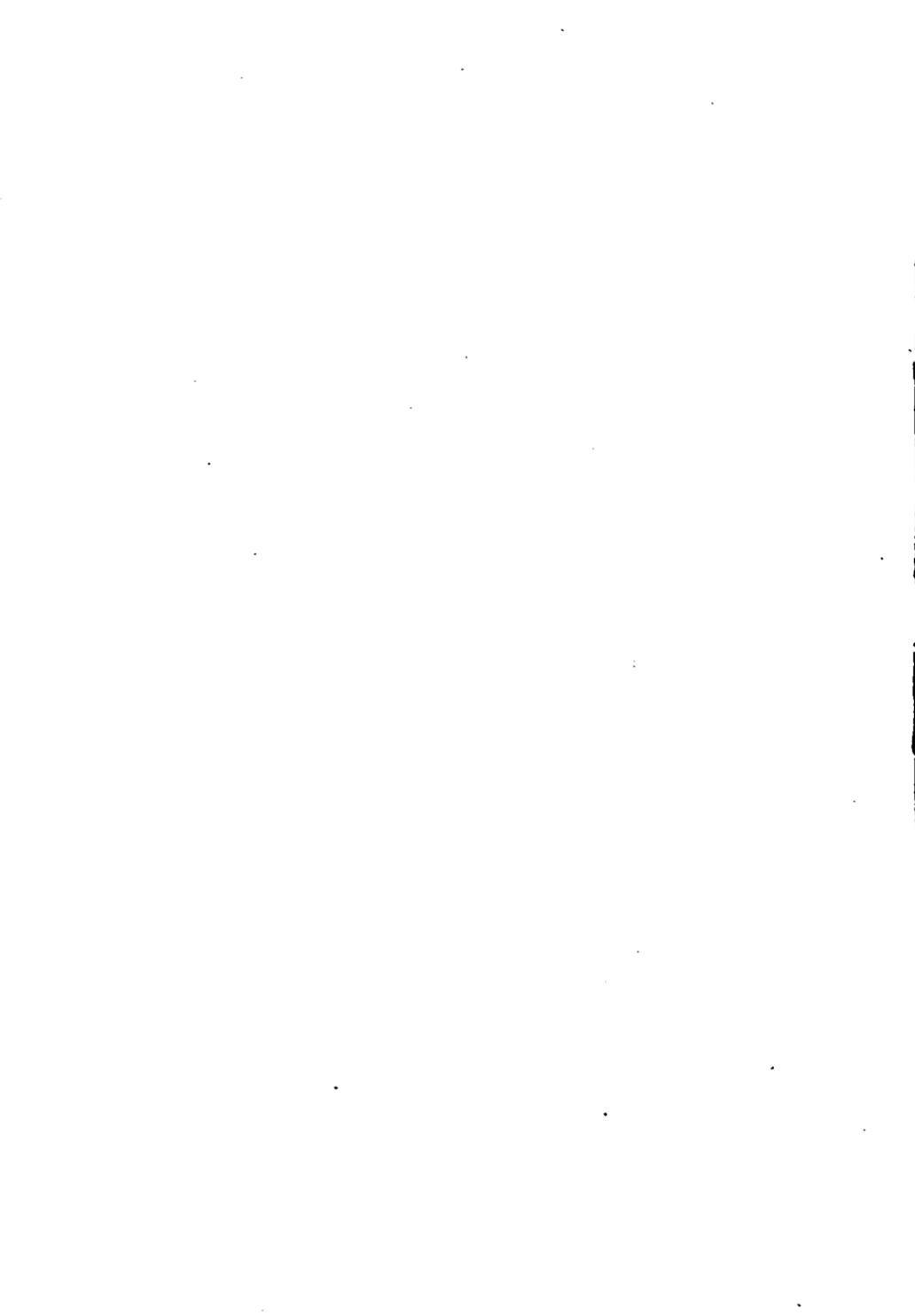
Ai! musa, não te vae par'cendo agora
 Que nos podemos bem ir embora?
 Já *fósseis* por ahi nos vão chamando,
 É mais que tempo pois d'irmos andando:
 Inda que não percebo em que accepção
 Modernamente se usa o palavrão,
 Não ser em bom sentido ao menos vejo.
 Aproveitemos prestes este ensejo,
 E agora que ninguém mais vae, saiamos:
 D'ir a pé a vergonha assim poupamos.
 Depois que heroe romantico á pancada
 O Pegaso estirou 'stás apeada.

Nós um pouco ámanhã passearemos,
 Que p'ra vêr inda várias cousas temos;
 Para casa porém vou entretanto,
 E embora o somno já me aperte tanto,
 Antes me esforçarei de adormecer
 Por descobrir que quererá dizer
 O que ha pouco n'um publico papel
 Um poeta chamou *risos de fel*.

.....



SONETOS



I

Poderei essas horas olvidar,
Que junto a ti, meu bem, vivi ditosas?
Qu'entre todas as horas venturosas
Devo por mais felizes estimar?

Ah! não! enquanto alento me restar,
Enquanto uma das parcas rigorosas,
Tirando-lhe os espinhos, e as rosas,
O fio de meus dias não cortar ;

Por certo que a memoria, e a saudade
De instantes de prazer, que já lá vão,
Álém da campa irão á eternidade

Com esse, a quem jámais esquecerão,
Transportes, que gosou, d'ebriedade,
Quando apertar-te ousava a linda mão.

Barcellos, 16 de maio de 1844.

II

Longe de ti, meu bem, amada Eldina,
Sempre, sempre chorando a ausencia tua,
Meu coração, que em lagrimas fluctua,
Co'o que deva fazer já não atina.

Ora me leva á veia crystallina
Do meu Douro, onde pinta a imagem sua
Com trémulo clarão incerta lua,
Ou então pela fresca matutina

A divagar por solitaria selva ;
Ou ao pé repousar de fonte pura,
Tendo o céu por docel, por cama a relva.

Mas, ah ! tudo isto é vão, tudo é loucura !
Pois os males que amor em mim gerou
Cural-os pode só quem m'os causou.

Porto, 22 de agosto de 1844.

III

Talvez desconfiando do poder,
Que exerce sobre mim tua belleza,
Tu quizeste forjar com subtileza
Cadeias, para a ti mais me prender.

Cadeias, cujo pêso é só prazer,
Mas que, para reter minha alma prêsa,
Do rigido diamante a fortaleza
Sabem, inda que brandas, exceder.

Um tyranno co'o ferro só alcança
O corpo nos reter, mas nunca a mente,
Nem matará jámais uma esperança

De respirar na morte livremente.
Porém do teu cabelo a linda trança
Minha alma prenderá eternamente.

Porto, 25 de julho de 1845.

IV

Do summo Deus perante o claro assento
Um anjo se apresenta em certo dia :
«Perdôa, Senhor», lhe diz, «minha ousadia,
«Se esta pergunta fôr atrevimento :

«O sol, a lua, o céu, o firmamento
«Creou tua divinal sabedoria :
«Dos anjos a formosa companhia,
«Na terra o homem, o teu maior portento:

«Mas, se quanto creaste hoje quizeras
«Exceder em uma obra peregrina,
«Que assombrasse o teu mundo, o que fizeras?»

Resposta lhe não deu a Luz Divina ;
Mas, excedendo até do anjo as chimeras,
Céo e terra deslumbrou, creou Eldina.

Porto, 3 de setembro de 1845.

V

Qu'ideal de celeste phantasia
Serviu de modelo á mãe natura
O corpo p'ra formar a uma alma pura
Que só do sexto céo baixar podia !

Oh! obra divinal! com que harmonia
De tal corpo se casa a formosura
Com a d'alma celestial candura
Em suave, em angelica magia.

De certo nunca soube o qu'era amor
Quem nunca lograr pôde um riso teu,
Quem jámais conheceu o alto valor

D'uma belleza tal e sem labéo,
Quem nunca viu, dobrando d'esplendor,
Nos lindos olhos teus pintar-se o céo.

Coimbra, 10 de novembro de 1845.

VI

PARODIA

Não lamentos, Martins, o teu estado :
Tem-se extendido muita gente boa
Do Porto, do Brazil, Ilhas, Lisboa,
Labrego, cidadão, fôfo morgado.

Tenho visto ao comprido já estirado
Quem do curso se cria a flôr, e a c'rôa,
Tenho visto, apesar da sua prôa,
Medir os bancos muito premiado.

E estudantes de nome alto e famoso
Cáem, dando com quem nas mãos lhes metta
Hippocrates, Digesto volumoso,

Ou santo, a quem não reza a caderneta.
Não te julgues, Martins, pois, desditoso
Que isto de se extender é tudo peta.

Coimbra, 3o de janeiro de 1846.

VII

ADMOESTAÇÃO A UM CREADO

Ora sempre é, João, vicio damnado,
O vicio que tu tens de só furta!r!
Dize, não sabes inda que zelar
Int'resses do senhor deve o creado?

Não vale mais pedir, e ser honrado?
Pede, seja o que fôr, que te faltar.
Precisas um tonel? vem-m'o rogar.
De trigo falta tens? pede-m'o dado.

Sim, pede, mas não furtas. Sê prudente.
Que antes tudo pedir te quero vêr,
Dinheiro, roupas, tudo abertamente.

Que se quizeres sempre assim fazer,
Direi da minha parte francamente:
Fulano, d'esta vez não pode ser.

VIII

Foi grande o crime, e sou delinquente :
Nem fique sem castigo atroz delicto
Em dia commetido atro, maldicto,
Por infernal poder turbada a mente.

Ordena-me domar leão valente,
Em desagravo teu quebrar invicto
Na liça lanças mil segundo o rito ;
Que a vida a mando teu darei contente.

Mas possa eu inda vêr-te outra vez terna
D'amor quasi sorrir por entre o pejo.
Nem de Deus a vingança é sempeterna,

Oh! e que o seja a tua é teu desejo?
Se tigre te não deu criação materna,
Perdôa, e o teu perdão penhore um beijo.

Porto, 4 de maio de 1846.

IX

Adeus, tempo de versos e de flôres,
De riso e mocidade, adeus saudoso,
Meu tempo d'illusões, tempo ditoso,
Em que eu a bel-prazer sonhava amores.

Não tendo a quem votar os meus ardores,
Um ente me criei mysterioso,
Chamei-o Eldina! vão, aereo gôso,
Sombra que já p'ra mim não tem verdores.

Mas meu affecto vagabundo e errante
Já em peito fiel achou abrigo,
Sua escolha fixou, será constante,

Já com amores sombras não persigo
Nem damas, que os não valem; d'ora ávante
Elles só, minha irmã, serão contigo.

Coimbra, 16 de março de 1850.

X

Ditosos campos, onde em aurea paz
Passei da infancia descuidados dias,
Livre de penas, livre de agonias,
Livre de tudo que chorar nos faz:

Ai! inda vos conheço, inda me apraz
Frescura grata d'arvores sombrias;
Mas hoje, se curtir melancholias
Venho aqui, vem commigo as horas más.

Vós sois os mesmos, só eu hei mudado,
E que não muda o tempo e a ventura?
O tempo sombras a seguir gastado.

Embora! O que lá vae não tem cura,
E hoje quizera dar, menos errado,
Minha alma a Deus, o corpo á sepultura.

Ramalde, 20 de setembro de 1850.

XI

A PEDIDO DE D. ANNA PINHEIRO

As pandas velas desfraldando ao vento,
Vem a altaneira nau sulcando os mares.
Ricos thesouros traz aos patrios lares,
Vencendo a furia ao mádido elemento.

As joias traz, que preza o avarento,
Do bravo Atlantico arrostando azares,
Traz os bens, que em cuidados e pesares
Nos mudão folgasão contentamento.

Riquezas, que por mim não são choradas,
Que a mesma nau me traz maior condão :
Em fieis traços as feições amadas.

Agora os olhos meus tambem verão
Linhas no coração sempre gravadas,
A imagem grata do querido irmão.

XII

A UNS ANNOS

N'este dia de amor, ditoso dia,
Um soneto pedi á musa minha:
Cantar dos corações quiz a rainha:
Em dôce, em pura, angelica harmonia:

Em um soneto, que dizer devia
O que a vate nenhum lembrado tinha
Minha musa porém, pobre e mesquinha,
Nada de novo excogitar podia.

Que a nossa terra viu hoje um portento,
Que mais bella raiou luz matutina,
Tem dicto de poetas mais que um cento.

Mas p'ra a meus versos dar fama divina,
Alma, vida, poesia e sentimento
Uma palavra basta — é Guilhermina.

12 de março de 1851.

XIII

Vem triste e rôta lyra, abandonada,
Em sêcco tronco, sem vital alento,
Entregue ha annos á mercê do vento,
Que mal vibrar te faz -desentoada :

Quero vêr-te, de novo encordoada,
As auras namorar em sons de argento,
Quero que o céo, que o mar me escute attento
Tanger de amor a corda renovada.

Visões douradas, que eu sonhei outr'ora
Da idade juvenil entre os verdores,
De ser chimeras deixareis agora :

Lusitana vos dá da vida as côres ,
Formosa virgem, que minha alma adora,
Louca por ella, a suspirar de amores.

XIV

No céo do meu amor duas estrellas
Rútilas brilhão com fulgor divino :
Entre as trevas crueis do meu destino
Só por norte e fanal as sigo a ellas.

Oh! quão formosas são, quanto são bellas :
Em as vendo, perdido o peregrino
Canção esquece, e, recobrando o tino,
De gôsto tinge as faces amarellas.

É sempre e só para ellas meu desejo,
Que eu só, assim o quiz a minha sina,
Por ellas vivo, só por ellas vejo.

E os astros, onde a sorte me destina
Ou o inferno, ou um céo, que eu tanto almejo,
Os lindos olhos são de Guilhermina.

17 de março de 1851.

XV

De horrivel cerração cerrado o rio
Raivoso ruge, e ronca horrendamente,
E o trovão rugidor terrivelmente
Entre borrasca, e raios rebramiu.

Urta a terra, rebenta hórrido e frio,
(Já rôto o rijo solo de repente,)
Rábido sôpro do golfão recente,
Que arranca, arrasa o torreão esguio.

Ronca o inferno horroroso quatro vezes,
De horror treme, e de terror a terra.
Eis que furia feroz com tres revezes

Do açoute rompe o ar, e ruge, e berra :
Portugal morra ás mãos dos Portuguezes,
Guerra! guerra entre irmãos! raivosa guerra!

XVI

Dos faustos annos teus no bello dia
Que poderei humilde eu offertar-te?
Que me resta fazer quando a acatar-te
Todos se apressurar vejo á porfia?

De certo nem desejo faltaria,
Nem vontade, tambem, que da alma parte,
Porém que terei eu, que possa dar-te
P'ra de todo não vir co'a mão vazia?

Dar-te-hei quatro versos mal rimados,
Porque do Pindo o deus me é sempre esquivo,
Mas por franca amizade só dictados.

A elles unirei desejo vivo
De que por longos annos dilatados
Nos tornes este dia inda festivo.

25 de março de 1847.

XVII

Oh! Deus, que o céu, e a terra, e o mar raivoso,
Reges, e moves só co'o pensamento,
Illustra, ensina o meu entendimento,
Que crença seguirei, p'ra ser ditoso?

Far-me-ha qualquer d'ellas venturoso?
Não o quer o Romano parlamento,
E diz que só na d'elle ha salvamento,
Cita milagres mil mysterioso.

E se milagres ha lhe dou razão.
De responder-me pois oh! Deus, te dina,
Se de milagre o nome é nome vão?

E uma voz respondeu alta, e divina,
Qual ruge, e brame o mar, ronca o trovão:
«Um só milagre fiz — criei Eldina.»

XVIII

AO DIGESTO

Horrendo monstro, ingente e barrigudo,
Contendo letras mais no bojo immundo,
Que o mar areias, atomos o mundo,
De forma dupla, aspecto carrancudo :

Eis o digesto: som que assombra tudo.
É demonio feroz, feio, iracundo
Vomitado do Tártaro profundo.
Cábulas tristes p'ra aterrar sanhudo.

Elle é tamanho que os Titões outr'ora
Escalarião d'elle se servindo
A celeste morada, tentadora.

E eu, que sei que qualquer o investindo
Elle arrasa o mais forte em meia hora,
Como o diabo a cruz, o vou fugindo.

XIX

Negros os olhos são do anjo que adoro,
Tambem, sôlta ondeando, é negra a trança,
E nos seus labios um sorrir d'esperança
Promette os bens por que suspiro e choro.

Após males, tormentas, que deploro,
Entre os seus braços acharei bonança:
Quanto pesa porém cruel tardança
Da ventura maior subir seu toro.

Não mais dôres então da alma anciada!
Ceder deve a desdita outr'ora forte
Ao meu anjo de paz, á minha amada.

Mais longe não alcança a mão da sorte.
E inda da linda minha enamorada
O nome qu'reis saber? — chama-se morte.

XX

Vae, flôr mimosa, em mais ditosas plagas
Desabrochar, abrir teu dôce fructo.
Oxalá, do elemento bravo e bruto
Não soffras os baldões e duras pragas.

Seja propicio o vento em quanto vagas
Em palacio de pau, nem sempre enxuto.
Não te entregues de todo ao pranto, ao lucto,
Que da saudade cura o tempo as chagas.

Vae, sê feliz! amigos novos tendo.
Nenhum d'elles te arranque inuteis ais,
Nem soffras do infortunio o monstro horrendo.

E p'ra mim, se entre ditas perennaes,
Passados annos esta folha vendo,
Meu nome te lembrar — não quero mais.

XXI

Poderei essas horas olvidar
Que junto a ti, meu bem, vivi ditosas?
Que entre todas as horas venturosas
Devo por mais felizes estimar?

Ah! não, em quanto alento me restar,
Em quanto uma das parcas rigorosas
Tirando-lhe os espinhos e as rosas
Os fios de meus dias não cortar;

Por certo que a memoria e a saudade
De felizes momentos que voavão
Me ha de sempre viver no coração.

Até me seguirá á eternidade
Lembrança dos prazeres que transportávão
Quem apertar-te ousava a linda mão.

XXII

CAMÕES

Mavioso cantor da lusa gente,
Do mundo assombro, portentoso vate,
Das letras e das armas no combate
Provaste o braço e sublimaste a mente.

Ou amores cantando dôcemente,
Ou das fôrças hostís o horrendo embate,
Auras serena a fruta ou dá rebate
O estridulo clangor da tuba ingente.

Com o engenho mediste o immensuravel,
O infinito abarcaste e comprimiste,
Eternas leis mudaste ao immutavel.

O nunca visto claramente viste,
Soubeste ponderar o imponderavel,
Createste um mundo que além mundo existe.

XXIII

Já presentindo proxima a procella,
Aspirando o curral as vaccas mugem ;
Nos filhos abrigar sob a pennugem
A carinhosa rôla se desvela.

Foge o sol. Do céu na escura téla
A faisca reluz ; trovões estrugem,
Do mar as ondas ribombando rugem
Na bronca penedia, horrivel, bella.

Nas mattas a raivar sibilla o vento,
Do jaguar o berro pavoroso
Das ovelhas se mescla co'o lamento.

Para o teu almanach, bom Cardoso,
Aqui tens d'um soneto o condimento ;
Não vae já feito, por deixar-te o gôso.

XXIV

Tem só por cousa solida o poeta
Moer a phrase em versos delambidos :
Da vida outros cuidados são perdidos,
E com elles cançar-se é ser pateta ;

Pôr no poder ou na riqueza a méta
É d'espíritos baixos, perversos ;
No labutar do mundo entes mettidos
Não trazem fronte illuminada, erecta,

São artes vãs tornar o ferro ductil,
Cada um levar á feira o seu carroto ;
Fazer um almanach é cousa futil.

Seja assim. O que eu penso, aqui o metto,
Não conheço trabalho mais inutil
Que martellar as rimas d'um soneto.

POESIAS AVULSAS



DAMELVINA

Genio formoso, que meu estro inflammas
Em ondas vivas de sagrado fogo,
Com fôrça irresistivel me impellindo,
Ai! o que amar-se, não cantar-se pode
A resumir n'uma ode:

Dá-me ao menos tirar da rude lyra
Mellifluo canto, sonoro verso,
Em sons de prata um hymno grandioso,
Digno do nome, que invoquei divino,
De Damelvina dino.

Se o poeta inspirado, o vate accêso,
Virtude, encantos, formosura e graças
Quer em dôce magia unir no canto,
Uma palavra tem, que mais diz inda,
É Damelvina linda.

Sua alma ingenua, infantil e pura
Do fingimento as tramas desconhece,
Mais que uma voz não tem p'ra um sentimento,
Traz em constante, harmonica união
 Labios e coração.

Para todos risonha, affavel, franca,
Com doçura igual todos encanta,
Com todos folga em brincos innocentes,
Para todos a mesma ser deseja,
 E com todos graceja.

Da vil calumnia a lingua viperina,
Nem receia sequer; espume o monstro,
E morda-se de raiva: com o escudo
D'alma innocencia, que immortal radia,
 A virge' o desafia.

Mas esse aspecto descuidado, alegre
P'ra um sómente não é qual é p'ra todos;
D'amor as chammas em seu peito lavram,
Seu terno coração a paixão sente,
 Qu'a donzella não mente.

Para um sómente, seu feliz eleito
São seus desvelos, seus carinhos meigos:
Sobre o peito leal ella constante
Traz sua imagem, e dos seus amores
São verde e branco as côres.

Quando ao som do piano a voz casando,
Em accôrdo do céo, queixoso canto
Saudosa ella ergue de tristeza e pena,
Quem deixará com ella de dizer:
Quero, quero morrer?!

E se ternas endeixas entoando,
Modula a voz com mavioso accento,
Quem, ouvindo-a, com ella não sentira,
Não dissera: um amor reserva assim
Só p'ra mim, só p'ra mim.

Basta, já basta, temeraria musa,
Encólhe o vôo audaz, que insano arrôjo
Além dos astros fez-te erguer ousada:
A rainha pretendes do universo
Encerrar em teu verso?

Feliz, feliz, se Damelvina linda
D'entre o mysterio, em que s'involve o canto
Se conhecer a si e a ti, que insana
Para lyra de prata vivo engaste
D'esmeraldas buscaste.

A LITTERATA

EPISTOLA DE UM MARIDO A OUTRO

(Traduzida do allemão)

Exiges tu de mim que eu te lamente?
Maldizes o hymeneu com pranto ardente?
Mas porque? só por ir tua infiel
Colher nos braços d'outro o dôce mel
Que os teus lhe recusão avarentos?
Tem paciencia! escuta os meus tormentos,
E poderá servir-te esta licção,
Para soffrer os teus com mansidão.

Que desfructe os direitos teus d'esposo
Mais um levas a mal? homem ditoso!
Minha mulher pertence á humanidade.
Desde o Baltico mar té á cidade
Que mãe se diz das modas, ou até
Onde de Roma se ergue a altiva sé,
Em toda a parte é ella apregoada,

E anatomicamente analysada
Por qualquer saltimbanco viajante,
Qualquer ignorantão, qualquer pedante,
E como um Aristarcho o decidir
Com vivas ou insultos terá d'ir
Ou para o pedestal, ou p'ra gollilha.
Um maldicto allemão, um bigorriha
Até pretende em ar de cidadella
Topographicamente descrevê-la
Partes expondo á livre concorrência
Das quaes que eu só soubesse era a decência.

Tua mulher ao menos aprecia
De tua esposa o titulo e a valia :
Eu sou porém sómente conhecido
Como servindo a Nercia de marido.
O assobiar te opprime da assembléa
Mal entras n'um bilhar, ou na platéa?
Homem feliz ! oh ! quem pudera assim
Falar de si ! de mim, irmão, de mim,
Quando o logar da minha bella ao lado
Um acaso me dá não esperado,
De mim ninguem faz caso, mas para ella
Um sorrir todos tem, uma olhadela.

Apenas a manhã no céo desponta
Já na escada se vê fardas sem conta,
Azues, avermelhadas, amarellas,
Com cartas, encommendas, bagatellas,

P'riodicos d'aquem e d'além mar,
 Com massos de papeis por franquear,
 À celebre mulher sobrescriptados.
 Ella dorme tranquilla, e sem cuidados —
 Mas não deve ignorar nova tamanha.
 «As gazetas, Senhora, da Allemanha!»
 Ella abre os lindos olhos, e as primeiras
 Vistas são — para mim nem as terceiras,
 A um papel miseravel dirigidas.
 (Creanças a chorar são logo ouvidas.)
 Ella deixa as gazetas finalmente,
 E em os filhinhos vêr então consente.

As horas eis ahi de pentear.

O espelho só lhe attráe um meio olhar.
 Um sombrio resmungar d'arrenegada
 Azas lhe dá á trémula creada ;
 Deixando assim vêr no toucador
 Erinnias a servir em vez de amor.

Mas já se ouve o rodar de carruagem
 E á porta se apresenta a creadagem
 Audiencia a pedir á litterata
 Para o par, o barão, o diplomata,
 Para o cheiroso abbade, ou o Inglez
 Que — só não sabe lêr o Portuguez,
 Grossing e Companhia, lord de tal,
 Para sua eminencia, o cardeal.

Uma cousa mettida humilde a um canto,

Que marido se diz, logra se tanto
 Um olhar de desprêzo soberano.
 Aqui, ousará tanto o teu tyranno?
 Aqui dizer-lhe pode e ser ouvido
 O mais ôco fedelho presumido,
 Quanto sabe admiral-a, quanto a amara,
 E pode-lh'o dizer na minha cara:
 Eu ouço tudo, e para não passar
 Por um villão convida-os a jantar.

Á mesa é que começa o meu tormento:
 Garrafas se despejão n'um momento.
 C'o bello Malvasia, o Porto ardente,
 Que o medico que *eu* beba não consente,
 As guellas lavar hei de a aduladores
 Para á minha mulher darem louvores.
 Esta immortalidade que ella abraça
 Do meu Madeira a morte é e a desgraça.

De como me agradecem tens idéa?
 Os hombros um encolhe, outro meneia
 A cabeça, a vastissima melena,
 E um me deixa ouvir sumido: é pena!
 Mas sabes tu o que isto quer dizer?
 Oh! mais que bem o sei *eu* perceber:
 Que mulher tão amavel, e extremada
 Por um bolonio tal fôsse abichada.

Eis vinda a primavera, e a natureza
 Cobre os campos de magica belleza.

Revestem-se de verde as lindas flôres,
Modula o rouxinol os seus amores.

Não tem para ella encanto a primavera:

O bosque testemunha em outra era
De jogos infantis de crime exemptos,
O cantor dos mais ternos sentimentos,
De Flora a mimosa criação:
Já não sabem falar-lhe ao coração.
Não sabe o rouxinol litteratura,
Nem o lirio admirar a formosura,
O jubilo geral de quanto se ama
Tambem pode inspirar-lhe — um epigramma.
É tão bella a estação — p'ra viajar,
Quem de terras correr pode deixar!

Os banhos no seu tempo agora estão.

Deve aos banhos ir quem é de tom.
E eil-a ahi, apesar dos meus pedidos,
Onde gregos com sabios confundidos,
Raridades de toda a redondeza
Em commum vão comer á mesma mesa;
Onde de longas terras enviadas
Rôtas virtudes vão p'ra ser curadas,
E outras para mostrar que lhe não cedem
Aos céos a tentação ávidas pedem.
Lá — louva os fados teus! — anda vagando
Minha mulher, sete orphãos me deixando.

Oh! do meu dôce amor primeiros dias,

Mudados tão depressa em agonias!
 Anjo como não ha, nem haver ha de,
 Mulher sem igual, quasi deidade,
 Com espirito claro e penetrante,
 Com sentimentos nobres, peito amante:
 Tal ella me appar'ceu, a só rainha
 Dos corações, que todos prêsos tinha.
 A magica palavra: amor, se lia
 Nos lindos olhos seus, astros do dia.
 Assim a conduzi perante o altar —
 Oh! ventura do céo, dicta sem par!

N'este espelho p'ra mim se reflectia
 A aurea paz, a candida alegria.
 Já pae lindos meninos me chamavão,
 Já em tórno de mim ledos brincavão;
 E entre elles ella sempre a mais formosa,
 E sempre a mais feliz, a mais ditosa.
 E *minha* pela mútua sympathia,
 Das almas pela angelica harmonia!
 E agora appareceu — oh! maldição!
 Um espirito *bello* um *grão* varão.
 E eu vejo n'um momento derribado
 Meu castello do céo em o ar formado.

Mas como me fugiu visão tão linda?
 Desgraçado de mim! quem tenho ainda?
 Em mais que *fragil* corpo uma alma *forte*,
 Entre homem, e mulher — oh! triste sorte!

Um androgyno vil, de governar
Não menos incapaz do que de amar ;
Uma creança com armas de gigante,
Entre o macaco e o sabio vacillante.
Ah! do throno d'amor ella cahiu,
Das graças os mysterios té fugiu,
O aureo livro ¹ riscou do Deus fagueiro:
Para dar que falar — a um gazeteiro.

¹ Aureo livro se chama em algumas republicas da Italia o registro, em que se inscrevem as familias nobres.

(Nota do auctor.)

AMOR PRIMEIRO

D'este mirrado tronco, annoso e sêcco,
Onde p'ra sempre pendurado a havia,
Outra vez tomo a dissonante lyra.
Musa, que m'o ordenaste, hoje me inspira
Versos dignos de ti, p'ra ti são elles.
Ordena-me que cante esses momentos
De prazer mais que humano, ethereo gôso,
Que ao pállido clarão da argentea lua
Sobre as bordas do mar passei contigo:
Ao teu potente mando ob'deço a custo:
Temo que pela frouxidão dos versos
Do meu affecto a intensidade meças.
Se o sentimento só fizera o vate,
Oh! nunca ouvira o céu do côro santo
Em tão suaves sons mellifluo canto.

*

* *

As aguas a sulcar do manso Douro,
Serenos e molles navegava um bote,
Em terna languidez se balouçando
Nas ondas frouxas do vaidoso rio,
Que ao luar brando se espanja e mira.
E esse fragil barquinho me levava
Quanto me encerra a terra, o mar e o mundo:
Minha alma e vida, coração e crença,
Encantos e penar, prazer e dôr,
O meu amor.

*

* *

Magica noite, quão fagueiro e meigo
Vem o teu sôpro bafejar-me o rosto!
Uma e outra após desenrolando as vagas,
Vem a meus pés quebrar-se o mar immenso:
No trémulo crystal se espelha a lua,
O dorso altivo a pratear das ondas,
Que á praia os seixos vem beijar lascivas
Cobrindo as pedras no amoroso enleio
De brilhante espuma.
No azul escuro da celeste abobada
Fulgurão raras pállidas estrellas:

Dos astros a rainha, o sol das noutes
 Em pleno resplendor offusca-as todas,
 Quer ella só dourar a fulva areia,
 Rochas, penedos, os longinquos montes,
 E sobre ingente paredão annoso,
 Que as sanhas doma ao madido elemento,
 De virgem affagar o niveo rosto,
 Em molles raios lhe beijar as tranças,
 O collo, os labios, o mimoso seio.

Em dôce embriaguez eu contemplava
 Ao pálido luar aquella face
 Tão meiga, tão gentil, tão pensativa,
 Tão amada e querida.

Aquelles olhos, que revelão tanto,
 E que de quando em quando se cobrião
 De negra franja tão espessa e longa,
 Quando a donzella de ventura oppressa,
 Ebria do gôso da formosa noute,
 Ia segunda vez colher na alma,
 Ao interno prazer abandonada,
 E a languida saudade indefinida,
 As magas impressões da scena esplendida.

Triste, ai! triste de mim, de tenros annos
 Um desejo senti d'amor infindo,
 E nunca sem amor sonhei ventura.
 Quiz amar... mas a quem... busquei de balde.
 Louco, insensato, com vergonha o digo,

Já sem amal-as requestei donzellas.
 Mas frio o coração repelle o gôso,
 Que o nosso proprio amor gerar só pode.
 Forcejei por amar — baldado esforço !
 Virtudes, formosura, prendas, graças,
 Provas de ardente amor, oh ! nada, nada
 O coração me captivou rebelde.
 Perdida a illusão, desfeito o engano,
 Na alma me ficou vazio immenso,
 E ao desejo de amar não satisfeito
 Succedeu gelida, horrída descrença. —
 Então minha hora não soara ainda.

Oh ! nunca, nunca amei, mas amo agora,
 Com todo o fogo de paixão primeira.
 Genio formoso, tutelar archanjo,
 Que do céo me trouxeste o amor descrido,
 Vindo benigna semear-me na alma
 Nova verdura em arido deserto,
 Nova esperança e fé, — amo-te muito.
 Amo tua alma generosa e nobre,
 Cheia de poesia, amor e encanto,
 O teu folgar na solidão das noutes,
 O teu amar a natureza bella,
 Amo os teus gostos, com que os meus se cásão.

Mas tu desdenhas meu amor de virgem,
 Um coração que só se vota inteiro,
 Que sabe compreh'nder-te e quanto vales,

Que sabe amar-te qual ninguém te amara.
E o meu amor é puro, ardente e santo :
Tive-te em braços. não te fiz insulto,
Nem um beijo sequer ousei roubar-te.
Se os labios teus não hão de amor falar-me,
Deixo-os intactos para quem mer'cel-os.
Indivisiveis são d'amor as dadas,
Para a quem uma der's reserva tudo.
Se me não amas, será meu ao menos
O dôce, almo prazer de bem querer-te,
De sem fim te amar e sem limites.
Tu não me escutas? Soffrerei calado.

Ha de a lua, ha de o sol perder o brilho,
Voltar ao nada a natureza infinda,
Nenhum astro seguir dos céos o trilho,
Só Deus ser Deus — e eu hei de amarte ainda.

Á ELDINA

D'aqui onde o Mondego ameno e claro
Com fertil veia os campos vae regando
Da Minervea cidade industriosa ;
D'aqui onde ensinar me apraz aos montes,
E do bosque sombrio aos echos todos
O nome, que de fogo em caracteres
No fundo de meu peito escripto tenho,
O nome encantador da minha Eldina ;
D'aqui onde a formosa Ignez outr'ora
Do seu Pedro chorou a ausencia amarga ;
D'aqui envôlto em ais, envôlto em pranto,
Luiz, teu amador, t'envia a alma,
Esta alma de saudades lacerada,
Que só por ti suspira, só anhela.
Longe de ti, meu bem, meu anjo o tudo

Gemendo sub um mar d'immensas penas
 Um só prazer conheço, um só allivio,
 Quando nuncio do amor que me consagras,
 D'esse amor que m'eleva a par dos numes
 Vem uma carta tua suavisar-me
 As maguas que por ti na ausencia soffro.
 Meu coração ao lê-la então me bate
 Por occultos sentimentos combatido
 De dôr e de prazer mistura extranha,
 Então meus olhos soffregos devóráo
 As lettras que por ti fôrão traçadas;
 Mas ao pensar na mão que as escreveu,
 Na mão que reprimia os seus ardores;
 Mas, ai, na mão que já — oh! céos, piedade!
 Minha alma n'um desejo se dissolve,
 Delira e chora e morre e s'esvaece.

Mas hoje tenho mais do que uma carta,
 E mais do que um só mimo a agradecer-te:
 Mandas-me o teu amor em lettras d'ouro,
 De cabelo em anel prisão eterna.
 E este anel, dôce bem, que eu tanto estimo,
 O symbolo como é da eternidade,
 O symbolo será do amor infindo
 Que te consagro ardente e temerario,
 Se bem que a curta mente não percebe.

Á MESMA

Dizer-se que o prazer e que a dôr matão,
Não posso ter jámais por verdadeiro :
Quantas vezes então teria eu morrido
De prazer nos braços teus, oh! minha Eldina!
Quando, entre sentimentos indizíveis,
Colhi nos labios teus primeiro beijo,
Quando o teu coração pulsar sentia
Do meu tão perto, ou quando em terno abraço
As almas n'uma só se confundião,
E juntas, desprendendo-se dos corpos,
Em regiões ethereas divagavão.
A dôr poder matar, e eu viver inda ?
E não ter succumbido á dôr immensa
Quando a alma exhalei no ultimo adeus ?
O prazer de matar ter faculdade,

E eu lêr a tua carta, e viver inda ?
Ah! crê que, se o prazer matar pudéra,
A tua carta ao lêr eu morreria.
Mas ella não matou, prazer não mata,
Antes foi qual um balsamo divino
Sobre uma chaga ardente derramado;
Ella veiu reanimar-me, dar-me a vida.
O rigor me adoças da ausencia tua,
D'ausencia cruel da minha amada,
Que adoro, que idolatro, por quem déra
Mil vidas eu, se d'ella já não fôra
Esta unica que Deus me tinha dado.

Ah! que venha o senhor do mundo inteiro
Sua sorte vêr-se troca pela minha,
Que altivo desprezando essas riquezas
Que só cubição almas vis e baixas
Pela c'rôa não déra d'um monarcha
A ventura de ser por ti amado:

Oh! ser amado sempre, é grato, é dôce;
Mas amado por ti, a quem se humilhão
Os propios anjos lá no céo subido,
Ser amado por ti, que ethereos numes
Dos olhos c'um volver escravizaras,
Por ti, a quem em troca d'um sorriso
Dos céos o imperio déra o deus dos deuses,
Ser amado por ti é ter na terra
Um bem, que o mesmo céo pagar não pode.

Tu és o meu amor, sel-o-has sempre
Em quanto o salso mar banhar a terra,
Uma estrella luzir no firmamento,
Um átomo existir em o universo,
Em quanto não per'cer o que é eterno.
Tambem o meu amor morrer não hade.

Coimbra, 28 de novembro de 1845.

À MESMA

Não ouves tu soar o antigo bronze
Da veneravel sé na velha torre?
E o compassado som, fendendo a noute,
Ir em longinquos echos lá quebrar-se,
Lá nas fraldas dos montes que sepárão
As campinas do Douro e do Mondego?
E ainda em vaga briza equilibrado
O longo murmurar do som perdido?

Meia noute soou — hora solemne —
Jaz viva sepultada a natureza.
Mas vultos a alvejar, deixando as campas,
Em compridas fileiras vão postar-se,
Travando sepulcraes, horriveis dansas
Ao pállido clarão d'incerta lua.
Finados elles são: não os descobres

Das grades através do cemiterio?
 C'os braços se enlaçando descarnados
 Entre lousas formar leves choréas?

Meia noute soou — hora solemne —
 Jaz viva sepultada a natureza.

Da morte o simulacro, o ferreo somno,
 Tem prêsos os mortaes no esquecimento, —

Oh! céos! quem esquecer tambem pudera!
 Em tórno tudo dorme — eu vélo ainda —

Eis a lua a brilhar, rompendo as nuvens,
 Que sôltas pelo céo andão vagando,
 Mal deixando através luzir os astros.

Ah! tal a noute foi, estás lembrada?

Que junto a ti passei, ultima noute,
 Em que nos braços teus gosei delicias
 Que no céo m'invejara o summo Jove.
 O firmamento então tambem toldavão
 Pelo vento agitadas grossas nuvens,
 Qual onda e onda o mar arroja á praia.
 Mas luctassem embora em guerra accêsa
 A terra, o mar, o céo, os elementos,
 E volvesse o universo ao cháos antigo:
 Nos braços eu sustinha o mundo inteiro,
 E para te arrancar então d'entre elles
 Da natura o furor não bastaria.

Oh! quem me déra agora um d'esses beijos,
 D'esses beijos tão longos, demorados,

Em que eu nos labios teus beber tentava
 Tua alma, lá deixando em troca a minha.
 Ah! um beijo d'amor da minha amada
 Como os mais beijos são, elle não é.

Meu Deus! que sentimento eu sinto n'alma!
 Saudade isto será? sim, é saudade;
 E a saudade se apraz em recordar se
 Dos tempos que ella chora, ou que deseja:
 Quero uma e uma lêr as tuas cartas,
 Em quanto as leio crêr que posso ouvir-te —
 Mas entre ellas aqui o que descubro?
 Um ramo de perpetuas enlaçado
 Por linda trança de cabello preto
 Quem tal signal me deu d'amor perpetuo?

Ah! o retroz não vês, que é verde e branco?
 Verde e branco, eis da minha amada as côres,
 Côres que ella me deu, que eu trago sempre.
 Vem raminho gentil, eterno socio
 Do misero proscripto em seu destêrro:
 Tu que por suas mãos formado foste,
 Sobre quem seus lindos olhos repousarão,
 A esta hora um beijo toma — á meia noute.

Mas que tens, coração, que estás batendo
 Com altas pulsações extranhamente?
 Sentes tu da cadeia o pêso leve
 Que sobre ti repousa? ella é das tranças
 Do archanjo tutelar por quem suspiras.

Mas não amas em vão, também ella ama ;
Esta carta é penhor do seu affecto,
Sua alma n'ella encontro retratada
Formosa, pura, candida, innocente.

Oh! quanto o teu amor é lisonjeiro!
Eu creio n'elle, nem viver pudera,
Se d'elle duvidasse um só momento,
Nem vence o extremo teu o meu extremo:
Em vão se mais do que eu amar quizesse
Da natureza as fôrças empenharas,
Que amor maior que o meu só cabe aos nubes.

Coimbra, 15 de dezembro de 1845.

Á MESMA

Eia! surgi do Averno, ó furias todas!
Do Tártaro trazei quantos horrores
Dos numes infernaes forjou a raiva!
Trazei desolação, estragos, mortes,
N'um cháos dissolvi o mundo inteiro!
Surgi! surgi! do abysmo tenebroso.
Rugi! e ao som dos uivos pavorosos
Trema a terra, urre o mar, o céu vacille,
Do negro Orco surgi, filhas terriveis!
Das áspides que a frente vos enroscão,
Veneno distillae, lethal peçonha!
Mas ululando venha á frente vossa,
Com o negro flagello os ares açoute,
Espume de furor, brama de raiva,
Vomite maldicção dos olhos turvos,

O desespêro traga em faces negras,
Co'o halito empestado envenenando
Os campos que atravessa, os ares que passa,
Venha no coração cravar-me os dentes,
De vibora com roscas enlaçal-o,
Venha a furia feroz — negro ciume.
E tu sua irmã gemea, oh! da vingança
Megera sanguinosa, atroz, sedenta!
Na officina infernal me forja um ferro
Com tresdobrado corte, agudo e rijo,
E a ponta lhe mergulha no veneno
De vibora nojenta, ou salamandra —
Que em sangue de rival quero embebel-o,
E vae hervas colher á meia noute,
Conjura sem tremor fataes Deidades,
De Circe e de Sebylla invoca as artes,
P'ra bala me encantar de pardo chumbo,
Que, d'ignivomo ferro despedida,
Segura atravessar vá do malvado
O negro coração, cobarde, impio.

Mas eu deliro, oh! céos! em vão procuro
Um rival, que talvez sómente exista
Na minha phantasia ardente, insana.
Não podia a desleal tambem deixar-me
Sem escutar ir d'outro as falsas juras?
Eterna maldicção á atroz perfidia!

Já dias trinta e dois tem decorrido,

Contados um e um pelos tormentos,
E pelas pulsações agonisantes
D'um pobre coração que amava tanto!
Já dias trinta e dois, e só contados
Com lagrimas de dôr, e pranto amargo,
Por saudade e receio — e por ciume,
Já dias trinta e dois, sem que uma carta,
Uma lettra d'amor venha dizer-me
Que ainda ella me ama — oh! eu não quero,
Não quero o seu amor — mas, oh! que digo?!
Elle era tão suave e carinhoso,
Tão grato, e tão gentil — mas já morreu.
E inda brilhas no céo, astro do dia?
E vós ainda luzis, meigas estrellas?
E ainda existe o mundo — e amor per'ceu?
Ah! Dryades gentis! chorae-lhe a morte.

Tres cartas lhe enviei, as mensageiras
D'amor casto e fiel, amor sem mancha,
Uma resposta sem que lhe mer'cesse,
Um só signal que fôsse e me dissesse
Que ainda n'ella amor — ai, desgraçado!

Vae tu, ultima carta, vae dizer-lhe,
Ao ouvido lh'o dize, ella só ouça,
Quando no quarto seu 'stiver sósinha,
Ou quando repousando em leito molle,
Com sonhos d'outro amor fôr embalada,
Escolhe tu então a ultima crise,

E com voz de trovão grita — traidora !
E se ella perguntar quem és, que ousada
A vens inquietar a taes deshoras,
Dize-lhe d'onde vaes, dize que nuncia
És d'um amor trahido a derradeira ;
Que por um amador fôste enviada,
Que outr'ora a idolatrou, porém agora
Que a detesta e abomina — ah ! não, não digas,
Não ouses tal dizer — que mentiras.
Porém fala-lhe altiva, não te humilhes,
E fala com soberba, e não te curves :
Mas se ousas encontrar-lhe os falsos olhos,
Então triste de ti, que estás perdida,
Pois ella tal poder n'elles encerra
Que até máu grado teu te fascinara.
Oh ! eu amei-a muito, e sinto ainda
Este funesto amor não extinguido ;
E sinto que talvez da morte o sôpro
A chamma lhe apagar nem mesmo possa,
De ultrajado apesar, e escarnecido.
Mas trema a desleal, que zomba d'elle,
E trema o vil traidor, trema o cobarde,
Que do meu paraíso ousou banir-me :
Sim, trema, pois que em vão irá lançar-se,
P'ra evitar do furor a furia céga.
Dos Cyclopes nas forjas sempre accêsas,
Onde o concavo Etna ronca e ferve,

Em vão se sepultar no mesmo inferno
Que lá minha vingança ha de ir buscar-o.

Coimbra, 18 de janeiro de 1846.

À MESMA

Já o sol no horizonte declinava
Ligeiro demandando o salso leito,
E a cidade deixei e seu tumulto,
Os apressados passos dirigindo
A sombrio logar, d'homens deserto.

De Coimbra não distante em branda encosta
D'olivifero monte está um sitio,
D'onde livre espraiar-se pode a vista
Pelo frondoso vall', que da saudade
Denominou algum amante ausente.
Oh! e quanto elle aqui não choraria!
Subindo pouco e pouco vão no fundo
Verdes outeiros mil suster o céo,
E d'um lado, banhando fertes margens,
Mansinho serpejar vê-se o Mondego.

Aqui horas passar eu costumava,
De copada oliveira á grata sombra
Vêr o cadente sol beijar os montes.
Ou então vir aqui ouvir da noute
O zephiro a correr de folha em folha,
Com prazer escutar longo gemido
D'expirante trovão em negra nuvem,
Emquanto ao longe relampagos fusilão,
Das trevas através cruzando um raio.
P'ra aqui me dirigi, e sobre a relva
Debaixo me deitei lá da oliveira.
Mas porque fortemente palpitando
Meu pobre coração então batia?
Oh! sobre elle pesava inda fechada
Uma carta de longe remetida.
E de quem era a carta que fazia
Pulsar meu coração tão apressado?

Oh! de quem podia ser, de quem, oh! céos!
Senão de ti, meu bem, e minha amada?!
Com as trementes mãos rompi o sêllo,
E, beijando a obreia, que tocada
Por teus formosos labios tinha sido,
Do crepusculo á luz já frouxa e baça
A tua carta li — e fiz ao céo
Sagrado juramento que no dia,
Que um amor qual ó teu eu esquecesse,
Qu'ria por elle ser não mais lembrado.

Mas não posso temer a sua raiva,
Pois só te esquecerei, oh! quando os rios
De pagar esquecerem seu tributo
Ao soberbo Oceano, ou quando a morte
Co'o braço ousar tocar o sempiterno.
Oh! tu és para mim minha existencia,
Sem ti viver não posso, ou antes fôra
A vida para mim peor que a morte.
E este sagrado amor, que por ti sinto,
Co'a alma minha está tão confundido,
Que findaria só co'a morte d'ella.
E debalde outra amar eu procurara,
Que p'ra mim as demais gosadas todas
Um pensamento em ti não equivalem.
Oh! eu amo te mais que a minha vida!
Que a vida? mas assim não digo nada,
Pois a vida sem ti eu a abhorreço,
E só para te vêr lhe dou valia.
Este amor vae commigo além da campã,
Para cessar sómente quando o tempo
Puder anniquilar, lançar ao nada
O que dos céos o Deus creara eterno.

Coimbra, 22 de fevereiro de 1846.

À MESMA

D'alcantilada rocha, tôsca e rude,
Rebenta e brota limpida corrente,
Que a poucos passos cáe e vae sumir-se
Em verde-escuro lago d'aguas turvas
Cercado em tórno de soberbos cedros,
Que, emquanto toca o céo a altiva fronte,
Vão co'a negra raiz sondar o abysmo.
O sol já invisivel doura ainda
Os montes onde finda o horisonte.
Dos campos através se deslizando
Se ouve o Mondego sussurrar ao longe.

Sentado em bruta pedra eu me entregava
Ao pensamento eterno, que me segue
Qual segue a propria sombra o viandante,
E commigo se vae deitar no leito :

Ao pensamento que me leva sempre
Oh! junto a ti, meu bem, amada Eldina.
Eldina, doce nome, a cujo encanto
Se torna mais sereno o céu e a terra!
Eldina, doce som, que das esferas
A celeste harmonia excede e vence!
Eldina, doce nome, cujo accento
Me faz o coração bater no peito!
Eldina, anjo do céu, e minha amada!

E sobre aquella pedra em caracteres
Do tempo tragador quasi gastados
Um nome ao Deus d'amor sagrado eu leio:
O nome lhe puzérão, que inda dura
Dos amores d'Ignez, que alli passárão.
Oh! sim! este o logar, para onde vínhão
Dous amantes fieis colher saudosos
O mútuo galardão d'alma ternura.
E, se invejoso o mundo condemnava
O seu tão puro amor, sua alta dita,
Jámais a natureza os repelliu
Do seio maternal. Até a morte
Ella lhe foi fiel, morreu por elle:
Elle inda morta a amou, vingou-lhe a morte.
Eldina, tambem nós amar sabemos,
Nossa dita porém será só nossa:
O mundo ignorará nossos amores,
Que uma c'rôa não tenho a offertar-te,

Nem lyra, que desperta um écho ao menos
Além do que encontrar dentro em teu peito.
Oh! se me dera um Deus o dom das trovas,
Laura, Helena, Heloisa, Ignez, Natereia
Na fama havião de ceder-te tanto,
Oh! quanto em formosura as vence Eldina.

No teu amor p'ra mim se encerra tudo:
Offrece-m'ó d'um lado, e d'outro lado
A vara omnipotente, que regula
A danza circular de mil planetas:
Oh! e se eu hesitar pudér na escolha
Um momento que fôr — maldicto seja.

Pedi-te o teu amor, dando-te em troca
Um coração fiel a amor votado,
Tu me juraste amor e lealdade:
Ai de mim se eu te fôr jámais ingrato.
Ai! d'esse, que brincar pode insensível
Co'ó sentimento mais sagrado e puro;
Ai! d'aquelle, que pode sem abalo
Ouvir do seu amor falar-lhe um anjo;
Ai! d'esse, que fingir pode nos labios
Amor que o peito seu jámais sentiu,
Que pode seduzir com baixas artes
Um coração talvez inda innocente,
Da dôr que lhe causou ficar se rindo,
Com infernal prazer gosar os males
De quem nem mesmo assim pode odial-o.

Porém oh! que elle mesmo é desgraçado!
 Viver e não amar, eis seu castigo
 Não provar o prazer quasi divino
 De dar o proprio bem pelo bem d'outro,
 Não saber o que seja ser ditoso
 Na dita d'um mortal, que nós amamos,
 Uma vida viver sem dôr nem gôso:
 Eis seu justo castigo e dura sorte.
 Mas quem pode depois de vêr-te, Eldina,
 Gabar-se de não ter jámais amado?
 Quem vendo os olhos teus, o teu sorriso,
 Que vida e sensação á rocha déra,
 Mais duro poderá ser que o granito?
 E eu que os pude vêr d'amor sorrindo,
 Que sei que elles jámais sem desagrado
 Outros encontrirão, que os meus não sejam,
 Eu poderei jámais deixar de amar-te?
 É possivel seccar gôtta por gôtta
 O vasto mar, que cerca em volta a terra;
 É possivel lançar do firmamento
 O só astro do dia, esmigalhal-o
 Em a cerrada mão, qual fragil vidro;
 É possivel fundir (todo o universo) ¹
 Depois co'um sôpro só lançal-o ao nada:
 Cessar o meu amor não é possivel.

Coimbra, 17 de março de 1846.

¹ Variante: *n'um ponto o mundo.*

À MESMA

Uma após outra já desappar'cérão
No céo azul as candidas estrellas,
A custo mal se vê luzir ainda
Teimoso scintillar d'estrella d'alva,
No céo oriental já se divisa
Desmaiado listão da côr da rosa,
E sobre minhas palpebras ainda
As azas não bateu o deus do somno,
Momentaneo remedio suggerindo
Com grato esquecimento ás máguas minhas.
Oh! quem narrar pudera as visões todas,
Que d'esta noute o somno afugentando,
Na ardente phantasia me cruzarão!
Bem quaes em céo d'outomno fôfas nuvens
Dos ventos impellidas se dão caça,

Tomando formas mil n'um só momento,
Na minha mente assim se atropelavão
Passadas scenas e visões futuras.

Passar mais que uma vez fiz na memoria
Com amargo prazer quantos momentos
Ao pé de ti gosei, amada Eldina,
Desde que te avistei a vez primeira,
Té ao nosso final, ultimo adeus;
Que a só consolação, que hoje me resta
Stá na lembrança de que fui ditoso,
E em não desesperar de sê-lo ainda.

Quão grato me não fôra vêr dourados
De Barcellos os campos sempre verdes
Por aquelle aureo sol, que vem surgindo
Detraz aquelle monte em mar de purpura;
Vêr o formoso globo pouco e pouco
Surgir d'entre pinhaes e derramando
Animadora luz por todo o valle,
Seus raios ir quebrar em varias côres
Do Cávado nas ondas buliçosas:
E contigo gosar tão bella scena.

Oh! quão ditosa foi aquella tarde
Quando juntos brincavamos no rio,
Em um fragil batel nos entregando
Ao travesso agitar das mansas ondas
Eu era o teu barqueiro, dirigindo
Com inexperta mão o vago rumo,

Té que saltando na fronteira praia,
 Sentar-te baixo vaes do castanheiro;
 E sobre a fôfa relva eu me inclinando
 Pousei no teu regaço a minha fronte.
 Brincava a tua mão no meu cabello,
 Teus olhos, onde brilha o fogo d'alma,
 Em muda linguagem me exprimião
 Quanto dentro em teu peito se passava.

O que eu sentia então como dizer-te?
 Como narrar-te os sentimentos todos,
 Que no meu coração luctavão juntos?
 A dôce embriaguez, em que elevado,
 Ardido te beijava a mão tão linda?
 As emoções, que n'alma me fervião?
 Oh! isto, encanto meu, pode sentir-se,
 Porém jámais narrar-se em lingua d'homens.

Quando o rio segunda vez cruzámos
 Já d'entre suas aguas nos sorria
 O trémulo clarão da argentea lua.

Já vem subindo o sol, e minha mente
 Ao tropel das paixões succumbe frouxa.
 Mal posso distinguir mesmo o que sinto
 E menos em palavras exprimir t'ô.

Adeus, meu dôce bem, que mais não posso,
 Já sinto ardôr febril subir-me á fronte,
 Meu coração, que só para ti pulse,
 Mal pode proferir saudoso adeus.

Mas crê que seu suspiro derradeiro
Será, bem como agora, adeus, Eldina.

Coimbra, 29 de outubro de 1846.

À MINHA IRMÃ

Linda noite d'estio! Quão serena
Do céu azul em meio impera a lua!
À calma succedeu a fresca briza,
Que com seu leve sôpro me bafeja.
Silencio é tudo em tórno, apenas se ouve
A cigarra cantar por esses campos,
Que com argenteo manto envolve a lua,
Da laranjeira sussurrar nas folhas
A branda viração de quando em quando,
E o vigilante cão ladrar ao longe.
Em aurea placidez descança o mundo.
N'esta hora tão solemne escuta oh! musa,
Q'eu vezes tantas invoquei outr'ora,
O meu ultimo pedir, meu rôgo escuta:
De minha irmã o natalicio dia

Ha de o primeiro sol marcar nascendo :
Dá-me pois tu para ella, dá-me um verso,
Que tudo diga quanto a alma encerra. —

Em vão espero, que uma só faisca
D'esse estro divinal na phantasia
Adormecida, extincta não me cáe.
Já o meu tempo de cantar vae longe.
O engenho me esfriou, perdi a arte
Perdendo as illusões, que lhe dão vida.
Seja assim, não mais quero cançar
Despiedada, inexoravel musa.
A rôta lyra, que p'ra sempre deixo,
N'este mirrhado tronco aqui penduro.
Se a musa é surda, o não será por certo
O supremo poder, a que recorro,
O não serás, meu Deus, em cujo agrado
O coração é tudo, e o verso é nada.
A ti só minhas súplicas dirijo,
Nem tu rejeitarás um voto humilde.
Deus grande, immenso, bom, de ti imploro,
Peço p'ra minha irmã a tua benção.

Ramalde, noute de 3 de julho de 1849.

DE L. BYRON

Sun of the sleepless!
(HEBREW MELODIES).

Sol dos que as noutes passam em vigias,
Melancholica estrella, que allumias
Co'os frouxos raios de longinquos soes,
Mostrando a escuridão, que não destroes,
Quanto similhas um prazer lembrado!
Tal, d'outros dias luz, brilha o passado,
Que, ainda entre as trevas resplandece,
Co'os raios impotentes não aquece.
Nocturna flamma, que o pesar vigia,
Vista, mas longe — clara — oh! mas quão fria!
.....
.....

FRAGMENTO¹

I

Olá, tu por aqui ? bem vindo sejas,
Amiga velha, musa. Se desejas
Alguma cousa vêr d'esta cidade
Ás tuas ordens tens-me. Com saudade
Dos floeos tempos me recordo ainda
(Era eu mais moço e tu tambem mais linda)
Em que andámos, assim vos encontrando,
D'outra cidade as cousas admirando.
Certos mysterios te aclarei então
E bem caro paguei a indiscreção.
Mas não importa. Quero uma vez mais
Ser teu guia e mentor. Para onde vaes ?

¹ Este fragmento parece ser uma continuação do poema
Apostrophe á musa, acima publicado.

(N. do editor.)

Não tendo casa que offerecer-te possa,
Que mal chega p'ra mim a pobre choça,
E primeiro que tudo as apparencias
Convém salvar, que muitas excellencias
A ellas devem o que são e valem.
Portanto para que as linguas más não falem
Vou no hotel te alojar dos estrangeiros.
Dos conselhos porém entre os primeiros
Que tenho a dar-te, busca conservar
Este bem na memoria : não vás dar
O nome d'estalagem, hospedaria,
Ou qualquer outro assim, que a aviltaria,
À casa para onde vaes. Prova bem triste
De rustico darias, pois consiste
Hoje em dia o bom tom, o *distingué*,
Um dos nomes francezes ao que é
Mais vulgar e usual, e para o que tem
Nossa lingua termos que tão bem
Ou melhor o exprimem Assim deve
Dizer *hótel*, fazendo a ultima breve,
Quem aos fóros de gente boa aspira.
Mas se crês que esta termos taes prefira
Aqui t'ó digo eu, 'stás enganada.
Corre a cidade que se a mais rafada
Taberna ou tasca suja e tenebrosa
Encontrares que em vidro côr de rosa,
Ou antes côr de fumo não ostente

Do hotel de tal o nome em transparente,
Da lot'ria um bilhete perder quero.
Nem é só isto, mas em breve espero
Dar-te um vocabulario que compondo
Ad usum elegantium 'stou, suppondo
Que deva a obra ter acceitação.
Talvez seja isto em mim só presumpção;
Porém se ella não fôsse, quem veria
Tanto impresso *engendrar* semsaboria?
Mas perdão, musa, agora tão sómente
Vejo que com conversa impertinente
Aqui mesmo no caes te estou detendo
Com pouca cortezia, e isto devendo
Tu da viagem vir bem fatigado.
Falar, falar, falar, sem dizer nada
Que balda d'orador, e para teu mal
Foi logo dar-me para prégar moral.
Mas é já tempo, enfim vamos tomar
Agora um carro alli: cumpre notar
Que para dama de tal prosopopeia
Um carro d'aluguel é cousa feia.
Mas tem paciencia só por esta vez
Que remedio não ha, como bem vês.
Depois te hei de ensinar como se acode
A esta necessidade, e se pode
Em carro andar de praça ou emprestado,
E aos olhos do vulgo deslumbrado

Passar por ter lacaio, bestas, trem,
E tudo então sem professar vintem.
Ha entre nós sujeitos que tem quêda
Já para supprir, já para fazer moeda.
Que um segredo é este especial
Que nem todos comprehendem; mas ha tal
Que com tanta apurada perfeição
Sabe a arte praticar, que com razão
Pergunta a gente se elle da alchimia
Os arcanos talvez descobriria.
Mas tambem poderião os lapuzes
Admirar que para seculo das luzes
E dos melhoramentos materiaes,
Se reservasse entre outras cousas mais
A feliz descoberta da afamada
Pedra philosophal tão desejada.

Deixemos, eis o carro, o caes e a praia,
Que este cheiro não é da melhor laia,
Nem é, bem vejo, com prazer que tomas
Da calma briza do mar estes aromas.
Mas que pela cidade te internando
Has de ir a tal respeito melhorando,
Não posso prometter. Antes prudente
Me parece levar constantemente
O frasquinho de essencias preparado;
Mas isto é só emquanto costumado
Tu o olfacto não tens a taes odores,

Que ha de tudo depois cheirar-te a flôres.
 Ao menos é o que succede a nós,
 E quando assim não seja, ainda após
 Deve uma esp'rança grata te restar
 Para tão grande mal remediar:
 Já se *estuda a questão*.

Ora, é sabido

Que com isto o peor está vencido,
 E os netos poderão, o rôsto enxuto,
 Do vosso estudo aproveitar o fructo,
 Restando-lhes sómente a ninharia
 De dar execução á theoria,
 E isto, se proseguindo o mesmo estudo,
 Nada acharem melhor por fim de tudo.
 Carros ou carros não, eis a questão.
 Solvida aquella, logo outras surgirão.
 Estudamos assim de outras nações
 As mais modernas instituições,
 E quando o estudo emfim por prompto damos,
 Que ellas para lá velhas são, achamos,
 Limpeza, estradas, colonisação,
 Posturas, calçamentos, cousas são
 Que a perpetuo estudo condemnadas
 Nunca d'elle hão de ser emancipadas.
 Irra! apre lá, que horrivel solavanco,
 'Scapamos por um triz de tal barranco.
 N'esta rua infernal quebra costellas

Vês quão bem guarnecidas as janellas
 A estas horas 'stão? Vem sempre as bellas
 Ao despegar da agulha tomar ar.
 Não vás agora tu tambem tomar
 O dito ao pé da lettra inteiramente,
 Como se ellas viessem realmente
 De largar a costura. O dictado
 Dos tempos data ainda em que cuidado
 As mamãs dava de coser o ensino,
 Com que, segundo conta o Tolentino,
 A amiga ir vêr a amiga era funcção,
 E junto d'ella merendar no chão.
 Hoje a educação é mui diferente,
 Bem mais civilisada e mais decente.

.....
 Só devem quando muito abdicar,
 Que fôra tudo o mais retrogradar
 Ao barbarismo antigo, que pensava
 Que saber toda a moça precisava
 Bem coser, engommar e até convinha
 Que ella entendesse um pouco de cozinha
 Se quer ao menos para saber mandar.
 O que se poderia assim formar
 Com estas prendas? Uma cousa fria,
 Qu'então mulher de casa se dizia,
 O ente mais prosaico e mais plebeu.
 Inda bem que o costume se perdeu.

Hoje a sinhá apprende a engolar
 Um pouco de francez, logo a dansar,
 Tocar assim, assim, a cantar mal,
 E embora de instrucção sem um real

.....
 Por mais completa, affiançar te posso,
 Passará da menina a educação,
 E será tida ella em qualquer salão
 Por discreta, prendada e espirituosa.
 Como dizia, a hora mais geitosa
 Esta é para namorar. Não vês...
 E adamados os nossos peralvilhos
 Acima e abaixo as ruas passeando,
 De carruagem, a pé ou cavalgando,
 Para as janellas fazendo macaquices,
 Tregeitos, gatimanhas, mil tolices.
 Porém de namorar os varios modos
 Cantar agora não t'os posso todos.
 Outro dia o farei, embora a esmo,
 Nem 'squecer, adiar é sempre o mesmo,
 Salvo das leis nas fabricas modernas,
 Chegamos afinal, agora as pernas
 Um pouco deixa vêr ao apear-te
 (Isto se n'ellas crês poder fiar-te).
 Assim, assim, meu bem, mas então agora
 E com tom e arreganho da senhora
 Pede o melhor salão, melhor serviço,

Verás que bom effeito produz isso.
Exigindo o melhor alojamento
Por dama passarás d'alto espavento
E na paga ninguem terá cuidado,
Tu muito menos. Temos conversado
Já para hoje, porém inda vos fica
Oh! muita cousa, que a colheita é rica.

.....
.....

II

Bom dia, excellentissima, parece
Não te ir mal por aqui, pois resplandece
De frescura e saude o teu semblante.
Assim não 'stá bom isso; se interessante
Te desejas fazer, tornar convem
Côr de banana as faces e a ninguem,
Ingenua, confessar que passas bem:
Mas do estomago sempre e do nervoso
Em tom queixar-te deves lastimoso,
A todo o mundo expôr teus soffrimentos
E que p'ra assim dizer sem alimentos,
De pão só vives com manteiga e chá,
Sendo duas batatas e um cará
Co'um boccado de dôce o teu jantar.
Mas se estás prompta, vamos passear.

Para entretermos a manhã, faremos
 Algumas visitinhas, pois poderemos
 Ao menos permittir-nos hoje um vicio
 Que é para tanto vadio unico officio.
 A casa iremos d'uma tal marqueza,
 Que apesar de dever á natureza
 Mui pouco, ou nada até, ser mesmo feia,
 Qual serpente, lacraia ou centopeia,
 Em virtude não passa por dragão:
 Julga porém, não sei se com razão,
 O bom marido que sómente quem
 Nem perdão visto nem desculpa tem
 São os que fazem só por devoção
 O que elle cumpre por obrigação.

Agora para não causar-te espanto
 O fausto que verás, e luxo tanto,
 (Não penses que te impinjo alguma galga)
 Devo dizer-te que p'ra tal fidalga
 Andar de côche sempre e *cabriolet*,
 Tem mais do que um credor que andar a pé.
 P'ara descargo, porém, da consciencia,
 Digo-te que nem só sua excellencia
 'Stá n'este caso. Um dia irei contigo
 A casa d'um lojista, meu amigo,
 Onde um livro verás mui curioso.
 De culpados um rol mais volumoso
 Nenhum 'scrivão terá, nem o do céu

O archanjo São Miguel no livro seu,
 No famoso *razão*, onde lançando
 Terriveis contas vae ao miserando
 Genero humano, poderá mostrar
 Variedade tanta p'ra encantar.
 Basta dizer que no tal livro assente
 Tem o meu homem quanto impenitente
 Peccado tem culpas no cartorio
 De viver em perpetuo regalaro
 Sem deixar por tão pouco. O livro emfim
 (Francamente é melhor dizel-o assim)
 É destinado ás dividas perdidas
 Dos guapos cavalheiros e garridas
 Damas gentís, de cuja freguezia
 Se orgulha a loja. Quanto lucraria
 D'este livro co'a vista quem no mundo
 Vae estrear sem conhecel-o a fundo?

Bem podes calcular que o tal lojista
 A todos não franqueia esta util vista ;
 Mas como d'apparecer tens nos salões
 Onde deslumbrão estes figurões,
 Que não haja farei p'ra ti mysterio ;
 Faze porém por não perder o sério
 Quando soberbos e por teus encantos
 Affectando desprêzo, vires tantos
 Fôfos embofias arrotar grandeza,
 E altas damas. com fóros de nobreza,

Que andão por funcções lambendo pratos,
Levar fiadas luvas e sapatos.

Se p'ra os passaportes exigida
Chegasse um dia a ser folha corrida
Nas lojas da Quitanda e Ouvidor,
Quanto conde, barão, commendador,
Embora com acções da ferrea-via,
Nem d'ella aproveitar-se poderia!
Nem a metade então dos passageiros
Levarão os paquetes estrangeiros.

Bem ; de nossa marquezia em casa estamos,
E enquanto n'esta sala aqui 'speramos
Que a senhora se digne receber-nos,
A respeito podemos entreter-nos
D'essas senhoras que comnosco esperão
E todas cumprimentos te fizerão.
E para isso tempo não nos faltará,
Pois que a dona da casa não se dá
Assim com meia duzia de razões
Prompta para descer aos seus salões ;
E depois que das mãos de vinte negras,
Guardadas todas as devidas regras,
Sáe lavada, vestida e penteada,
E não sei se pintada e enchumaçada,
Inda ella vinte vezes ante o espelho
Passa, repassa e mira ; até o artelho
Os vestidos levanta para vêr

Se o pé 'stá bem calçado; e a se torcer
E endireitar de novo principia,
E a descer mais inda a cintura esguia
Ante o vidro fiel, e n'elle faz
Por vêr-se por deante e por detraz.
Logo examina bem se as saias postas
'Stão por tal arte e geito, que das costas
Tres palmos pelo menos se destaquem.
As negras chama para que lh'ataquem
Dos botins os cordões mais um bocado,
E vezes cinco a seis o penteado
Desmanchar manda já, pois levantando
Dá para baixo de mais. E reparando
Que dentro do chapéo que se estreando
Sahira hontem pela vez primeira,
Mas que em cima inda já d'uma cadeira,
Inteiramente a gosto está deitado
O *seu gatinho* rruí repoltreado,
Grita á mucama que lhe diga «sape!»
E melhor o chapéo resguarde e tape.
Ora isto, como vês, seu tempo leva
Que com conversas entreter releva.
Aqui perto de nós este senhor,
Amarello e pequeno, é escriptor,
Que quando mal não faz, faz folhetins
Com fadas, anjos, nymphas, cherubins,
Apenas elle sem pagar vintem

O canto d'uma folha a custo obtem.
Quer trate de operas, quer de sermões,
Logo encontra logar, acha razões
Para trazer á baila a sua amada,
Gabar-lhe os olhos, mais a tez rosada,
E elle dá voz aos brutos animaes,
Ás flôres, ondas e outras cousas mais.
Gorgeios, lua, sol, nada se cala,
Té o proprio silencio tambem fala.
Outras vezes, com bellas expressões,
(São francezes, já se sabe, os palavrões)
Com revistas de bailes e funcções
Descreve elle das môças mais bonitas
Penteados, vestidos, laços, fitas.
Chama isto *toilette*, chama-as a ellas
Sylphides divinaes, chama-as *de* bellas
(O *de* depois de chama é phrase d'elle).
Já podes este descontar d'aquelle
Ninho de namoros que explicar
Promettido te havia. É forcejar
Para se conseguir d'algum jornal
A redacção do artigo semanal,
Ou a admissão, se não puder ser mais,
Assim d'uns folhetins occasionaes.
Obtendo-se isto fica-se em estado
Incenso de queimar ao bem-amado
E até armado para fazer conquistas.

Nenhuma dama quer jogar ás cristas
 Com quem dispõe de publicas columnas
 Para n'ellas pelejar as suas punas.
 Demais, para vencer uma cruel,
 Basta a esp'rança de em qualquer papel
 Posta em lettra redonda figurar
 Na ordem do dia vendo-se entrar
 D'alguma *funcçanata ou bailareco*,
 E isto consegue-o tanto *badameco*
 Affeito a dar em tudo basto e sota
 Que em artigos só proprios *da marmota*
 As paginas abundão officiaes
 Das mais sizudas folhas e jornaes
 Ou é do bello sexo o brilhantismo
 Ora tanto elegante madamismo,
 Ou a intérprete Fabia e a marinha
 Um par de nymphas, aquella moreninha,
 Mãos d'anjo, pé divino, olhos mortaes
 E dez mil outras pachuchadas mais.
 E isto tudo co'um longo calendario
 De bellas descripções de vestuario,
 Que tim tim por tim tim são copiadas
 E do *Journal des Demoiselles* tiradas,
 Nem sequer traduzidas.

Bem, aquelle
 N'um canto alli vês? Um poeta é elle
 E para versos fazer tudo lhe presta,

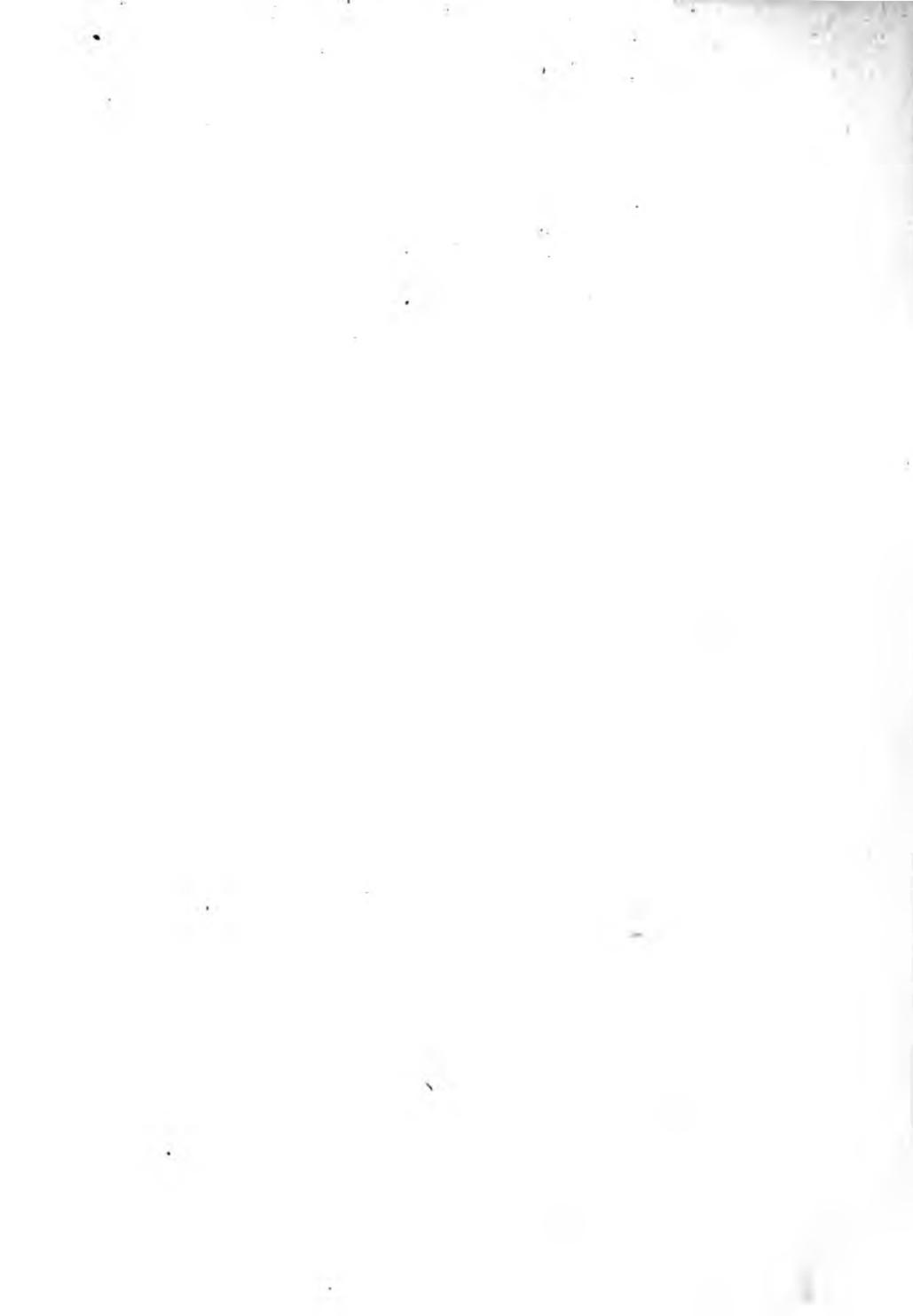
Commenda, baptisado, morte, festa,
 Casamento, sermão e missa nova,
 E se os versos são mina a toda prova,
 Sans *teeth*, sans *feet*, sans *taste*, sans *en'rig thing*,
 Bem basta para o auctor que a cousa pingue.
 Impingem-nos assim em fins diversos
 Linhas deseguaes fingindo versos,
 Por um papel medidas posto em cima
 Quanto a rima,
 Nem essa, quando a ha, é sempre pura.
 Conheço uma sujeita já madura

 Que mal nas folhas vê linhas quebradas,
 Sem lêl-as logo diz: «Temos asneira»,
 E rara vez se engana a tal bregeira.
 A marqueza não vem; vamos embora,
 Que do jantar já se aproxima a hora.

INDICE

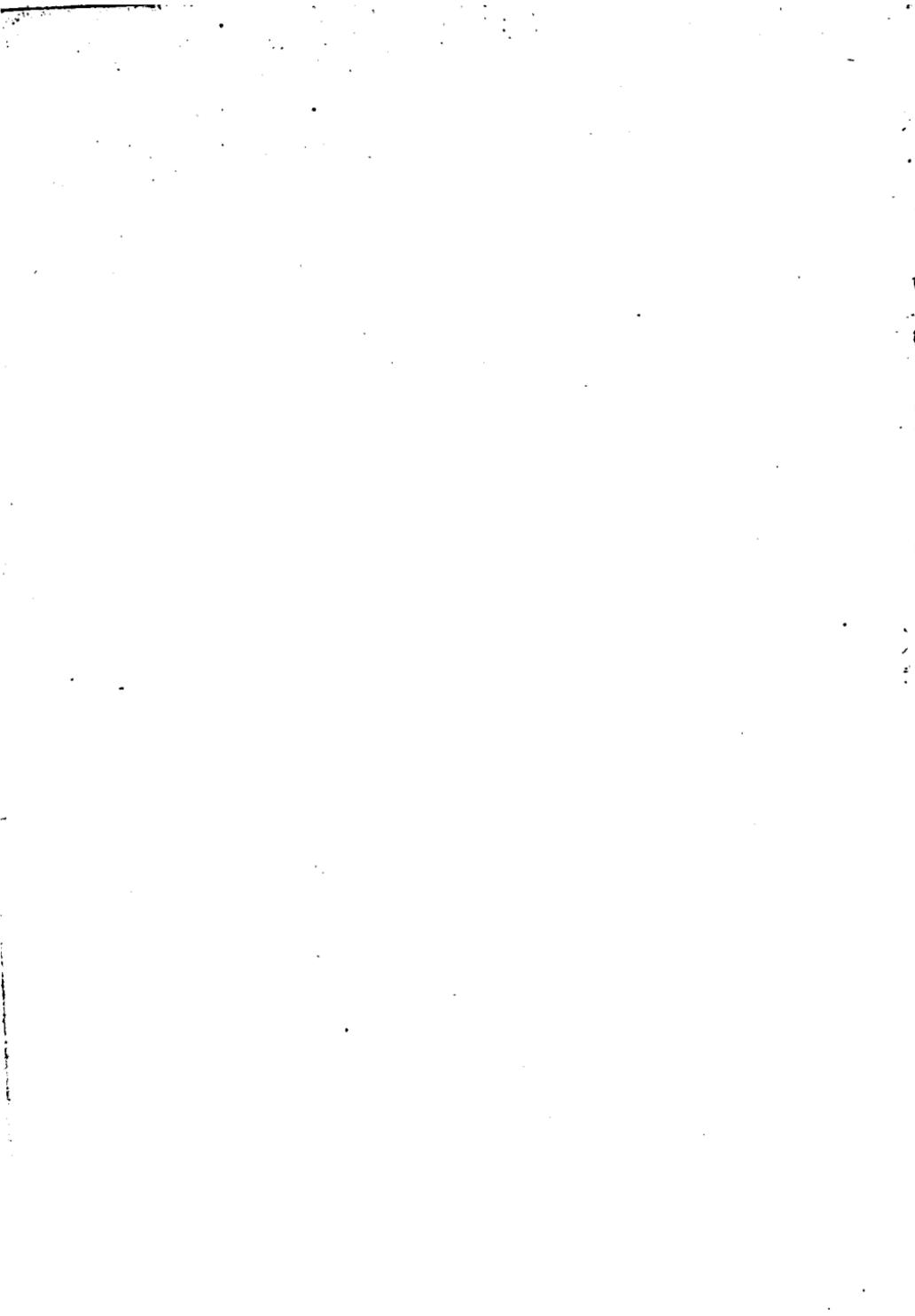
Poemas	3
Recordações amorosas.....	39
A despedida	81
Apostrophe á Musa.....	131
Sonetos	167
Poesias avulsas... ..	193

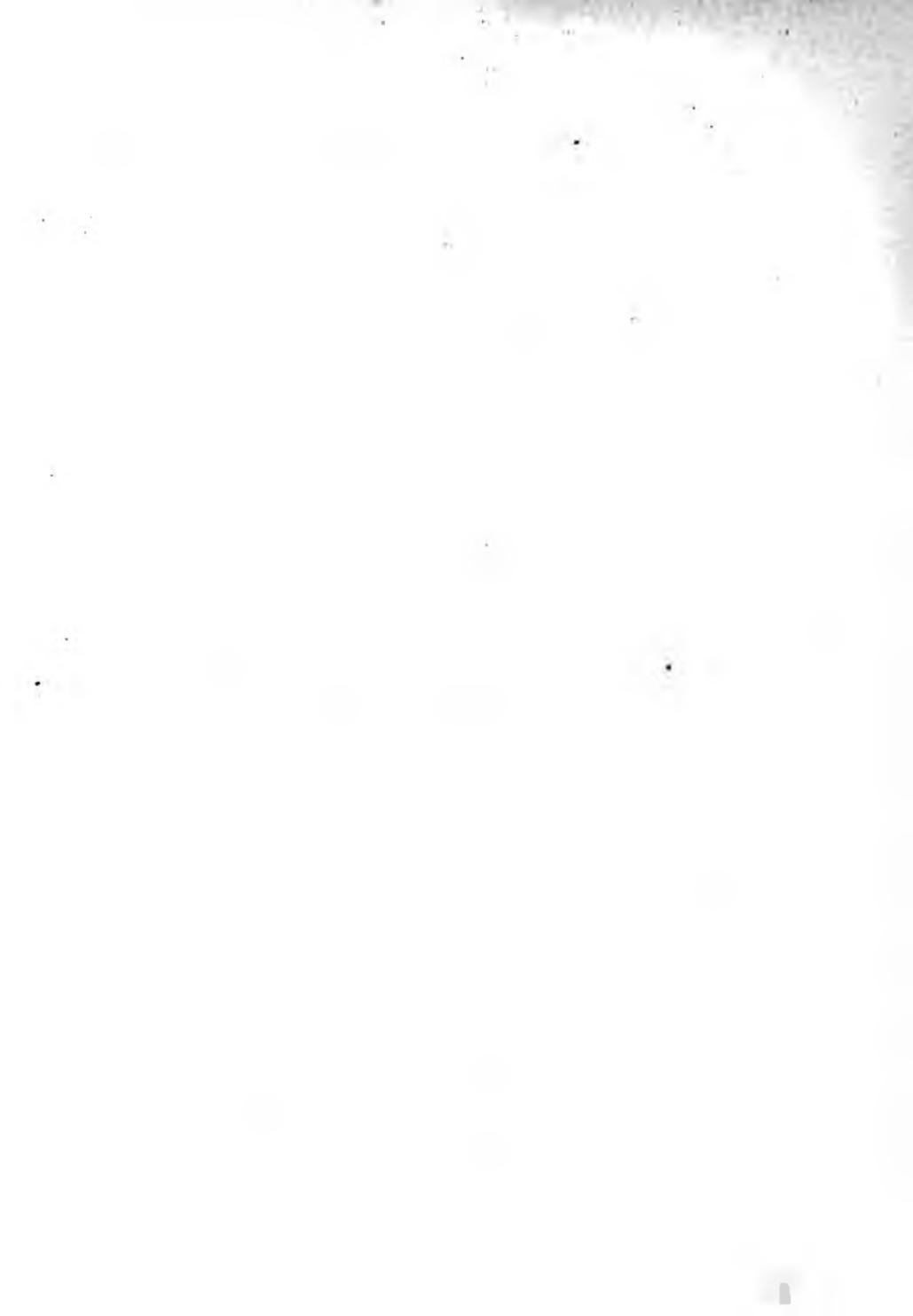


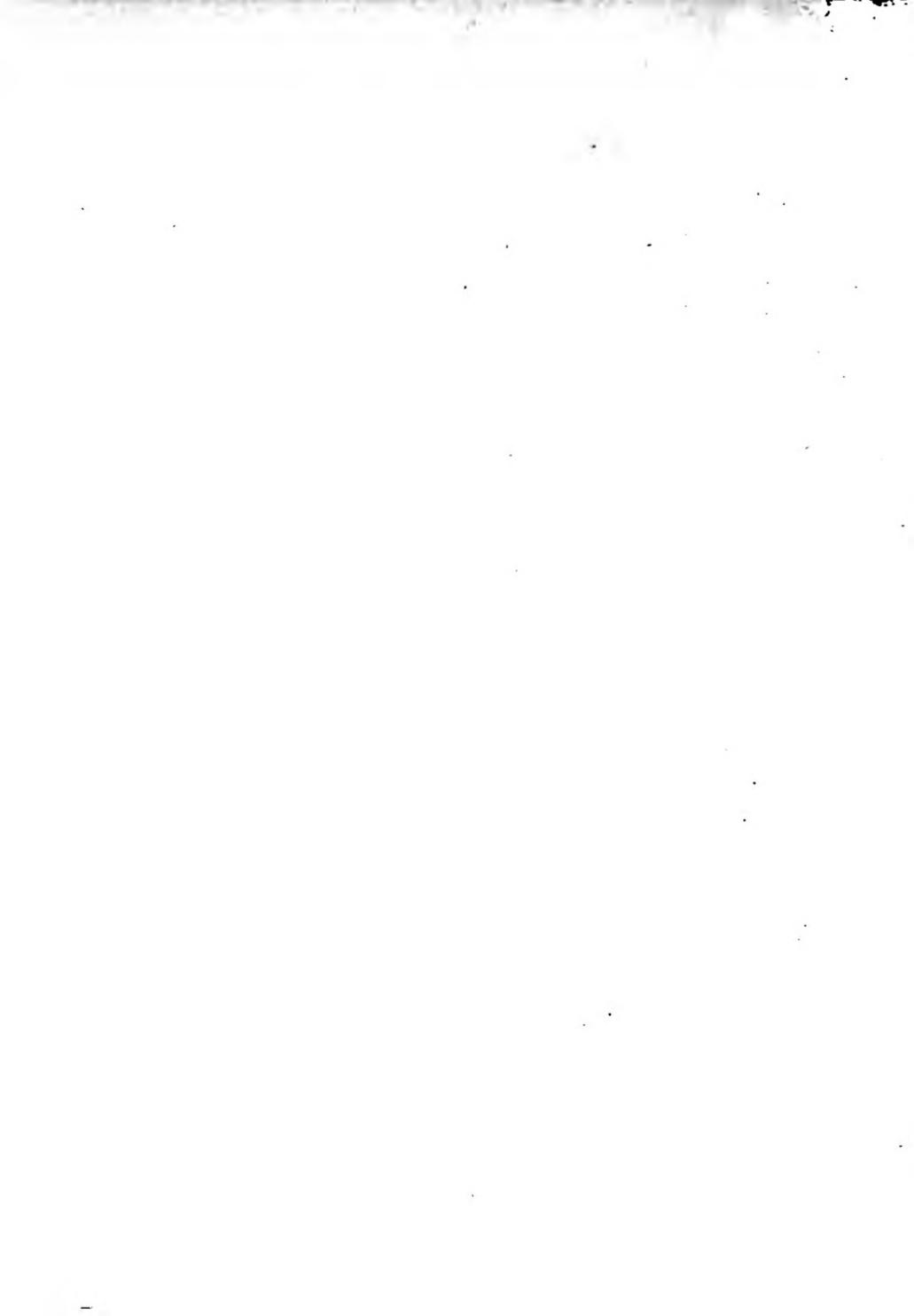












This book should be returned to
the Library on or before the last date
stamped below.

A fine of five cents a day is incurred
by retaining it beyond the specified
time.

Please return promptly.



3 2044 094 368 073

